

lanço o mais pequeno vilipendio em os nossos intrepidos marinheiros; elles fizeram sempre o seu dever; mas se os necessarios arranjos se tivessem feito, e Sir J. B. Warren tivesse as convenientes instruções; toda a esquadra Americana estaria agora em os nossos portos. Nos não teriamos que nos queixar da tomada de nossas fregatas, e não se teria sentido o choque da consternação por toda a Grao Bretanha. Alguns chamarão esta perda insignificante, outros a exaggerarão; nem huns nem outros tinham razão; mas o sentimento geral de indignação que ella occasionou, he hum sentimento digno de amar-se e de manter-se. O sacro encanto da invencibilidade da marinha Ingleza cahio por terra; e por mais prompta que termine a guerra, espero que ella não remate, sem que se restabeleça o nosso character e vejamos soffucados em victorias os dezastres que agora lamentamos. Chamado a declarar se eu conservava os sentimentos que d'antes expremi, sou obrigado a dizer francamente, que a minha opiniao se não tem somente alterado, mas se tem de mais a mais confirmado pelos subsequentes acontecimentos. A demora he muitas vezes destruição para nos, e o vigor he muitas vezes destruição para os nossos inimigos; e em quanto os negocios no lado opposto do Atlantico estavaõ suspensos, em quanto pendiaõ as eleições que deviaõ por na Cadeira Presidencial Mr. Madison, arch-inimigo deste paiz, podia-se ter dado hum golpe decisivo, que tivesse feito voltar a grande onda da opiniao popular, e ter-se hiaõ evitado as consequencias de huma longa e ruinosa guerra. Eu lamento para folecidade do genero humano que se não hajaõ feito aquelles vigorosos esforços: e ainda que não estou disposto a desnecessarias crueldades, e não dezeria sustentar a triste effusão de sangue humano, com tudo se algum acto de vingança assignalado se tivesse feito naquelle parte da costa mais ligada aos interesses da França, teria sido pelo menos huma util lição, e preveniria a continuacão da guerra. Eu protesto contra a tolerancia, por que em taes cazos a hesitação he crueldade. Qualquer que seja o resultado da lucta, depois da declaracão dos Estados Unidos, este paiz se apresentará firme aos olhos do mundo e da posteridade; mas de huma so anomalia, no exito desta contenda pela liberdade e justiça com a America, que pertende aviltar o nosso character, e estropiar os nossos recursos, depende não so a independencia da Europa, mas talvez, em ultimo lugar, a liberdade da mesma America.

Mr. Croker esperava que o clamor erguido contra o Governo deste paiz, por falta de medidas tomadas contra a America, seria julgado sem fundamento. O illustre Mem-

bro concluiu por ler parte de huma carta de Mr. Monroe, e Mr. Foster, para mostrar a disinclinação do Governo Americano em restituir os marinheiros Inglezes, aliciados ao seu serviço.

Depois de algumas observaçoens, a questao foi posta, e decidida *nemine contradicente*, e nomeou-se hum commité para dispor o Adresse em forma.

REZUMO POLITICO.

No actual momento de pausa em todo theatro da guerra, ha consiguientemente escassez de noticias; tendo se limitado, tanto em o Norte, como na Peninsula, o seu estado progressivo especialmente a operaçoens preparatorias. Mas estas saõ tam activas e extensas, que no principio da campanha proxima, promettem renovar a mais vigorosa contenda, e com toda a probabilidade decidiraõ da sorte da Europa, no decurso do prezente anno. O quartel General do Exercito Francez do Norte estava, como se vio, em Posen. Os Austriacos tinhaõ-se retirado 206 milhas para as fronteiras da Hungria superior. Ha esperanças de que se forme huma alliança deste ultimo paiz assim como da Dinamarca com a Graõ Bretanha, com quem ja concluiu huma pacificação, por meio de Mr. Thornton. Os Papeis Francezes, como era de esperar, saõ inteiramente silenciosos sobre os movimentos ulteriores do exercito Russo; mas elles continuaõ a asseverar a segurança da fortalez de Dantzic, e a mostrar grande empenho em contradizer as relaçoens da communicação interceptada entre aquella praça, e os Quartéis Generaes, o que deixa ver consideraveis receios da parte do Governo Francez. Annuncia-se que se está meditando huma mudança no governo provisional de Berlin.—O fraco monarca Prussiano está ainda debaixo da tutella do Embaixador Francez, e pouca piedade deve a sua sorte merecer as potencias independentes pela irrezolucao que elle tem mostrado tanto em seos conselhos, como em sua conducta.

Tem se espalhado que as forças Francezas se retiravaõ da Hespanha. Dezia se que Soult tinha sido chamado a Pariz com 30,000 homens, o que parecia confirmar-se pelas cartas de Bordeaux que referiaõ que grandes corpos de infantaria e cavalaria tinhaõ passado os Pyreneos para o interior da França. As ultimas mallas de Lisboa favorecem

Igualmente a esperança da retirada dos Francezes para o Ebro. Nos concebemos que Bonaparte se verá obrigado a tirar grande parte das suas tropas de Hespanha especialmente cavalaria, para arrastar os novos conscriptos a outra companhia da Russia, e reparar as immensas perdas que a ultima lhe custou; tendo sido constantemente o seu plano por as suas tropas bizonhas debaixo dos seus veteranos. Neste cazo esperamos que no verao proximo se effeitue o total livremento da Peninsula. Nao obstante os ultimos avizos da Alicante e Corunha fallarem pelo contrario do immediato commeco de activas operaçoens da parte do inimigo, depende das forças e do chefe do exercito Alliado por hum termo aos horrores que a tanto flagellao esta bella parte do continente; se huma sincera e activa co-operaçao se fizer da parte dos Hespanhoes; como tudo nos promette esperar.

As noticias do novo mundo, no curto intervallo deste inverno mez, tem sido tam escassas como as do continente. As duas feçoens da historia Transatlantica mais notaveis, saõ o bloqueio da Nova York por Sir John Borlase Warren, e a confirmaçao da morte de Mr. Joel Barlow, Ministro Americano na Corte Franceza. Como este Ministro de inimigo violento que era de Napoleon, se tornou o seu mais ardente partidista, he de esperar que a sua morte produza alguma mudança nos Conselhos Americanos a respeito da influencia Franceza.

A bella declaraçao da Suecia he de hum favoravel agoiro para a boa cauza. Ella deve lembrar aos Allemaens o exemplo que tem a seguir, e as longas injurias que tem a vingar. O nome glorioso de hum Principe sabio e guerreiro despertando a coragem nacional e formando a independencia dos Suecos, serà de hum grande insentivo para os povos da Germania, que vem chegar o apeteçido momento do seu resgate, na completa soluçao do systema continental.

As mallas ultimas de Gottenburgo trazem noticias de Heli-goland que referem approximaçao dos exercitos Russos á Berlin e a queda de Dantzic; estes acontecimentos com tudo bem que nao possaõ hoje confirmar-se, nao podem tardar muito tempo. A Prussia debaixo da influencia regeneradora da invicto Alexandre pode rapidamente recuperar a sua independencia e dar o exemplo aos mais reis vassallos de Napoleon. As medidas da Austria, assim como os seus exercitos apresentao hum caracter de hesitaçao e perplexidade; e he notavel, que nem ella nem potencia alguma connexa com a França tenha ainda mandado hum so regimento para reforçar o grande exercito, a pezar das jactanciosas narraçoens dos papeis Francezes.

Tentando encobrir a immensidade das suas perdas, envernizando as ruinas do seu poder com a fútil linguagem da ostentação, e da frivoloza, o tyranno da França busca todos os meios de impor as potencias connexas com elle, para ver se repara dezastres, que não podem occultar-se, e que lhe agoirao a sua proxima queda. “Elle diz que esta contente com os seos Alliados;” mas elle não nos diz quem elles são. “Elle não abandonará nenhum delles, conservará a integridade dos seos estados.”—Esta lingoagem não he de certo applicavel a Austria, e seria absurdo applicala a Prussia, nas actuaes circumstancias. Elle falla sem duvida desses mizeraveis Principes da sua creação; elle não os abandonará; mas a questao he se elles o abandonarão. Da mesma sorte elle não abandonará a Hollanda, Hamburgo, e o mesma Hespanha, mas estes paizes hao de necessariamente tirar-se das suas garras; e nem a adulação do senado, a exposição burlesca dos seos grandes recursos, a sua concordata com o Papa, e nova intervista com o Imperador da Austria, poderão restabelecer-lhe negocios, e hum credito, que perdeu para sempre a sua derrota em Berezina, e vergonhosa fuga de Smorgoni.

A guerra d’America tem sido o topico principal que ultimamente se tem descutido em ambas as Camaras do Parlamento Britanico. Na falla que transcrevemos de Mr. Canning, se ve qual tem sido a marcha da politica Ingleza, a respeito daquella parte do mundo, e os sentimentos que ella exprime mostrão bem o modo porque tal guerra he olhada neste paiz; e sem muito custo se pode prever quaes serao as seos finaes resultados.

Os jornaes Inglezes tem ultimamente engrossado as suas columnas, e exhibido com larga profuzao os seos cabedae oratorios nos commentos, e observaçoens que tem feito sobre a carta da Princeza Carlotta a S. A. R. o Principe Regente. Por não ser do nosso dstricto, como jornalistas estrangeiros, occupar-nos de objectos particulares, e domesticos que nenhuma relação tem com o mundo politico, não transcrevemos aquella carta, que nada contem, as nosso modo de ver, que possa affectar ainda da maneira a mais leve o respeito devido ás Illustres personagens da Caza Reinante.

Neste mesmo instante recebemos os papeis de duas mallas de Gottenburgo, de sete que estão vencidas. Elles trazem os officios do Principe Kutusoff Smolensko ate 19 de Janeiro, que por falta de tempo não transcrevemos: mas cartas de Elsineur, Gottenburgo e outros lugares referem os progressos triumphantes das armas Russas ate huma data ulterior. Em suma. referem estas agradaveis noticias, que esperamos se verefiquem—e são, que o Principe Schwartzenberg assig-

nou huma convenção, para retirar as suas tropas para Galicia,—que os Russos entraraõ em Varsovia,—e que o Grao Duque Constantino foi declarado Rei da Polonia.

PETIÇÃO

Aos Illustres Membros de Camara dos Communs do Reino Unido da Gram-Bretanha e Irlanda, os Negociantes de Vinho na Gram-Bretanha, Corresponentes da Companhia Real dos Vinhos do Porto, abaixo assignados.

REPRESENTAO

Que pelos fins da ultima Sessão do Parlamento se apresentou á esta Illustre Camara huma petição por certas pessoas que se diziaõ ter sido Membros da Feitoria do Porto, cujo objecto era obter a abolição da carta de privilegio da Companhia Real dos Vinhos, pela intervenção desta Illustre Camara, debaixo do pretexto, que a dita Companhia fora estabelecida para excluir os vassallos da Sua Magestade do commercio dos vinhos de Portugal; e que em consequencia desta petição, o Governo Britanico recorreo ao Governo Portuguez no Rio de Janeiro e Lisboa para exemptar os Negociantes Inglezes em Portugal do gravame de todos os privilegios da Real Companhia dos Vinhos, por serem incompativel com o livre e não restricto commercio exercido pelos vassallos Britanicos no Reino de Portugal, em conformidade das estipulaçoens do Artigo 25 do tractado de commercio.

Os supplicantes tem toda a razão de temer, que se aquella medida, no estado actual dos dous paizes, se julgar como equivalente ao exigir-se a abolição da carta de privilegio da companhia, ou de quaesquer regulaçoens, que a façao nugatoria; e se ella foi promovida no conceito, e debaixo da idea, que o objecto fora ja plenamente investigado neste paiz, a consequencia immediata será huma inundação na Gram-Bretanha de composiçoens artificiaes debaixo do nome de Vinho tinto, e prejuizos consideraveis ao commercio, navegação, e direitos dos dous paizes.

Que para dar força ao seu requerimento, a Petição parece conter huma opiniao a seu favor dos Lords da Junta do com-

mercio ; mas tendo-se dirigido os supplicantes a dita Repartição para saber os fundamentos sobre os quaes tal opiniao fora dada, forao informados, que aquella opiniao fora dada há cincoenta annos, e que não se achava documento algum para mostrar o seu fundamento, ou sobre que investigação fora dada. Por esta resposta, assim como d'ou-tros documentos, ha razão de crer, que esta opiniao dos Lords da Junta do commercio forao resultado de allegaçoes *ex parte*, dadas ao estabelecer da companhia, e antes de se poder sentir os seus effeitos ventajosos, e que se estas allegaçoes podessem ser produzidas hoje se acharia que forao resultado d'interesses malogrados e de receios mal fundados, e não de huma investigação de factos, tendo sido impossivel indagar se jamais a companhia, ou algum de seus correspondentes, forao chamados para responder a estas allegaçoes contra elles, antes de ser dada tal resposta.

Que não obstante as grandes queixas feitas por aquellas pessoas dos agravos, e incommodos a que, estao sujeitas, e em lingoagem que pode induzer esta Illustre Camara a suppor, que são de recente data, e que tem anniquilado o commercio Britannico de vinhos em Portugal, he facto certo, que nenhuma nova restricção forao adoptada, ou posta em execucao e aquellas que fazem o objecto de queixas forao estabelecidas para impedir os Negociantes Britanicos do Porto, de comprar aquelles vinhos que antes de 1756, erao empregados para adulterar o vinho do Porto, ate chegar a huma deterioração da sua qualidade, tal que foi pronunciado em Inglaterra, pelos Medicos, prejudicial a saude, e os supplicantes podem provar que a companhia foi estabelecida, e as restricções impostas unicamente para prevenir a ruina do commercio, pela adulteração dos vinhos.

Os supplicantes observaõ que na peticao se diz, que a importação media de huma seria de annos e que pagou Direitos fora 50 mil pipas ; em quanto elles estao persuadidos pelo contrario que a maior serie d'importações, occasionadas por circumstancias particulares foi de 1797 até 1806, em que a importação annual, por dez annos, foi somente 47,152 pipas, e d'esta mesmo deve ser de duzida a re-exportação annual certa de 2,208 pipas, o que deixa só 44,944 pipas para direitos de consumo, e que esta quantia mesma, he muito maior de que aquella que foi jamais consumida na Gram Bretanha.

Que a importação de 18,378 pipas, somente, em 1811 não foi occasionada porque o preço dos vinhos augmentou, com o Monopolio da companhia dos vinhos, e porque os supplicantes não forao a tempo de o prevenir, em consequencia de serem mandados embora do Porto ; mas occasionada pela grande applicação de vinhos para o consumo do Ex-

ercito em Portugal, e mais particularmente pela excessiva, quantidade de provisoens deinhos (debaixo de fiança) na Gram-Bretanha, pelo excessso d'importação sobre o consumo nos ditos dez annos; e que por isso, os Direitos não foram prejudicados pela diminuição d'esta Importação, estando no fim de 1812. depois de huma ainda mais insignificante importação, perto de 50 mil pipas nos armazens promptas para pagar direitos, se houver necessidade de os fazer sahir, para o consumo.

Que elles tem provas para crer, que se a carta de privilegio fosse tirada a companhia real dos vinhos, a maior parte dos vinhos do Porto seria misturada com vinhos delgados e acidos, que seria depois apromptado com agoa ardente succo de sabugueiro e outros ingredientes inebriantes para lhes dar cor e força artificial, por que esta tem sido a pratica antes do estabelecimento da companhia, e tal procedimento, como ja se disse diminuiu a venda dos vinhos do Porto.

Que a companhia real dos vinhos foi primeiramente estabelecida em 1756, por vinte annos, e teve duas vezes renovada a sua carta de privilegios, em consequencia das vantagens que tem produzido; que em 1747 dez annos antes do estabelecimento da companhia, so 19,420 pipas foram exportadas do Porto. Em 1754 esta quantia diminuiu a 13,820 pipas em 1755 diminuiu mais a 12,869 pipas, e em 1756, anno em que a companhia foi primeiramente estabelecida, se reduzia a 12,111 pipas; mas que no anno de 1757, immediatamente depois do estabelecimento da companhia, augmentou a 12,488 pipas, e desde entao tem continuado d'augmentar gradualmente; do sorte que não obstante os dez annos antes da carta de privilegio da companhia, foram so exportadas do Porto

	166,609 pipas
Logo nos primeiros dez annos depois da carta de privilegio foram exportadas do Porto	186,130
No Segundo Decennio	214,601
No Terceiro Dito	244,744
No Quarto Dito	432,340
No Quinto Dito	471,500

Que os negociantes Britanicos, e a navigação Britanica, recebem o beneficio d'esta Importação, não tendo a companhia real dos vinhos jamais exportado para a Gram-Bretanha n'hum anno mais de 5000 pipas, antes da Invasão de Portugal, e o excessso d'exportação pela companhia depois d'esta epoca tem sido para servir alguns dos mesmos que agora fazem petição para a abolição da companhia, ainda que sem a sua assistencia, elles não terião podido manter o seu commercio.

Que os supplicantes estão convencidos e são capazes, de

provar, examinando-se ingenuamente os factos, que a carta de privilegio da companhia real dos vinhos não produz restricção ou embaraço algum no commercio livre dos Negociantes Britanicos, mas que pelo contrario a existencia da companhia, e o seu arbitrio na preparação dos vinhos, e todas as suas regulaçoens, como antes, e agora estão em força, são essenciaes para a protecção do mesmo commercio.

Que os supplicantes não tem dezejo de sustentar monopolio algum, ou quaesquer privilegios prejudiciaes aos Negociantes Britanicos, ignorando inteiramente que taes existão; e tem debalde buscado, saber sobre que factos, aquelles que se queixão neste Paiz, affirmão que quaesquer restricções estabelecidas pela companhia, tenham sido prejudiciaes aos negociantes, ou ao commercio dos vinhos em geral, ou quaesquer privilegios particulares da companhia, a que se objecta, pois que aquelles que se queixão os não tem mencionado nem aqui nem em Portugal; que nenhuma queixa especifica se tem proferido que, possa encontrar argumento ou prova, mas meramente asserçoens geraes de monopolio de restricçoens.

Que os supplicantes sanciosamente dezejaõ ter a opportunidade d'encontrar quaesquer queixas que possam ser apresentadas contra a Companhia dos vinhos do Porto, estando convencidos que o resultado de tal investigação provara plenamente, que os privilegios da companhia, e a sua superintendencia, tem provado ser muito vantajosa, e essencial para a conservação da prosperidade do commercio dos vinhos do Porto.

Os supplicantes portanto rogaõ muito humildemente a esta Illustre Camara que tome em consideração o que fica dito, e lhes conceda o auxilio que parecer bem á Illustre Camara; e que os supplicantes possam, no caso de ser necessario, ou se parecer bem a esta Illustre Camara, ser ouvidos por elles mesmos, ou seus letrados, agentes, ou testemunhas em prova da allegação, submittida por elles a Illustre Camara.

E os supplicantes, sempre rogaraõ, como estão obrigados por dever.

AOS NEGOCIANTES PORTUGUEZES.

Ainda que estamos persuadidos que o numero dos apaixonados do nosso Herostrato moderno se hade hir reduzindo tanto, que dentro em pouco tempo, o ultimo termo desta progressão rapidamente decrescente sera infinitissimo ou

cifra—ou para fallar em lingoagem intelligivel ao Editor, ou Redactor, como elle se quizer chamar, do Correio Brasiliense, o numero dos seus apaixonados virá a ser huma quantidade tao pequena, que se possa desprezar sem erro notavel.

Com tudo, he para este pequeno numero que nos escrevemos este artigo; se por ventura ou desgraça algum d'esses pertence ao Corpo respeitavel dos Negociantes Portuguezes, estabelecidos em Inglaterra.—Esses he que nos dezejamos dezenganar, e dar-lhes bem a conhecer a joia que tem no Corréio Brasiliense.

No seu ultimo No. queixa-se elle, que nos nos embarcamos com as suas reflexoens—julga que não intendemos da materia, que tractamos, por que a não podiamos estudar nas aulas de Medicina—manda-nos ler dous art. do Tractado de Commercio, e estudar a materia antes de fallar nella. Mais do que isso temos nos dito. Mil vezes temos protestado que entramos com repugnancia em discussoens, para que nos faltaõ os dados necessarios—que he notorio acharem-se ja nomeados commissarios para ajustar as duvidas que occorreraõ sobre o Tractado, e que receamos com discursos intempestivos empeccer á cauza dos nossos Naturaes. Porque não diz o mesmo o Snr. Redactor do C. B.? Cesse elle de citar de fulso, e tirar falsas consequencias para o fim manifesto, e unico de malquistar o Governo com os povos, e inculcar a estes o maior mal que lhes pode acontecer, huma revolução Caraquenha, da qual pro graça de Deus o mundo está ja livre,—e vera que nos deixamos em paz as suas reflexoens, e ate nos dispensaremos de ler huma rapsodia tal, como o C. B. onde não ha huma idea, que aproveitar, e que acrescentar a instrucção dos seus leitores.

A' quelles que tivessem a paciencia de ler a nuvem de palavras ociosas, com que elle encheo 6 ou 7 paginas do seu jornal, pedimos que nos digão sinceramente, se acharaõ alli o que se chame sombra de resposta, ao que nos d'elle dissemos,—que no seu arreoado contra os Negociantes Portuguezes não mostrara lealdade logica, nem de outra qualquer especie.

Vamos agoa analysar esta these debaixo de hum ponto de vista, que a caridade Cristam recommenda; isto he, examinemos, se quando elle engana os seus leitores, se enganha a si mesmo; porque entaõ merecerá a excuza da boa fé, com que escreveu.—Seja o primeiro exemplo o seguinte.

Diz elle a pag. 28 do citado No. que “Pela Alvará (de 26 de Junho) e em contravenção do Tractado de Commercio se estabelecerã certos direitos sobre o Commercio Inglez mais pezados do que sobre o Commercio Portu-

“guez.” Ora que nome se hade dar aqui a falsidade tam manifesta? inventada para o fim perverso de prejudicar aos seus naturaes, e accuzar o seu proprio governo de faltar a justiça, e buscar subterfugios para violar o tractado?—Nos protestamos de novo que nao nos intrometemos na questao entre os dous Góvernos, nem discutimos o merito do Alvarará.—Tractamos a simples questao de facto. Que nome se hade dar a huma falsidade como esta, que une á mentira circunstancias tam aggravantes?

O Alvará de 26 de Junho de 1811 expressamente iguala o Vassallo Britanico, e o Portuguez, e lhes faz pagar os mesmos direitos.

Depois de huma prova tao insigne de ma fé, pode alguém admirar-se, pode elle mesmo queixar-se, se o caracterizamos inimigo dos Portuguezes?

Nos dezafiamos o Edipo moderno mais sagaz e ate o mesmo Redactor, que nos de algum sentido racionavel a tudo quanto elle escreveu de novo sobre os direitos da Cidade de Londres, salvo se o que elle nos diz nao he huma segunda prova da sua deslealdade logica.

Em o nosso No. XIX provamos a futilidade do argumento que elle uzava contra os Portuguezes, derivado de alguma Disertacao que *ex cathedra* nos leo sobre a Propriedade sagrada das Posturas e Alcavallas da Cidade de Londres, e so depois de convencido do seu aleive, he que se lembrou de que podia o Governo Inglez, se achasse justa a queixa dos Portuguezes, indemnizalos sem violar a propriedade sagrada, isto he, compensando a cidade de Londres com o que fosse justo.

Nos que evitavamos, e evitaremos sempre cuidadosamente a questao principal, nao precisamos entrar nestes detalhes, —mas o C. B., que nao tem esses escrupulos, que sabe e que julga de tudo, devia fazelo,—mas elle he juiz, authoridade, e liberato *sui generis*.—He planta que ainda se nao acha reduzida.—He...Seja o que for. O que nos importa e importava entao era mostrar, que o Correio Braziliense nao he por nos, he contra nos, logo nao he Portuguez.

Mas quem poude conter o rizo quando leo os gemidos do C. B. afflicto pelo que o Tractado estipulou sobre os Navios de Construção estrangeira, sobre o commercio da Escravatura, sobre a abolição do Santo Officio?

Eheu!—non tali auxilio, nec defensoribus istis

Tempus eget.—

Se nos tivessesmos a infelicidade de pertencer a alguma das tres respeitaveis classes acima indicadas, isto he, dos

Donos de Navios comprados antes do Tractado, dos interessados nos navios que forão interinamente tomados na Costa d'Africa, ou das consciencias timbratas, que julgaõ a Inquisição compativel com o Christianismo, nao teriamos aceitado os serviços de tal letrado, e ainda quando o author do C. B., nos entrasse pela porta dentro com ar muito submisso, com o fardo dos seus jornaes debaixo do braço —ainda que viesse com o dedo no nariz, e a penna atraz da orelha, exclamariamos:—

Aufer ab aspetu nostro funesta satelles
Linguae dona tuae.—

Quando nos constar de huma maneira bem clara e autentica, que todas as duvidas que se levantaraõ sobre a intelligencia do tractado, estaõ ja removidas a satisfação dos dous governos, entao responderemos a essas questoens insidiosas; e dantemaõ lhe asseguramos que nao uzaremos contra ellas da estúpida resposta que Portugal he pequeno e fraco para nao assignar quaesquer condiçoens que se lhe peçaõ, e que nao he pequeno e fraco para buscar subterfugios e eximir-se de cumprir com aquellas que lhe nao agrada; asserçoens estas, que so a Chymica do C. B. pode amalgamar.

Posto que de menor importancia, lançaremos mao de huma diatribe que se le n'outra parte do dito Jornal, so para apontar aos nossos leitores outro e terceiro exemplo da sua deslealdade logica.

O Redactor tem tantas vezes accusado o nosso Embaixador de legislar sobre os manifestos, sendo isto huma manifestação falsidade, que apesar do tedio, que o assumpto nos cauza, fomos buscar no mesmo C. B. a carta escripta pelo Embaixador ao Consul Geral S. C. Lucena em 1810, que elle transforma em Legislação; em vez da qual achamos simplesmente huma ordem ao Consul de pedir os manifestos aos Capitaes Portuguezes, e dar-lhe os nomes dos que se recurrassem áquella ordem, para dar parte a corte. Da mesma carta se colhe por tanto, que o Embaixador nao contava com a geral execucao da dita ordem; e como nos sabemos que Sua Excellencia nao dezeja dar passos em vao, tivemos a curiosidade de indagar os motivos que tivera para obrar daquell modo e o resultado desta investigação foi assas curioso para ser lembrado aos apaixonados, como hum typo do que podem esperar, do seu Idolo pseudo Braziliense. Vimos a descobrir o que he sabido de quasi todos os negociantes Portuguezes em Londres. Que esta ordem foi dada a instancias de hum negociante Portuguez, chegado do Brazil, e escandalizado do horroroso contrabando que por la vio:

com o qual pouco faltava que elle não soppuzesse o Embaixador de intelligencia. Para satisfazer este zelo, talvez fanatico, e ate para convencer o nosso Governo, que so a suprema authoridade pode dar o remedio a este damno, he que o Embaixador consentio dar esta ordem, muito certo do resultado que devia ter. Mas o que he ainda mais curioso para que se diga aos ditos apaixonados, he que apenas o C. B. começou as suas invectivas sobre este assumpto, o mesmo negociante, motor da ordem, a quem a consciencia talvez doia, foi ter com o C. B., e sem sabermos precizamente qual foi o seu dialogo, podemos inferir das meias palavras que nos seguintes Numeros apparecerão, que elle lhe fallou como o Euralio de Virgilio:—

En! adsum que fœci; in me convertite ferrum.

(Desculpenos o Senhor Redactor tantas citaçoens, porque o temos visto citar tantas vezes o *Fuimos Troes, fuit Ilium!* applicado aos Portuguezes taõ a propozito, agora que elles estao servindo de modello ás outras naçoens, que devemos crer, que o Senhor Redactor não se esqueceo do seu Latim, assim como lhe aconteceu com as sciencias exactas.)

A curiosa anecdota, que referimos, basta para provar o que dissemos, a saber que o *pseudo Brasiliense* não raciocina como logico, nem sente como Portuguez. Onde he que está naquella carta o minimo traço de legislação? Onde abrange ella os navios estrangeiros? Se este improrissimo termo de legislação pode jamais ser applicado aos actos de hum diplomatico, mais se parecem com aquelle termo as condiçoens, com que em 1808 deo o nosso Embaixador Licenças aos Negociantes Inglezes para hir ao Brazil, e que elles aceitarão com muito gosto. O Redactor as copiou no seu jornal daquelle tempo, e la achara que os negociantes se obrigaraõ a dar hum manifesto aqui rubricado pelo Consul Portuguez, dando fiança igual ao valor da carga, em como aprezentariaõ de volta a certidaõ da descarga na alfandega do porto ou portos, em que S. A. R. lhes permittisse entrar, e que hiriaõ todos o Cabo Frio buscar as ordens de S. A., que entaõ se ignoravaõ em Londres.

Pode o Redactor fazer taõ pouco cazo da reminiscencia do Embaixador, como faz da sua, para crer, que no acto de *Legislar* em 1808 se esquecesse o nosso Ministro do que tinha feito dous annos antes? O Alvará de 21 de Junho de 1811, assim como o de 22 de Septembro foraõ promulgados no Brazil. Que fundamentos tem o Redactor para dar a entender, que o Embaixador teve parte na composiçaõ daquelles Alvarás? Se os tem, deve produzilos. Nos

confessamos francamente que nada sabemos a este respeito. Mas o C. B. nao precisa dizer a verdade, precisa dizer mal de alguem, seja quem for. Para isso tudo lhe serve,

A pedra, o pau, o conto arremecendo
Da lhe armas a furor dezatinado.

Tudo acaba com o tempo ; e he de esperar que a bira do Senhor Redactor tambem se acabe, quanto mais que nos conhecemos o elexir, que hade a calmar-lha, pois tambem estudamos alguma couza da Arte do insigne Rego.

Penny
por lb.

Year	1808	1809	1810	1811	1812	1813	1814	1815	1816	1817	1818	1819	1820
1808	10-80	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08
1809	10-80	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08
1810	10-80	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08
1811	10-80	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08
1812	10-80	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08
1813	10-80	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08
1814	10-80	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08
1815	10-80	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08
1816	10-80	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08
1817	10-80	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08
1818	10-80	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08
1819	10-80	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08
1820	10-80	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08	04-08

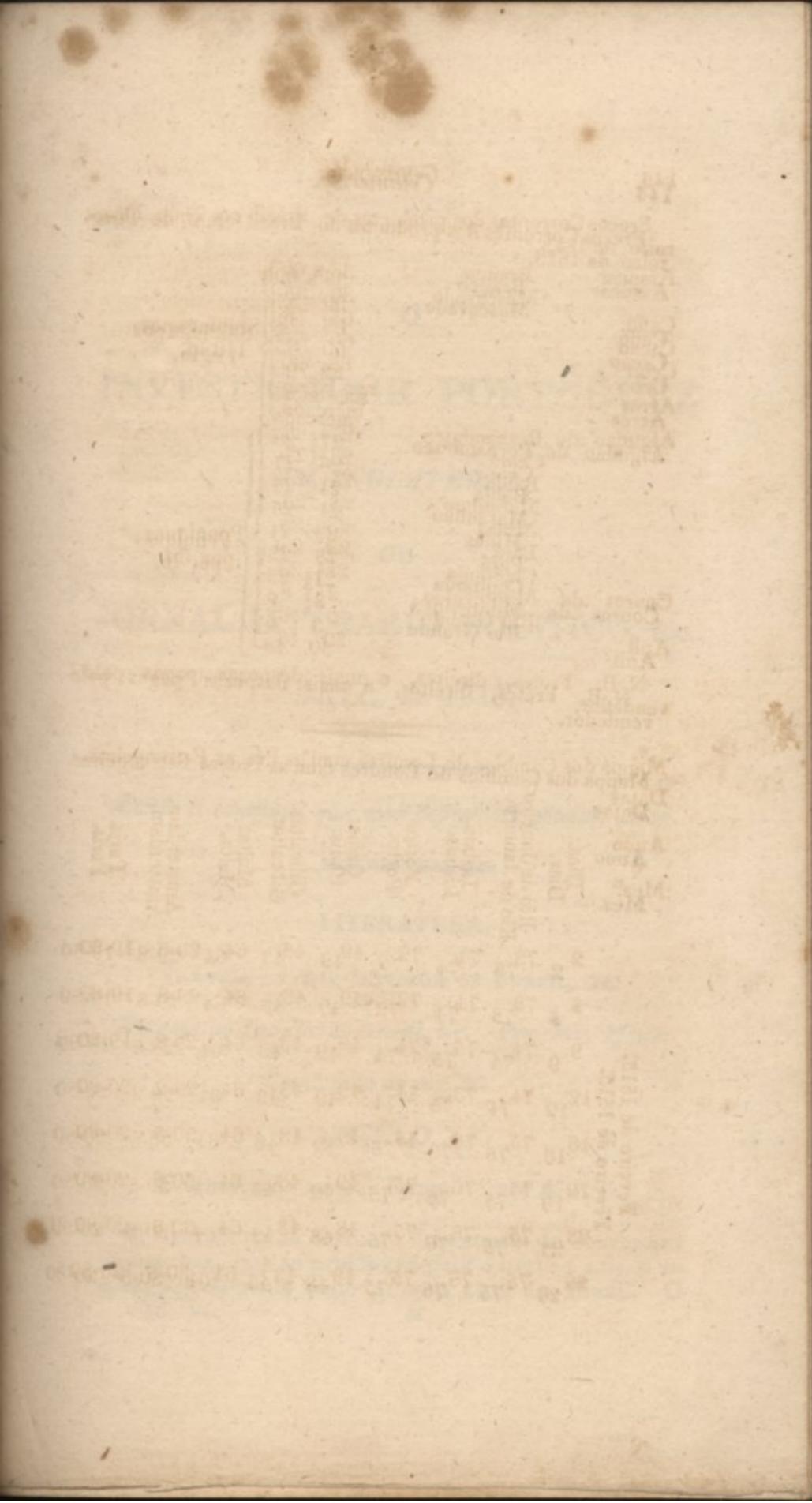
Preços Correntes dos productos do Brazil em 27 de Fevereiro de 1813.

Assucar	Branco	38 a 60	} Shillings por 112 lb.
	Mascavado	30 35	
Caffé		65 78	} Penniques por lb.
Cacao		60 65	
Cebo		88 90	
Arrós		nao há no mercado	
Algudão de	Pernambuco	27½ 28	} Penniques por lb.
	Ceará	26½ 27	
	Bahia	24½ 25	
	Maranhão	24 25	
	Minas	23 24	
	Pará	23 23½	
Couros de	Capitania	21½ 22	
	Montevideo	3½ 8	
	Rio Grande	3 6½	
Anil		30 48	

N. B. Fretes, direitos, e mais despezas pagas pelo vendedor.

Mappa dos Cambios de Londres com as Praças Estrangeiras.

Datas									
Anno e Mez.	Dias.	Rio de Janeiro.	Lisboa.	Porto.	Cadis.	Gibraltar.	Malta.	Amsterdam.	Paris.
Fevereiro de 1813.	2	73	74	72	49	43	64	29-8	19-80
	5	73	74	72	49	43	64	29-8	19-80
	9	74	75	74	49	43	64	29-8	19-80
	12	74	75	74	49	43	64	29-2	20-80
	16	75	76	75	49	43	64	30-8	20-80
	19	75	76	75	49	43	64	30-8	20-80
	23	75	76	75	48	43	64	30 8	20-80
	26	75	76	75	48	43	64	30-8	20-80



LITTERARUM

Compendium Historiae Universae, auctore Johanne Gualtero, M. D. C. C. L. I.

Compendium Historiae Universae, auctore Johanne Gualtero, M. D. C. C. L. I.

ARTIS ET MANUFACTURARUM

Compendium Historiae Universae, auctore Johanne Gualtero, M. D. C. C. L. I.

Compendium Historiae Universae, auctore Johanne Gualtero, M. D. C. C. L. I.

Compendium Historiae Universae, auctore Johanne Gualtero, M. D. C. C. L. I.

REPUBLICAE ET CIVITATUM

Compendium Historiae Universae, auctore Johanne Gualtero, M. D. C. C. L. I.

Compendium Historiae Universae, auctore Johanne Gualtero, M. D. C. C. L. I.

Compendium Historiae Universae, auctore Johanne Gualtero, M. D. C. C. L. I.

Compendium Historiae Universae, auctore Johanne Gualtero, M. D. C. C. L. I.

Compendium Historiae Universae, auctore Johanne Gualtero, M. D. C. C. L. I.

Compendium Historiae Universae, auctore Johanne Gualtero, M. D. C. C. L. I.

Compendium Historiae Universae, auctore Johanne Gualtero, M. D. C. C. L. I.

Compendium Historiae Universae, auctore Johanne Gualtero, M. D. C. C. L. I.

Compendium Historiae Universae, auctore Johanne Gualtero, M. D. C. C. L. I.

Compendium Historiae Universae, auctore Johanne Gualtero, M. D. C. C. L. I.

Compendium Historiae Universae, auctore Johanne Gualtero, M. D. C. C. L. I.

Compendium Historiae Universae, auctore Johanne Gualtero, M. D. C. C. L. I.

que se chama terrero Diamantina, comprehendendo quasi dezessete legoas do norte a sul, e duas outras legoas a oeste. Elle foi descoberto por alguns mineiros portuguezes da Villa do Principe, pouco tempo depois da sua fundação. Este cantão heo

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

ABRIL, de 1813.

Condo et compono, quæ mox depromere possim....HOR.

LITERATURA.

TRAVELS IN THE INTERIOR OF BRAZIL, &c.

Viagens ao Interior do Brazil, &c. Por Mr. Mawe.

Continuado de pag. 25.

CAPITULO XV.

Observações sobre o Tejuco e Serro do Frio.

O DISTRICTO do Serro do Frio consta de escabrosas montanhas, que se prolongão para o norte e sul, e se contaõ geralmente como as mais altas do Brazil. O

que se chama terreno Diamantino, comprehende quasi desaseis legoas de norte a sul, e quasi outo de leste a oeste. Elle foi explorado por alguns mineiros emprehendedores da Villa do Principe, poucos annos depois da sua fundação. Estes caminhando para o norte daquelle sitio acharão hum campo aberto, regado por muitos pequenos ribeiros, onde buscavão oiro; mas não achando quantidade que merecesse attenção, continuaraõ a sua derrota, passando pelos lugares que agora se chamaõ Saõ Gonçalo, e Milho Verde, ate que chegaraõ ás correntes que dimanaõ das faldas da montanha, em que esta fundada a Villa do Tejuco. Nestes ribeiros se buscou tambem oiro sem haver ao principio idea alguma, de que elles continhaõ diamantes; ainda que alguns foraõ apreztados ao Governador entaõ daquelle districto, como raras pedras brillantes, de que elle uzava como de tentos no jogo de cartas. Não tardou muito, que algumas destas chegassem a Lisboa, e foraõ dadas como lindas pedras ao ministro Hollandez para mandar para Hollanda, que era entaõ o principal mercado da Europa para pedras preciosas. Os Lapidarios a quem ellas se apresentaraõ para serem examinadas, acharaõ que ellas eraõ finissimos diamantes. Deo-se por conseguinte esta noticia ao Consul Hollandez, em Lisboa, que não deixou de se aproveitar da occasião, manejando o negocio com o Governo taõ destramente, que ao passo que lhe fazia esta communicação, contractava ao mesmo tempo como se fossem pedras preciosas. O Governo depois pertendeo monopolizar os diamantes, e marcou no Serro do Frio o seu districto, sugeito a leis e regulamentos particulares.

O numero dos diamantes que se extrahiraõ durante os primeiros vinte annos depois da descoberta, diz-se ser quasi incrível, e pezar mais de mil onças. Esta abundancia devia por força diminuir o valor geral dos diamantes, pois que ate ali de nenhuma parte do globo vinhaõ, senaõ da India, para onde se mandaraõ depois os diamantes Brasilanos, e onde acharaõ melhor mercado que na Europa.

Por estratagemas e intrigas se conseguiu que o Governo arrendasse estes preciosos territorios a huma companhia, que por certas estipulaçoens devia tra-

balhar com hum dado numero de negros, ou pagar certa soma diariamente por cada negro empregado. Isto abriu a porta a toda a especie de fraude; admittio-se o dobro dos negros estipulados; e os agentes do Governo fechavaõ os olhos a estas fraudes, recebendo em huma mão a paga, e n'outra a peita. Os contractadores, tendo enriquecido e prezenteando homens de influencia na corte, continuaraõ (sugeitos a poucos regulamentos) na posse das minas dos diamantes ate ao anno de 1772, quando o Governo as tomou em suas maõs, e desfez aquelle contracto.

Era este o tempo de reformar abuzos, e regular melhor este rico districto, mas desprezou-se a occasiaõ; o prejuizo pode mais que a prudencia, e a administraçãõ se confiou a homens, que não entendiaõ os verdadeiros interesses daquelle negocio, ou que não podiaõ, o que he mais provavel, proseguilos, estando maneatados na sua authoridade. Desde entãõ os negocios peoraraõ, e o estabelecimento era devêdor a estrangeiros, que tinhaõ adiantado consideraveis somas de dinheiro na certeza de terem todos os diamantes que as minas produziaõ. Esta divida esta ainda por pagar, e ha outras difficuldades, que so podem remover-se pela total mudança de systema. No estado actual este estabelecimento não produz tanto como produzia. Durante o periodo de cinco annos, desde 1801 ate 1806 inclusive, as despezas foraõ 204,000l.; e os diamantes mandados para o erario do Rio de Janeiro pezaraõ 115,675 quilates. O valor do oiro achado no mesmo periodo montou a 17,300l. sterlinas, do que se collige, que os diamantes custaõ actualmente ao Governo trinta e tres *shillings* e nove *pennis* o quilate. Estes annos eraõ considerados como singularmente rendosos; as minas em geral não fornecem ao Governo mais de 20,000 quilates por anno.*

A villa está debaixo do governo absoluto do Intendente. Os officiaes principaes dos estabelecimentos civis e militares saõ hum *ouvidor* ou *fiscal*, hum capitão de cavallos, e hum capitão mor. No districto Diamantino ha hum grande numero de officiaes, de que os principaes saõ os seguin-

* Não se comprehende nesta conta o contrabando, que he consid. aved.

tes : 1. o Intendente que he ministro e intendente geral da Capitania de Minas Geraes, (este lugar he hum dos mais rendosos que da a coroa) ; 2. o Thesoureiro, cujo emprego he hum beneficio simplez ; elle recebe 8,000 cruzados por anno ; e 3. o Administrador Geral, que tem hum salario de 6,000. O guarda livros tem 4,000, e tres manuaes, cada hum dos quaes tem de 400 a 800 mil reis. Estes officiaes tem a seu cargo tudo o que diz respeito ao erario, e aos negocios geraes do estabelecimento ; elles rezidem todos no Tejuco, e saõ os mais respeitaveis dos habitantes. A administração dos diversos trabalhos he confiada a oito ou dez administradores subalternos, tendo cada hum a seu cuidado duzentos negros, o que constitue huma tropa, em que ha de mais a mais hum ecleziastico, hum cirurgião, e officiaes inferiores, que tem salarios de 200 a 400 mil reis. O privilegio de empregar certo numero de negros no trabalho he commum a todos os officiaes em proporção aos seus postos. Os officiaes superiores podem admittir ao trabalho quantos quizerem, 50 por exemplo, e as vezes mais ; os officiaes inferiores tem so licença de assalariar dous ou tres, com preferencia a outros individuos ; practica esta decedidamente má, como se verá ao depois.

O Intendente occupa hum lugar assas importante, elle he o magistrado superior, administra a justiça, e faz executar devidamente as leis particulares do districto. Elle he prezidente da juncta, e chama as sessoens quando julga proprio ; dispoem da força militar do districto, manda fazer, ou desfazer estradas, e estaciona guardas nas differentes paragens para examinar os passageiros, e deter as pessoas suspeitas. Tem igualmente o privilegio de dar ou recuzar licença a qualquer de entrar ou estabelecer-se no districto ; e toda a pessoa de qualquer consideração ou respectabilidade que seja, que por alli passa, carece da permissão expressa do Intendente, o que muitas vezes se dispensa, como formalidade. A elle somente se confia o erario ; e he elle quem paga o salario dos officiaes e jornal dos negros, e todas os mais despezas do estabelecimento. Faz circular papel-moeda, ou o suspende quando julga conveniente, sendo em tudo so responsavel ao Governo, e pode dizer-se que he quasi absoluto na sua repartição.

Alem destas importantes funcões, o actual Intendente tem chamado a si toda a direcção e regulamento do que são minas, o que nunca praticaraõ os seus predecessores, sendo isso da repartição do administrador geral. A superioridade dos seus talentos, e extensão de suas luzes o qualificaraõ para esta empreza: elle estudou mineralogia muitos annos com o celebre Werner, por quem he considerado como hum dos seus melhores discipulos; viajou depois pela Hungria, e estados mais interessantes da Allemanha, e ultimamente fez a volta de Inglaterra e Escossia, onde residio dous annos.

O Administrador Geral a quem pertence a direcção e regulamento dos trabalhos, deve ser igualmente experimentado em minas, e mechanica, particularmente em hydraulica: deve ser hum homem de conhecimentos geraes, combinados com grande practica relativa a localidade do districto, para que possa determinar o real valor de cada situaçaõ, e dirigir consiguientemente as operaçoens. Deve ter hum espirito fertil em recursos, e preparado para encontrar todas as difficuldades que occurrerem, a fim de que o tempo dos negros se não empregue debalde. Deve tambem facilitar-lhes o trabalho pela introduçaõ de maquinas, e attender particularmente ao seu bom tractamento, pois que d'elles depende em grande parte o seu bom successo, e consequentemente a sua reputaçãõ. Sobre este ultimo ponto a politica e humanidade devem igualmente fixar a attençaõ dos superiores do estabelecimento. He natural de crer, que os negros sendo tractados duramente, mal sustentados e mal vestidos, sejaõ indifferentes aos interesses dos que os governaõ, e talvez determinados a não achar diamantes, entretanto que sendo dirigidos com doçura, e affago, dezejariaõ anciosamente agradar, e fariaõ mais diligencias para obter a attençaõ e as recompensas. Deve saber-se, que os negros raras vezes escondem diamantes para si; e com tudo os seus proprietarios no Tejuco estaõ de maneira habituidos a offender-se á suspeita de contrabando, que se a palavra *grimpeiro* se menciona em conversaçãõ, tremem de horror, e com gesticulaçoens invocaõ a Virgem Maria para mostrar

o rancor que tem a hum crime, a que o governo tem ligado a deshonra maior, e castigo.

Puras, innocentes almas! Estrangeiro no paiz, cuidei ao principio que os seos sentimentos correspondiaõ a seos gestos e expressoens; e como as pessoas de todas as classes receavaõ ate fallar naquelle objecto, assentei que, fora do Erario, naõ havia hum so diamante no Tejuco; mas huma pequena practica da villa me conveceo logo, que eu era novato; e vizitando alguns amigos, a quem fui introduzido, achei que se alborcavaõ diamantes por quelquer artigo, e circulavaõ em maior quantidade que dinheiro. Compraõ-se até com elles pias indulgencias; e de certo ninguem suspeitaria que o vendedor de bullas de Sua Sanctidade tivesse a condescendencia de gostar dos fructos do Tejuco. O privilegio de vender despensas nesta capitania compra-se no Rio de Janeiro, ou ao dignissimo Bispo de Mariana, que disse tira grandes ventagens. A venda he olhada como assas rendosa, e o actual proprietario possui o talento de agradar aos que pagaõ por mais alto preço.

Como eu tinha a honra de residir em caza de Intendente, era considerado pela gente da villa como pessoa ligada com o governo, e portanto como quem naõ devia ser informado do trafico secreto que se fazia; o que me obrigava a tomar em conversação o mesmo ar de averção, pelo crime de contrabandear diamantes, que se notava entre elles, e a concordar apparentemente, que nenhum homem branco se abaixaria a tal infamia; julgando ser melhor naõ me oppor a opiniaõ nem entrar mudamente em objecto taõ delicado, e ate a fazer-me dezentendido sobre muitas observaçoens que me diziaõ respeito.

No Tejuco ha nove ou dez mercadores principaes, com quem o estabelecimento, e seos officiaes estaõ frequentemente individados. Com effeito, estes homens recebem a maior parte do dinheiro devido as pessoas empregadas neste trabalho, em troca principalmente de fazendas Inglezas. O estabelecimento he pago huma vez no anno, e para este fim se manda de Villa Rica naõ menos que a soma de 300,000 crusados a que pode acrescentar-se a quantia de mais 60,000 ou 100,000 de oiro achado nos minas do districto. A

maior parte deste dinheiro cahindo nas maons dos ditos mercadores, he logo empregado contra os interesses do Governo; nem pode haver politica peor, que a concessão de taõ grande consumo n'hum lugar, que offerece tantas tentaçoes.

São passados alguns annos que neste districto se trabalhavaõ minas de oiro, mas dando-se parte que se achavõ alli diamantes, veio ordem para se abandonarem. Presentemente se tem adoptado medidas mais justas, e os proprietarios ja começaraõ a trabalhar de novo algumas, debaixo de condiçãõ de entregarem os diamantes, que acharem. Ha huma ordem geral para trabalhar todas as minas de oiro, que estavaõ confiscadas, e he de esperar que isto augmente a quantidade daquelle metal, e produza em geral bons effeitos.

Se o Governo for obrigado á asalarciar negros onde quer que os possa obter (o que parece ser o costume) seria conveniente ter provizoens para as suas necessidades, para que o dinheiro da suas gages volte para os fundos do estabelecimento. Asalarciar negros para o trabalho dos diamantes, he a occupaçaõ favorita de todas as classes no Tejuco, ricos, pobres, todos segundo as suas posses, diligenciaõ ter pretos neste serviço. A paga dos escravos he bagatella, comparada com o risco; o trabalho he pesado, o sustento pobre, e o tracto rude. Muitas pessoas residem no Tejuco debaixo de varios pretextos, mas o seu fim he introduzir os seos negros no serviço, para viver ociozamente das suas gages, e do que elles podem tirar secretamente. Assim todos engordaõ naquelle pasto, excepto os miseraveis que por desmazello são sempre pobres. Ha classes numerosas de idade de sete, e para cima de vinte annos, que naõ tem meios conhecidos de ganhar a sua subsistencia, e que ficariaõ ociosos, ainda que se estabelecessem manufacturas; por que a pezar de serem creados desde a infancia com os filhos dos negros, abandonariaõ os seos socios dos brincos infantiz na idade de trabalhar. A gente em geral aborrece todo o habito industrioso, e regular, na continua esperanza de se enriquecerem por alguma feliz descoberta de minas; e estas fallazes ideas que se alimentaõ no espirito de seos filhos, de tal sorte os previnem contra o trabalho, que vivem miseravel-

mente, e ate subsistem de esmolas. Sua educaçãõ he mui limitada: desconhecem totalmente as sciencias, e tem muito escassas ideas de objectos uteis.

Como o fim principal da minha hida a este districto era examinar o verdadeiro estado das couzas, e dar huma exacta informaçãõ deste na minha volta, para o que fui munido de privilegios que antes de mim ninguem teve, e que me habilitaraõ a ver quanto dezejava, pede a humanidade que eu faça algumas observaçoens sobre a sorte daquelles desgraçados que tem buscado fazer o contrabando dos diamantes, e tem sido apanhados no acto. Eu mencionei este objecto ao ministro na minha volta para o Rio, mas como as suas occupaçoens eraõ grandes, e o estado da minha saude requeria que eu deixasse promptamente o paiz, nada mais ouvi sobre este assumpto.

As grandes encomendas destes preciosos artigos, a facilidade de os entregar, tem feito que se procure o seu commercio em violaçãõ das leis existentes do paiz. Dos muitos que se occupaõ neste trafico illicito, alguns por hum soffrego dezejo de enriquecerem de repente, tem illudido a vigilancia das guardas; e tem acabado a sua carreira com credito e opulencia; outros menos felizes se tem descoberto, e tem sido incursos nas penas deste crime, a saber, a entrega dos bens illegalmente adqueridos, o confisco de toda a sua propriedade, e desterro para a Africa, ou prizaõ perpetua em nauseabunda masmorra. Suaves como saõ as leis do Brazil, a ultima parte deste castigo he huma excepçãõ, que faz tremer a natureza humana. Seguramente, quando hum pobre desgraçado incorreo neste crime, e o tem expiado com a perda de tudo o que possuia, parece ter soffrido bastante, sem ser precizo a perda tambem da sua liberdade pessoal, e todos os males inherentes a hum captiveiro perpetuo. Longe de mim o sustentar a infraçãõ das leis estabelecidas em apoio da propriedade publica ou privada. Eu sou o primeiro que dezejo respeitar as instituçoens de qualquer naçaõ em que viva, e ser o ultimo a procurar que se lhes falte ao respeito devido; por quanto estou persuadido que todo o commercio illicito qualquer que elle seja, he huma tarefa arriscada e illuzoria, cujas vantagens saõ sempre accom-

panhadas de huma porção de males que as contrabalançaõ. O objecto do meu raciocinio he mostrar que estas infelizes creaturas tem sido de serviço ao estado e podem ser lhe ainda uteis. Seja-me permittido indagar quem foraõ os descobridores de quasi todas as minas de Diamantes, que tem enriquecido os thesouros da real familia de Portugal, alem de toda a comparação com outro qualquer estado, e que naõ so augmentaraõ as rendas do Governo, mas tem dado occasiaõ a riqueza, e opulencia de muitos particulares respeitaveis, e emprehendedores. Aventureiros que por meio de grandes riscos, e infatigaveis trabalhos, penetraraõ florestas incognitas, e exploraraõ profundos algares, proseguindo bravos antropophagos, em busca de oiro, e occasionalmente acharaõ diamantes. Quando estes homens descobrem algum sitio desta natureza, raras vezes elle fica occulto; os agentes do Governõ se apossaõ d'elle, para o trabalhar immediatamente, ou o guardaõ para futuras occasioens. O descobridor por consequinte he obrigado a fugir daquelle lugar, e se elle tem apanhado alguns diamantes, busca os meios mais seguros de os vender. Se he homem de propriedade, aluga machos carrega-os de algodaõ, toucinho e de outros generos, e caminha para o Rio de Janeiro em forma regular. Chegado que seja, busca alguma caza de negocio, em que tenha confiança, e entrega-lhe o seu escondido thesouro. O seu espirito fica entaõ livre de receios, e commeça a preparar-se para voltar. O seu primeiro cuidado he empregar o dinheiro em sua maior vantagem: negros saõ o seu principal objecto; e estes pagaõ hum direito ao Estado quando sahem d'Angola, e outro de dez mil reis quando entraõ no dstricto de minas. Se elles se occupaõ em minar, o Governo tem o quinto do oiro que achãõ, se na agricultura, o dizimo se lhe paga. O outro objecto do aventureiro he fazer provizoens de panos de lam, e outros artigos Inglezes, que pagaõ hum direito de quinze por cento ao desembarcar, e outro segundo o seu pezo, entrando no territorio de minas. Assim realmente parece, que a maior parte do producto do contrabando se divide entre o estado, e o contrabandista: mas naõ he assim; os diamantes saõ mandados fora do paiz, e os effeitos reaes do valor saõ

recebidos em retornos, deixando a balança muito em favor do Brazil.

Este commercio illicito tem sido levado a huma considerabilissima extensaõ. Pode-se asseverar com huma forte authoridade presumptiva que, depois da primeira descoberta das minas, tem vindo para a Europa diamantes que montaõ a dous milhoens sterlingos, fora dos contados pelos contractadores. Isto he devido á má administração do estabelecimento, e total falta de necessarios regulamentos, que por inverterada hade ser difficil remediar. Suppunhamos por hum momento que muda o systema; que os dous mil negros empregados no estabelecimento saõ propriedade da coroa (que dous annos do lucro dos diamantes bastaria para comprar), que estes negros saõ suppidos em tudo o que precisaõ de hum armazem geral, e saõ tractados o mais suavemente possivel; elles formariaõ entaõ huma sociedade e serviriaõ hum so commum interesse, naõ tendo outros ams senaõ os seos officiaes. Por este meio o contrabando, se naõ fosse totalmente destruido, receberia hum golpe irremediavel, e a quasi nada se reduziria. Tendo lugar esta mudança, os mercadores e aquellas pessoas que no Tejuco subsistem de alugar negros, vendo extincta aquella fonte dos seos emolumentos, deixariaõ o sitio, e procurariaõ situaçoens mais convenientes para os seos interesses: o districto seria livre daquella peste que tem por tanto tempo grassado nelle, e o Governo colheria as vantagens de ter minas trabalhadas por seos proprios negros, que outros naõ poderiaõ facilmente seduzir.

Outro mal, que esta mudança de systema removeria, he o seguinte.—Todo o artigo de sustentação requerido para o estabelecimento, he comprado aos lavradores que residem algumas legoas do Tejuco, e que tem as suas fazendas ainda mais longe; e esta pratica absurda he cauza de muito trabalho desnecessario no commercio. Ha milhares de geiras de excellente chaõ nas vizinhanças do districto Diamantino, proprio para a cultura de toda a especie. Muito bem podia parte da força mencionada, occupar-se alguns dias, tirados ao commum trabalho, em objectos de agricultura, e cercar sufficiente terreno para mantença do

estabelecimento. Devia distribuir-se certo numero de negros por cada terreno cultivado, e haver a mão, algumas vezes, como nas colheitas, huma força auxiliar. A lavoura se faria assim com dobrada vantagem. Em vez da enchada se uzaria a charrua. Podiaõ plantar-se consideraveis prados artificiaes, sujeitos a rega onde fosse practicavel, e contra a practica geral, o gado devia ser provido de subsistencia procurada na sua propria estação. Milho, trigo, mandioca, feijoens, batatas, &c. podiaõ cultivar-se em extraordinaria abundancia. Celleiros ou armazaens se deviaõ convenientemente erigir, para accommodar o graõ sem prejuizo. Desta arte, os primeiros principios de agricultura se introduziriaõ no districto, e seriaõ huma fonte mais duradoura de riqueza que o oiro e diamantes; e quando estes acabassem, ficaria sempre huma população activa e industriosa. Parece na verdade, que o fim da natureza, em distribuir estas preciosas substancias em partes tão remotas, e quasi desconhecidas, foi attrahir homens civilizados, para nellas se estabelecerem.

Das circumstancias ja expressas se ve que, no presente systema o Governo paga por todos os diamantes que se achaõ, e provavelmente recebe pouco mais de metade; he evidente por tanto, que os diamantes derivados por outros canaes se podem vender por menor preço. Mas he tal o embaraço do estabelecimento, que os administradores não podem diminuir as suas despesas, sendo obrigados a tomar fiado todos os artigos necessarios, e admittir no serviço todos os negros que se offerecem. Estes males estaõ muito arraigados para se extirparem mesmo pelos talentos do actual intendente: se este homem tivesse sido posto a quarenta annos neste lugar, com poderes sem restricção, governando o districto como propriedade particular, seguindo os principios referidos, elle o teria feito rico e independente,

Como todos os diamantes achados nestas obras pertencem a coroa, a familia real está no costume de escolher da quantidade annualmente remettida os que lhe parecem dignos da sua consideração, os quaes de ordinario são os que excedem dezasete quilates. Elles eraõ antigamente mandados lapidar na Hollanda, sendo os Hollandezes contractadores dos diamantes

desde a primeira descoberta das minas, mas depois da translação da Corte para o Rio de Janeiro, aquelle commercio passou para Inglaterra, onde aquellas preciosas substancias chegam annualmente, e se vendem por contracto particular.

A colleção dos diamantes que tem agora o Principe Regente, excede em tamanho, numero, e qualidade, a de qualquer outro potentado; e sei de boa authoridade que passa em valor de tres milhoens Sterlinos.

Este districto tem huma directa communicação com a Bahia, e algumas tropas de machos se empregão continuamente em hir de hum lugar para outro. A jornada he mais comprida do que para o Rio, mas o paiz he menos montanhoso; ha menos ranchos ou palhoças na estrada, e em duas partes he necessario levar agoa fresca para dous dias. Os generos remettidos do Tejuco e Minas Novas são bagatella; constaõ de topazios, amathistas e outras pedras; e em retorno vão fazendas Inglezas, particularmente chapeos, xitas, meias, e sellas, que tem sido muito mais baratas na Bahia do que na Inglaterra. Os artigos mais grosseiros vão geralmente do Rio de Janeiro, cuja distancia, como ja se observou, he menor.

Pouco podemos dizer dos rios, que são navegaveis. Muitas e pequenas torrentes se ajuntão de varias partes, e formão o Jigitonhonha, o qual como ja se disse, podia navegar-se ate ao mar, sem embarço algum, por mais de dez dias. Que beneficio para o paiz, se na entrada deste rio se estabelecesse hum porto, que desse lugar a carregar e descarregar embarcações! Podia-se mandar d'alli canoas para o Interior no curto espaço de vinte dias, com todos os artigos necessarios ao consumo deste districto. Quanto não he superior este modo de transporte áquelle que se faz por meio de matos virgens, e por montanhas quasi intranzitaveis! Quantos mil cruzados senão poupariaõ ao publico so em machos, e que numero de gente se não empregaria no serviço de marinha, em vez de almocreves! Com as vantagens de tal communicação, Minas Novas e o Serro do Frio teriaõ bem depressa o dobro da população, e podia contar-se que as margens destes bellos rios, agora dezertas e inuteis vecejariaõ

com toda a variedade da vegetação, que este fértil clima he capaz de produzir.

Debaixo do actual systema o Tejuco deve manter-se a si mesmo, e ter a menor correspondencia possível com os outros lugares. Seu commercio deve limitar-se totalmente a ouro, e pedras preciosas; mas se o Governo determinasse fazer dos diamantes hum trafico livre, seria preciso então huma politica toda contraria. Sobre este objecto, mais adiante, farei algumas observações.

Os quadrupedes do Serro do Frio são os mesmos que nas outras partes do Brazil. Os machos são as principais bestas de carga, e são muito mais caros que nos districtos mais para o Sul. Os cavallos não são em tão grande numero, porem são mais baratos, servindo so para passeios, ou jornadas de prazer. O gado cornigero he sustentado á consideravel distancia, e de la trazido para consumo do lugar. Ovelhas são quasi desconhecidas; porcos e cabras são mais abundantes; os caens são poucos, e a raça he da ma qualidade. Raras vezes se vem onças; os veados não são muitos; a anta não he desconhecida.

De aves ha poucas variedades, e em pequeno numero: as perdizes são mais abundantes, no caminho para differentes minas matamos algumas, que tem muito bom gosto. De galinhas domesticas ha soffrivel quantidade; mas de nenhuma sorte baratas, relativamente ao paiz.

Quanto a cobras, vi so huma, e essa não era venenosa; mas informaraõ-me que a cascavel, e a jararaca, ambas igualmente venenosas, são communs neste districto. Os lagartõs são numerosos, e o *alligator* se acha na maior parte dos rios.

O peixe he extremamente escasso em todos os ribeiros, em razão das suas agoas serem impregnadas pelas numerosas substancias que se lhe lançaõ provenientes das lavras.—Este districto geralmente he livre daquella praga atormentadora, o mosquito, habitante particular dos lugares baixos e pantanosos, e que não morde com tam dezagradavel effeito nas situações elevadas, e onde corre ar. As abelhas são apenas conhecidas, e mui pouco cultivadas; ellas seriaõ numerosas,

e forneceriaõ cera para exportaçãõ, se os habitantes conhecessem ou cuidassem do seu tracto.

Rematando as minhas observaçoens sobre este districto seja-me permitido acrescentar alguns particulares relativos a capital. As familias, que tive a honra de visitar, pareciaõ viver em grande sociabilidade. Ellas frequentemente formaõ partidas de cha. O vestuario das senhoras consta inteiramente de artigos de manufacturas Inglezas, fazendas de algodãõ, chapeos de palha, flores artificiaes joias, &c. Em razãõ da grande distancia que ha do Tejuco a portos de mar, os pianos fortes naõ se tem alli introduzido, apezar de serem muito requeridos, por quanto as senhoras em geral tem muito gosto pela muzica, e tocaõ guitarra com muita expressãõ e elegancia. A dança he o seu recreio favorito, e gosta-se muito da contra dança Ingleza. As senhoras raras vezes sahem, excepto a missa, e isso em cadeirinhas cobertas com hum pavilhaõ e cortinas. Sua vida sedentaria deve ser nociva a sua saude, mas depois de introduçãõ das sellas Inglezas, ellas começaõ a dar passeios de cavallo.

Banhos quentes saõ mui geralmente uzados; e se consideraõ de grande efficacia para remover constipaçoens, a que todas as pessoas alli saõ sujeitas, pela natureza particular do clima. Elles saõ invariavelmente apresentados a noite aos viajantes, com o fim de os aliviar das fadidas da jornada.

A continuaçãõ da minha molestia me obrigou a despedir-me dos meos amigos do Tejuco, e a voltar quanto antes para o Rio de Janeiro. O Leitor naõ deve esperar que eu refira todos os particulares desta minha jornada, como fiz na primeira, com algumas digressões occazonaes; limitar-me-hei portanto ao que vi mais digno de notar, e que naõ referi no meu caminho para o Tejuco.

O Snr. Camara fez-me a honra de acompanhar me ate Saõ Gonçalo e mostrou-me huma lavra junto a margem do rio do mesmo nome, naõ longe do estabelecimento. Demorando-me aqui hum dia todo com aquelle senhor, tive tempo de examinar esta singular situaçãõ, onde pela primeira vez achei montanhas de sienites mui duros, compostos de blenda e feldspatho. Ha perto de quarenta annos que esta excava-

ção, que era de consideravel profundidade, se encheo por hum lado da montanha que arrebentou, por falta de apoio que resistisse a pressaõ das camadas superiores, que cahindo em grandes massas entupiraõ as lavras e assim ficaraõ ate a dous annos a esta parte. Este lugar tinha a reputaçãõ de ser abundantissimo em diamantes, e a conhecida impossibilidade de o alimpar reforçava esta opiniaõ. Velhos habitantes asseveravaõ ter trabalhado naquellas minas, e que os diamantes alli achados excediaõ em numero, tamanho, e qualidade os de outro qualquer lugar. Estas noticias chegarãõ aos ouvidos do Intendente, que dentro de hum anno depois que tomou posse daquella repartiçaõ, formou hum plano de alimpar, e escavar as ditas lavras. Empreza taõ estupenda era so digna de hum homem ão seu espirito, e superiores talentos. Commeçou-se a obra com 400 negros dirigidos pelos melhores officiaes do estabelecimento; formaraõ-se planos inclinados, erigiraõ-se roldanas para levantar immensos pezos. Como as massas de sienites eraõ mui grandes para se levantarem, etaõ duras que resistiaõ ao ferro, foi preciso recorrer a grandes fogos, com que os rochedos se aqueciaõ, e se lhes lançava agoa fria de vazos suspellidos por taboens compridos formando huma especie de tubos. No fim de seis mezes, depois de hum pezado e continuo trabalho, dezentupio-se o lugar. Se reflectir-mos por hum momento nas ardentes expectaçõens que se haviaõ formado a respeito do tamanho dos diamantes, seu numero, e brilhantismo, nas honras que se fariaõ aos officiaes, &c. poderemos julgar qual foi o dissabor das esperanças frustradas, quando se vio, depois de se revolver aquelle fundo, que naõ havia hum so diamante! Tal foi o termo deste serio processo, feito com tanta despeza, trabalho, e risco, e semelhante õutras muitas especulaçoens, fundadas sobre historias enganosas de velhos mineiros, que foraõ ruina de muitos illudidos aventureiros.

Continuei pela minha antiga derrota, visitando os mesmos amigos, que me tinhaõ recebido na minha jornada ao Tejuco, até que cheguei a Cocaes. Na visinhança deste lugar se achaõ bellas amathistas, e crystaes, persemiados de titanium. Partindo dalli, tomei a leste para a Villa de Bromada, cinco legoas distante.

Huma grande parte do caminho era coberto com mino de ferro. Passei pela Villa de São Joao, e entrei n'hum lindo valle, por onde corria hum pequeno arroio, chamado Santo Antonio. Não pode imaginar-se hum lugar mais delicioso; o terreno que tem pequenas elevaçoes, he capaz de toda a cultura, e proprio a recompensar amplamente as fadigas do trabalhador. Em addição a estas vantagens, e á de hum bello clima, este sitio he alem disso extremamente rico em oiro. No fim deste valle atravessamos o rio sobre huma ponte de pedra, e passamos por huma linda aldea por nome Barra; caminhando mais huma legoa, chegamos a caza do Capitão Joze Alvaro, que me recebeu mui attentiosamente. Sendo Domingo, muitos dos vizinhos visitavaõ esta caza; houve hum sumptuoso jantar, e a noite se passou em agradavel conversação sobre o modo de minar naquellas circumvisinhanças. No dia seguinte fui visitar as minas de oiro pertencentes a este cavalheiro, a principal das quaes estava situada no cume de huma montanha de schisto argillaceo, onde se abria huma fenda perpendicular de vinte pez de alto. A superficie desta fenda mostrava differentes cores, algumas mais ferrugineas que outras; as partes que se julgavaõ conter mais oiro tinhaõ a apparencia de cavidades irregulares, cheias de huma substancia semelhante a hum stalactites ferrugineo em decomposição. Esta montanha tinha produzido grande quantidade de oiro, e era ainda rica: podia chamar-se verdadeiramente aurifera; pois mandando negros buscar pedaços desta terra contida em todas as partes da fenda, e nas raizes da relva, achei que todos continhaõ oiro. Depois dos mais ardentes convites para ficar, que não aceitei, despedi-me do proprietario deste estabelecimento, e passei por huma grande caza pertencente ao Capitão-mor Penha, opulento mineiro, que tem hum grande estabelecimento de negros, e terras extensas. Continuei meu caminho por cinco legoas em hum paiz aurifero, passei a villa de Santa Barbara, e cheguei a Catos Altos. D'alli parti para Villa Rica, sem nada observar digno de nota.

Fui aqui recebido com as mesmas attençoens e respeito, que encontrei na minha primeira vizita. Achando necessario ficar aqui alguns dias para restabele-

ter a minha saude, examinei huma quantidade de varias substancias, que se tinhaõ collegido para mim, durante a minha auzencia. Mas não tive a fortuna de encontrar alguma que merecesse atençaõ. O Theatro estava entã aberto, e gostei muito de achar que o divertimento racional do drama se tinha substituido ao salvatico brinco de correr touros. O theatro, e as decoraçoens eraõ elegantes, e a execuçaõ passavel; se os actores fossem mais favorecidos, e animados, o publico receberia maior satisfaçaõ. Elles estaõ debaixo do mando do Governador, e geralmente taõ algemados que não podem representar senã as peças que o seu capricho dictar.

Deixando Villa Rica, continuei a minha jornada para a capital, onde cheguei pelo meado de Fevereiro de 1810, n'hum estado muito exaurido de forças, em razã dos combinados effeitos da fadiga e indisposiçaõ, que o continuo esforço, e falta de respouso haviaõ consideravelmente augmentado. Informei o Excellentissimo Conde de Linhares da minha chegada, e poucos dias depois tive a honra de apresentar-lhe huma relaçaõ das minhas viagens. Fui depois apresentado ao Principe, que me fez a honra de exprimir a sua approvaçaõ sobre a noticia que eu dava do paiz que tinha viajado, e requereu-me que a publicasse. Elle teve a bondade de fazer officiaes os dous soldados que me acompanharaõ, em recompensa de sua boa conducta; e quando eu expressei os meos agradecimentos por esta prova de sua atençaõ, Sua Alteza replicou, que era bagatella para mencionar-se, e pedio-me, que dicesse eu por que modo poderia elle testemunhar-me a satisfaçaõ que tinha dos meos serviços. Neste momento o estado da minha saude era taõ precario, que eu não pude pensar em ficar por mais tempo, no Rio de Janeiro, onde todos os dias porava, alias eu não tinha a mais pequena duvida, que a generosidade do Principe me recompensasse amplamente pelas fadigas, que havia experimentado.

THE HISTORY OF AZORES, OR WESTERN ISLANDS, &c.

Historia das Ilhas dos Açores, em que se contem a descripção do seu Governo, leis, religião, costumes, ceremonias, e caracter de seos habitantes; e em que se mostra a *importancia destas preciosas ilhas para o Imperio Britanico*. Londres. 1813.

O TITULO desta obra era feito para excitar a nossa curiosidade; e se a não apagamos com a instrucção, que ella nos deo, ficamos mais que satisfeitos com o raro espectáculo da impudencia do author; e hesitamos por algum tempo se deviamos dar noticia de semelhante obra; porque pouco achamos nella, que possa interessar os nossos leitores; e para o simples fim de provar os diarios abusos da liberdade da imprensa, que temos prezenciado, parece-nos ter ja dito bastantemente em os nossos Nos. precedentes. A opiniaõ que manifestamos em o No. X. pag. 316, cada vez nos parece mais confirmada pelos factos successivos. Nos ali dissemos — “que estavamos tão longe de criticar a doutrina que “prevalece neste paiz, como de acreditar, que ella “podesse existir em algum outro do continente, sem “perigo immediato da subversão total do Estado: e “talvez mesmo não podesse existir neste, se houvesse “outro igualmente bem governado, e igualmente prodioso, mas opposto em interesses, que admittisse a “liberdade de imprensa ao mesmo extremo.”

Quem diria que hum subdito Inglez escolhesse a epoca não so de huma profunda paz, mas a da mais estricta, e intima alliança, que jamais existio entre Portugal, e Inglaterra, para aconselhar ao Governo Inglez o empolgar as Ilhas dos Açores aos Portuguezes! E não se offenda o author com a expressãõ grosseira de que uzamos, pois facil nos sera provar que não havendo preço adequado a compra tal, não pode o author fazer conta senão com meios indirectos, e odiosos, para esperar que os Portuguezes podessem cahir em hum contracto tão vergonhozo, e soffrer huma lezaõ tão enorme. Decidimo-nos porem a dar aos nossos leitores noticia desta indecente obra, quando vimos

que ella não escapou á sagacidade do nosso Arch-estadista moderno, vulgo Brasiliense, que só faz a vista grossa para as obras que podiaõ ser de utilidade aos Portuguezes.

Em o seu No. 57 teve elle a rara satisfação de verter em Portuguez as passagens desta obra mais odiosas aos Portuguezes e aquellas, que lhe parecerão mais proprias para irritar os animos dos povos contra o seu governo, e contra a Nação Ingleza; e isto no momento em que salta aos olhos do homem menos instruido, que as duas maiores precizoens de cada individuo Portuguez actualmente são—1. a mais cordeal affeição entre o vassallo, e o Soberano : 2. a mais intima uniaõ com os Inglezes : porem esta maravilha cessa para aquelle que tem tido a gostosa tarefa de ler o C. B., e a dita obra; porque logo descobre a affinidade, que reina entre os principios dos dois graves authores. O C. B. diz “ommittimos na analyse desta obra fallar das noticias que “o author dá sobre a agricultura, commercio, agoas “thermaes navegação, e outras materias relativas a “estas ilhas, &c.”—Isto advinhavamos nos que elle faria; porque está provado, que do util não cuida, e só dezeja, como diz mais abaixo, chamar a attençaõ do leitor para a parte politica, que he, segundo elle, a principal, que o author se propoem tratar; e he disto, que era de esperar, que elle lançaria mão para os seos fins particulares.—O nosso Arch-estadista parece-nos hum pouco comparavel ao Padre Mallebranche, de quem se disse—

“Lui qui voit tout en Dieu

“N’y voit pas qu’il est fou.

Assim o nosso Braziliense. Qualquer thema que dê ás suas lucubraçoens para as variar, ou seja Godoyanos, ou satrapas; Governo Militar, ou Monopolios; Despotismo, ou liberdade de imprensa, &c. &c. &c.; a travez do liquido dos seos raciocinios pode-se ler muito distinctamente no fundo do vaso—*General Miranda—Revolução Caraquetinha.*—De sorte que elle não tem senão huma idea dominante, que he—á de substituir a Anarquia á Monarquia—Se pega n’hum livro, e lhe acha materia para fazer huma postilla sobre os assump-

tos sabidos, he o livro bom ; senaõ, deita—o á margem : e naõ vê, que huma idea dominante se chega a excluir todas as outras, he huma *fixação*, como dizem os Italianos ; quer dizer, he o primeiro degraõ, para a Doidice, e o seu symptoma caracteristico, quando a molestia está bem arraigada.

Esta doutrina he taõ familiar a quem estudou, como nós, Pathologia, que nos começa a dar seriamente cuidado a saude mental do nosso caro, e Pseudo-Braziliense ; e achamos que naõ faria mal em convocar huma Junta de Medicos.—Se nos formos chamados (isto he, se elle tem confiança nos estudos, que fizemos em Coimbra, e que naõ cessamos de continuar em Inglaterra), de certo naõ faltaremos, e de graça, só pelo gosto de lhe tomar o pulso de perto.

Entretanto nos aconselhamos aos Enfermeiros que o naõ larguem de dia, nem de noite ; que observem todos os seus movimentos, acçoens, e discursos, e fação huma relação exacta ao Medico assistente de tudo o que observarem nas 24 horas. Para lhe servir de guia apontamos nas quatro regras seguintes os symptomas a que devem dirigir a sua attenção.—

De noite em tetros sonhos que mentiaõ ;
De dia em pensamentos, que voavaõ,
E quanto em fim cuidava, ou que dizia,
Eraõ tudo lembranças de Anarquia.

Na curta analyse que nos vemos obrigados a dar deste libello seguiremos hum methodo differente do que adoptou o nosso Herostrato. Mostraremos em 1. lugar que o plano do author he taõ absurdo como odioso : 2. buscaremos se a obra, que alias he bem magra de noticias, tem alguma, que possa ser util aos Leitores Portuguezes.

Nos emprehendemos a primeira parte, menos porque julgemos necessario provar o que he por si mesmo evidente, do que para elucidar algumas asserçoens impudentes em que elle se funda, para fazer plausivel a infamia que propoem.

A primeira observação, que nos occorre, e a que mais dezejamos inculcar no animo dos nossos leitores, he a mesma a que ja nos deo occasião o Redactor, (ou

Redactores) do *Quarterly Review*. Nos a transcrevemos aqui do nosso No. XVI. pag. 587.

“ Desta sorte (dissemos nos), em quanto a Gram-
“ Bretanha derrama o seu sangue, e exhaure os seus
“ thezouros para oppor huma barreira á torrente revo-
“ lucionaria, que tem enchido de luto, e pranto a
“ Europa, e o mundo; os seus escriptores servem-se
“ da liberdade de imprensa (util na mão do homem
“ honesto; e quasi sempre perigoza, prejudicial, e
“ funesta na mão de escriptores presumptuosos, revo-
“ lucionarios, ou perversos,) para disseminar princi-
“ pios revolucionarios: desta sorte, achão os Politicos
“ de Jornaes que, depois que a Gram-Bretanha,
“ deixada só no campo, e excluida de todos os portos
“ do Continente, só entre as Naçoens Peninsulares
“ achou quem a ajudasse a levar esta cruz, e a sup-
“ portar a tremenda luta; e que repartindo com ellas
“ o seu valor, e os seus thezouros, se vê livre do
“ cuidado, que lhe dava huma vizita revolucionaria
“ estrangeira, ou huma equivalente tribulaçoã inter-
“ na; achão, dizemos nos, os Politicos de Jornaes,
“ que as duas Naçoens Peninsulares se daraõ por
“ mui felizes, quando acordarem do sonho militar
“ em que estaõ, de se verem igualmente livres de
“ Francezes, e de tudo quanto possuiao fora do tea-
“ tro da guerra! E que hum Ministerio essencial-
“ mente esclarecido, como he sempre obrigado a ser
“ o Ministerio Britanico, teria taõ pouca previdencia,
“ que estaria com tanto custo, e trabalho fazendo
“ militar ate o ultimo homem da Peninsula, para lhe
“ pedir, depois d’ella se achar toda perita, e bellicosa,
“ as alviças pela perda total das suas colonias.”

Lizongeamo-nos por tanto, que os nossos leitores se persuadiraõ, que não sómente o Governo Britanico, mas todos os Inglezes sensatos, olhaõ, e haõ de olhar para estas indignas producçoens da imprensa, e para o Correio Brasiliense que tem o descaramento de as louvar, com o mesmo dissabor, e desprezo, que nós, como Portuguezes experimentamos.

Estes meio-literatos, sempre promptos a abusar de toda a facilidade, que achão para publicar as suas ideas, prejudicaõ a duas Naçoens ao mesmo tempo, e em muitos espiritos fracos, alias bem inclinados a favore-

cer os progressos das Artes, e Sciencias, introduzem o Scepticismo; porque vendo esta desenfreada desordem, hezitarão qual dos systemas oppostos he o peor; esfriarão o seu zelo, com a difficuldade, que prevem de acertar com o meio termo, que facilite as producoens do engenho honesto, e cohiba a peste dos escriptores, como este, que, por desgraça, analyzamos.

Que o Snr. T. A. Capitão de Dragoens ligeiros está intimamente penetrado de todas as maximas revolucionarias Francezas, bem o deixa ver o descoco com que diz a paginas 17. — “Eu não convido o Povo dos Açores a que se rebelle contra o seu legitimo Soberano; eu não tento o Governo Inglez a violar a sua fé com a caza de Bragança, assumindo huma authoridade, que he agora inefficaz e vaã naquella caza. Tudo quanto proponho he comprar a liberdade e ventura daquellas Ilhas, em troco do sangue, e thezoiros, que a Inglaterra tem despendido na cauza de Bragança.”

Esta especie de generosidade he tal, qual a de que os Embaixadores, e Generaes Francezes fazião alarde para com alguns dos pequenos Principes do Continente, em quanto não estaraõ bem rezolvidos a engolir-lhes os seos Estados

“Nos podiamos, diziaõ elles, conquistar-vos por força.—Nos podiamos ate revolucionar-vos; porque temos intelligencias secretas com todos aquelles dos vossos subditos, que vos são traidores; mas somos taõ generozos, que nenhum uzo fazemos destes meios, com tanto que nos deis por ora esta praça, ou esta provincia somente,” &c. &c.

O Snr. T. A. Capitão de Dragoens ligeiros quer tratar o nosso Soberano, e os Portuguezes exactamente pelo methodo que descrevemos—“Se S. A. (diz elle a pag. 15,) ceder a Madeira, e os Açores podemos entaõ com propriedade abandonar o direito á grande divida, que elle deve ao Governo Britanico, pela sua mudança, e estabelecimento final no seu Imperio Americano.”

Nos não sabemos, se o Snr. T. A. viajou quanto baste por Portugal, para dizer a pag. 219.—“A má atmosphera de grande porção de Portugal, enerva o espirito, assim como o corpo, e dissipa aquelle fogo

“ de imaginação necessario para a invenção. Por
“ tanto os habitantes de Portugal não são (em Portu-
“ gal) capazes daquelle tediozo estudo, e applicação
“ intensa, que produzem as obras das artes liberaes, e
“ mecanicas. Somente nos climas sadios he que se
“ pode esperar, que as artes, e as manufacturas che-
“ guem a sua perfeição.”

Talvez que o A. tivesse sido mais util ao seu Soberano e á Sua Patria, se em vez de viajar pelas Ilhas dos Açores, tivesse sido, pelo assim dizermos, huma das particulas do sangue, e do thezoiro derramado na Peninsula; e ali teria tido occasião de ver, (e isto seja dito sem detrahir de modo algum o heroismo provado dos exercitos Britannicos), de ver, dizemos, que se não fossem esses homens a quem a má atmospherá enerva o espirito, e o corpo, a cauza da Peninsula estaria ja perdida, ha muito tempo, e os exercitos Inglezes de volta para a sua Patria—*re infecta*.

Muita conta faz o Capitão T. A. com a grossura da atmospherá para imaginar, que os Portuguezes são tão obezos, que apezar de estarem a ouvir, e a ler todos os dias nas fallas dos principaes homens de estado, e nos debates do Parlamento—que a guerra da Peninsula he inevitavel, he indispensavel para a segurança do Imperio Britanico; ainda assim se haõ de capacitar, que os grandiozos esforços, que o Governo Inglez faz, e tem feito, são só por amor dos bellos olhos pretos, e barba azulada dos Portuguezes.

Mas quem nos hade pagar dirá o Capitão T. A. a grande divida, &c. &c. &c.?

Se S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor fez quantos sacrificios se poderaõ imaginar para evitar a entrada do General Junot em Portugal, foi para salvar os seos fieis vassallos daquelle flagello; mas S. A. R. não necessitava senaõ da amizade, que lhe era devida pela Gram-Bretanha para se transportar ao Brazil com dez náos de linha suas proprias; e para se estabelecer n'hum vasto terreno, que era, he, e sera sempre muito seu. Se a amizade da Gram-Bretanha acrescentou 4 naos suas ás dez Portuguezas, he porque o Ministerio Britanico tem mais generosidade, e mais perspicaçia do que o Snr. Capitão T. A.: e hum obsequio feito a hum Soberano que lhe hia abrir a navegação e

commercio dos portos do Brazil, não lhe pareceo dinheiro deitado a rua, como parece ao Senhor Capitão T. A.

Pasmados porem, e aturridos com a monstruosidade desta asserção do nosso author procuramos saber que immensa divida era esta, que o nosso Governo tinha contrahido, da qual se não poderia desferrar, sem alienar perto de 400,000 de nossos Irmaons, sem perder tão bellas possessoens, como as Ilhas da Madeira e dos Açores, e mais que tudo, sem fazer o sacrificio do primeiro fructo dos gloriosos descobrimentos dos nossos Maiores, unicos em merito na Historia Universal!! —Nos viamos bem o que o author queria dizer; mas tivemos a satisfação de nos certificar; e os nossos leitores podem fazer conta com a exactidão do que lhes vamos dizer, porque o ouvimos a pessoas, que sabem a verdade, e que nos podiaõ informar com segurança.—Viemos pois a saber, que o nosso Governo não tem divida alguma passiva em paizes estrangeiros, senão duas, ou antes os restos de duas, muito insignificantes ambas, graças a Deos, para os nossos recursos. A 1ª, ou o resto da primeira he o emprestimo feito pelas cazas de Hope, e Baring em 1802, cujas consignaçoens pagou annual, e regularmente o Erario de Lisboa ate á época da nossa catastrophe em 1807, sem a qual estaria o capital, e juro liquidado no fim de 1812.—Depois da restauração, S. A. R., que não podia obrigar o Erario de Lisboa a continuar as antigas consignaçoens, foi tão justo, e generoso, que consignou ás cazas de Hope, e Baring os diamantes, que lhes são entregues annual, e regularmente; e com o producto delles o resto da divida estará liquidado em 5 ou 6 annos.

A 2ª. he o emprestimo vulgarmente chamado em Inglaterra *Braziliense*, porque foi contrahido em 1809. Este somente he a divida activa do Governo Britanico; mas he pela quantia insignificante de £600,000; e como, alem do juro, se paga regularmente 5 por cento, ou 30,000 libras esterlinas, para a amortização em cada anno; esta divida estara paga, capital, e juro, em 9 ou 10 annos. Para o pagamento della estão applicados os fundos, que recebe a Administração dos Contractos Reaes em Londres, que são compostos de

parte das rendas das Ilhas da Madeira, e Açores, e d'alguns Contractos Reaes, como o Páo Brazil, Urzella, &c.

He logo evidente que o author imputa a debito de Portugal os grandiosos esforços que a Gram-Bretanha tem feito pela cauza da Peninsula: mas aqui devia elle ao menos ser justo, e fazer carregar os Hespanhoes com parte da divida—diremos antes com a maior parte; porque nos dois primeiros annos de 1808 e 1809 a Gram-Bretanha pareceo trabalhar mais para elles, do que para Portugal—graças á maledicencia de alguns authores, como este, que lhe asseguravaõ, que não devia fazer corta com os soldados Portuguezes; de sorte que o exercito Portuguez só começou a organizar-se em 1809 com a chegada do Ex^{mo}. Marechal Beresford.

A mesma primeira expedição de Sir Arthur Wellesley (leaõ-se as primeiras relaçoens officiaes deste grande General, e as instrucçoens, que andaõ impressas, dos Ministros Inglezes, e ver-se-ha que) foi mandada á Corunha; e foi por conselho da Junta de Galliza que as tropas Inglezas desembarcáraõ em Portugal.

Este ficou livre pelo heroismo de Lord Wellington mas sem armas, e sem exercito; e em 1809 ainda a Gram-Bretanha fazia conta somente com os Hespanhoes, fiada nos quaes, e junta com elles foi dar a batalha de Talavera.

Desta experiencia por diante he que podemos calcular os esforços da Gram-Bretanha, como dirigidos a favor de Portugal em grande parte, ou seja por conveniencia sua, ou de ambos.

Desta epoca por diante, e combinando o exemplo de Talavera com o de Sir J. Moore, he que a Gram-Bretanha começou a ver claramente, que huma vez que não podia nem fiar-se nos exercitos Hespanhoes, nem melhora-los em disciplina, não tinha outro remedio senaõ valer-se dos Portuguezes, que lhe pediaõ o mesmo, que os Hespanhoes lhe negavaõ, isto he officiaes para disciplinar as suas tropas; e com estas forcaes hum exercito bastante para fazer frente aos Francezes em algum ponto da Peninsula, obrigar estes a

concentrar-se, e dar algum jogo aos exercitos indisciplinados, e as guerrilhas Hespanholas.

Então he que a Gram-Bretanha vio que nada disto podia fazer só—que apenas entrava em Hespanha só, era logo obrigada a retirar-se; e que era melhor retirar-se para hum paiz armado, e amigo, do que para hum paiz sem defeza, como estava a Galliza, e Portugal em 1808, e parte de 1809. E não cuidem os revolucionarios (ou se chamem Inglezes, ou Francezes, Hespanhoes, ou Portuguezes) tirar desta doutrina vantagem contra a alliança de Portugal e Inglaterra. Ella he pelo contrario o maior argumento a favor da sua necessidade, e utilidade: porque nenhuma alliança seria solida, se fosse util somente para huma das duas Naçoens; e o seu intrinseco merecimento consiste principalmente, em que huma parte nada possa fazer por si só, sem a outra; e taõ Jacobinos nos parecem (no sentido vulgar que se costuma dar a esta denominação moderna) aquelles, que inspiraõ aos Inglezes desprezo para a alliança dos Portuguezes, como os que influem nestes ultimos desgosto contra a cooperação dos Inglezes. Huns, e outros tendem ao mesmo fim, que he separar e desfazer a uniaõ a que os Francezes não sabem, nem podem resistir: e Jacobinos foraõ (no mesmo sentido) e os mais perniciosos, todos aquelles escritores de gazetas, e pamphletos, que por dois annos impediraõ com a sua maledicencia que a Gram-Bretanha conhecesse o verdadeiro valor da excellencia militar dos Portuguezes; e outro tanto tempo retardaraõ o estabelecimento de hum plano que mudou a face da Europa, e preparou a resistencia victoriosa dos Russos.

Estes principios bem entendidos bastaõ para reduzir ao seu justo valor a pertendida divida em que o author considera Portugal pelo thesoiro, e sangue derramado em sua defeza pela Gram-Bretanha.—O esclarecido Ministerio, que a governa conhece melhor os seos interesses, do que os authores de libellos. Elle não se quiz empenhar por tratado algum com Portugal para os subsidios que lhe deo. Determinado o fazer o papel principal nesta tremenda luta, não se resolveo a concorrer para a formação do exercito Portuguez, senão quando vio que este lhe era

necessario. Deo-lhe armas, e subsidios, quando se persuadio que lhe seria util. Do outro lado os Portuguezes devem sentir que na Monarquia Portugueza não tinhaõ armas, dinheiro, cavallo, nem talvez officias bastantes para formar o brilhante exercito, que formáráõ. Devem sentir que em nenhuma parte do mundo, nem mesmo nos Estados Unidos da America podiaõ achar estes meios indispensaveis para conseguir o seu fim—de se ver livres dos Francezes—Logo o interesse foi reciproco, assim como a utilidade.

Mas como estes raciocinios, por mais evidentes que sejaõ não satisfaraõ talvez o author; nós vamos subministrar-lhe factos, que o tranquillizaraõ, e lhe provaõ que até n'hum ponto de vista pecuniario a Gram-Bretanha não perdeo neste contracto bilateral, e terá o author huma razão mais para se persuadir que os Ministros da Gram-Bretanha entendem melhor do que elle os verdadeiros interesses della.

Nos dezejariamos que os individuos das duas Naçoens disputassem em generosidade, assim como os dois Governos tem feito; porque não ha disputa mais ridicula, e mesquinha do que a de lançar-se em rosto os beneficios reciprocos.

As duas Naçoens da Peninsula podem muito bem negar a divida pecuniaria, sem que por isso possaõ dispensar-se da obrigação moral do reconhecimento eterno: e olhando para o comportamento das Potencias do Continente acharaõ, que não he pequena honra para o Ministerio da Gram-Bretanha, se as suas deliberaçoens de Estado parecem actos de generosidade. Reparem no que tem padecido a Austria, e a Prussia, como se fosse justo castigo a huma por ter querido engolir o Piemonte, e da outra por ter querido usurpar o Hanover. A Russia, hoje glorioza, não contente de apanhar a Finlandia, Deos sabe porque meios, esteve a ponto de ir a pique por não querer restituir a Valaquia, e a Moldavia. Lembre-se em fim a mesma Hespanha, que ainda as nossas tropas, que a tinhaõ ido ajudar, não estavaõ de volta do Rossillon, ja ella estava ligada com os Francezes contra nós. — Não fallemos do moderno Governo da França.—Esse em caza temos assaz por onde o julgar, e apreçar.

Enlaçar pois os actos de Governo com os de generosidade de modo tal que seja difficil separa-los, não he pequeno louvor, *non ultima laus est*, para hum Ministerio obrigado a dar conta diariamente em Parlamento, se tudo quanto faz he para utilidade da Nação Ingleza.

O primeiro beneficio que ella derivou da resistencia Peninsular he o socego interno; e se fosse possivel arrumar huma escala de valores de coizas heterogeneas, por exemplo, operaçoens Politicas, e Despezas, achar-se-hia que na 2. columna não havia *item* assas caro para pôr em frente do socego interno da Gram-Bretanha.

A 29 de Novembro de 1807 quando S. A. R. partio para o Brazil, toda a Europa jazia aos pez de Bonaparte: o temor da invazaõ, que em 1803, e 1804 consternou a Inglaterra, ameaçou de voltar com o exercito Francez para as costas da Normandia. — Nem diga o nosso author, que á sua marinha, e ao seu exercito deve a Gram-Bretanha o seu descanso, e a sua segurança. — A Marinha Britanica tera sempre na posteridade huma grande parte do merito de se ter salvado a Europa, e o Mundo da queda no profundo barbarismo. Porem essa Marinha era taõ brilhante em 1803 e 1804, como agora e nem por isso deixou a Gram-Bretanha de passar pelos maiores sustos, ate que o patriotismo dos seus innumeraveis voluntarios a fez voltar ao cimo da agoa. Em hum Paiz essencialmente commerciante, e que tanto carece do credito mercantil, hum pequeno desembarque (em Inglaterra, ou Irlanda) tem bastado para cauzar hum terror universal. Ainda não passáráõ da memoria de todos a esquadra do General Hoche, a do General Humbert, e outros.

Porem nos estamos vendo que esta pintura, e estes raciocinios não satisfaraõ o Capitaõ T. A.: e ainda que nos lhe provemos que a partida de S. A. R., para o Brazil foi o choque electrico para a Peninsula; que a resistencia dos Hespanhoes se communicou aos Portuguezes, sempre briosos em coizas de guerra; que o heroismo, e os sacrificios do exercito, e Povo Portuguezes destruiráõ o prestigio dos Francezes, e animaráõ os Russos a conhecer as suas

proprias forças, de sorte que a salvação que a Europa agora espera da mão dos Russos, deve a sua origem a partida de S. A. R. para o Brazil; não obstante esta grande, e impagavel obrigação, nos desconfiámos que o Capitão T. A. não se hade convencer senão com calculos pecuniarios—Eilos—ahi—

Nos entramos com repugnancia nesta discussão: porem ja que hum inimigo dos dois Governos a excita, e outro a levantou da poeira do desprezo em que devia ficar sepultada, nos a tornaremos a elle. Qualquer que seja a cor de que se vistaõ os revolucionarios, sejaõ Troianos, ou Rutulos, sem differença os trataremos.

Se o Snr. T. A. tem alguma idea de liquidação de contas, deve começar por bem classificar os *itens* da Despeza, e legitima-los; e hade admittir que da despeza, e grande Divida a cargo da Peninsula deve deduzir, ou não a deve debitar de toda aquella porção de gastos que a Gram-Bretanha faria, se a Peninsula estivesse usurpada pelos Francezes.—Este principio faz logo desvanecer todo o *item* da Marinha — porque as Náos que estão em Lisboa, e Cadiz, bloqueavaõ antes estes dois Portos, e muitas mais ainda. Outro tanto se pode dizer das forças Navaes, que cruzaõ no Mediterraneo e sobre as costas de Sicilia, sobre as Asturias, &c. &c. &c.

Por outra parte os estrangeiros observaõ que a Gram-Bretanha em vez de fazer economias, augmenta o seu Estabelecimento Maritimo, á proporção que desaparecem as Armadas inimigas. — Se houvesse huma Frota combinada de Náos Francezas e Hespanholas, como em 1779; se houvesse huma neutralidade armada de Russos, Suecos, Dinamarquezes, &c. a Gram-Bretanha apenas manteria, como neste anno 140 mil marinheiros e 32 mil soldados de Marinha. Mas nestas razoens de Estado não cumpre a Estrangeiros intrometter-se.

Do exercito de terra deve o Capitão T. A. deduzir em primeiro lugar os soldos, e mantimentos que custaria em Inglaterra, e Irlanda; e quanto a transportes, e extraordinarios, ser-lhe-ha difficil avaliar a deducção conveniente; porque adoptando o plano que

substituia Lord Grenville de andar com o exercito fluctuante sobre as costas da Peninsula para apparecer aqui, e ali, desembarcar, saltar, e embarcar-se outra vez, &c. &c. &c. ; deve confessar que tambem haveria huma grande perda de gente, de muniçoens, de provizoens, de todo o genero, &c.—Demais, olhando ao methodo constantemente praticado na guerra passada, e na presente nos intervallos das *coalizoens*, deve deduzir-se tambem o importe das expediçoens, annuaes, bem ou mal succedidas ; e elle sabe muito bem que algumas destas ultimas foraõ custosissimas. Nos não as apontamos porque estaõ ainda frescas na memoria dos homens.

Nos ignoramos se o Capitaõ T. A. sera mais capaz do que nos somos de bem fazer estas deducçoens—Lord Castlereagh para responder o anno passado á accuzação que fez o Marquez de Wellesley aos Ministros de não terem feito em favor da Peninsula todos os esforços, que podiaõ, e que por este motivo tinha sahido do Ministerio—disse—que podia orsar em 20 milhoens esterlinos o total dos esforços, que a Gram-Bretanha empregava em favor da Peninsula. — Em hum sentido disse Lord Castlereagh mui bem ; porque os Francezes tem de resistir a toda a força que rezulta desta despeza : e he merito, e não culpa do plano seguido com a Peninsula, se elle reune em hum ponto só a maior parte das despezas *insuladas* que a Gram Bretanha fazia d'antes sem maior fructo contra a França. Em 1809 empregou a Gram-Bretanha cem mil homens em Sicilia, Hollanda, e Hespanha ; mas quem não vê que se fosse possivel que esta força obrasse toda em hum ponto, embaraçaria muito mais a França ?

Estas deducçoens confundiriaõ muito mais o Capitaõ T. A. se elle tivesse ouvido o que o Marquez de Wellesley disse ha poucos dias em Parlamento, que a differença de manter 15,000 infantes em Inglaterra ou na Peninsula, seria, quando muito de 500 a 600 mil libras esterlinas ; quer dizer de 33 a 40 libras por homem ?

A cavallaria, a artilharia, e os extraordinarios de guerra custariaõ muito mais ; porem nos não queremos

fazer calculos conjecturaes, principalmente sabendo, que as forças das tres armas tem variado muito em numero nestes cinco annos. Em grosso ouve-se dizer, que a despeza da guerra da Peninsula, ou os saques sobre o Erario Britanico, e remessas, que elle tem feito, andaõ annualmente de 10 a 12 milhoens esterlinos, incluindo os subsidios em dinheiro, e em generos dados em Lisboa, e Cadiz—Demos este maximum de 12 milhoens como hum factõ, cuja exactidaõ ignoramos. Com que porçaõ deste gasto quereria o Capitão T. A. que os Portuguezes carregassem, e qual tocaria aos Hespanhoes?

Se elle fosse repartido em razaõ da superficie, tocaria apenas hum quinto aos Portuguezes:— se da Povoação, como 2 : 7. Tomemos o medio das duas razoes, pouco mais ou menos, de 1 a 4: tres milhoens seria a divida annual dos Portuguezes — nove a dos Hespanhoes.

Faça elle agora as deducçoens, que nos lhe apontamos acima, e diga-nos a quanto se reduz a grande divida. E repare bem que nos fazemos mostra aqui de suppor que desta despeza nada lucrou a Nação Inglesa, nem para a sua tranquillidade interna, nem para incommodar o seu inimigo, nem para a sua navegaçãõ, commercio, &c.

Mas como se sahirá o Capitão de Dragoens T. A. quando nos lhe provarmos que as exportaçoes da Gram-Bretanha para Portugal antes de 1807 eraõ avaliadas pelos escritores Ingleses de 800 mil a 1,000,000 de libras esterlinas; que para o Brazil, afora algum contrabando, a Navegaçãõ, e Commercio Ingles eraõ nada; e que depois de 1807 a exportaçãõ da Gram-Bretanha para o Brazil, por termo medio, em cada anno monta a £ 3,500,000 pouco mais ou menos; afora tres quartas partes da Navegaçãõ Mercante, que era d'antes exclusiva aos vasos Portuguezes?

Se nos calcularmos somente o beneficio dos fretes e seguros, não erraremos muito em suppor, que no estado actual, e sem olhar ao acrescimo, que terá o Commercio do Brazil para a Gram-Bretanha, este lucro somente excedera de 2 milhoens por anno; e este lucro he sem equivalente que precedesse.

Nada existia para a Gram-Bretanha a este respeito antes de 1808.—Se a Portugal tivesse cahido a mesma calamidade que á Hespanha; e que o General La Borde fosse Vice Rey do Rio de Janeiro, o General Loison da Bahia, &c. &c., o Capitão de Dragomens T. A. confessaria que a Gram-Bretanha não ficaria compensada com a usurpação da Madeira, e dos Açores. Nessa triste hypothese o systema continental realizava-se por inteiro; e os habitantes Inglezes não cessariaõ com os seus gritos de paz, gritos que cessaraõ, logo que se lhes abriu a navegação para o Brazil. Entaõ o Commercio de Portugal era nullo: o rendimento que o Governo Britanico arrecada em direitos sobre os vinhos de Portugal, que tem chegado a 2 milhoens e meio esterlinos, em alguns annos, reduzir se-hia a nada, segundo o arbitrio dos Francezes, se elles realisassem o projecto taõ fallado de arrancar as vinhas do Doiro: e como os Inglezes não podem passar sem vinho, iriaõ por força compra-lo ao seu implacavel inimigo.

Em lugar deste quadro sombrio veja agora o Snr. Capitão de Dragoens T. A. o que nós lhe substituímos. Esse Commercio de exportação para Portugal, que cessou, ou perdeu-se de todo em 1808, e que antes de 1807 apenas seria de 900 mil a 1,000,000 esterlino:—assim que a restauração começou a tomar algum corpo cresceu da Gram-Bretanha para Portugal—

Em 1809 a mais de £1,100,000

Em 1810 a mais de —2,200,000

Em 1811 a mais de —6,000,000

porque Portugal livre não só consumio, mas foi vehiculo para o consumo de grande parte de Hespanha; e note-se bem que nesta importação para Portugal se não comprehende a do bacalhão da Terra Nova, nem tudo o que sahio de Irlanda para Portugal, que foi tambem subindo em proporção da maneira seguinte:

Em 1809 perto de £ 200,000

Em 1810 mais de — 400,000

Em 1811 perto de —1,300,000

Resumindo pode o Capitão T. A. fazer o calculo seguinte :

1. Novo Commercio para o Brazil, e novo lucro para a Gram-Bretanha em generos, por termo medio de tres annos—	annualmente	£. 3,500,000
2. Beneficio da nova Navegação, orçado por ora, ao menos em	-	1,500,000
3. Novo Commercio para Portugal	-	6,200,000
4. Antiga Navegação para Portugal	-	1,000,000
Total de Commercio novo para a Gram-Bretanha *		£. 12,200,000

Deste total pode deduzir

1. Contrabando para Portugal, e Brazil	-	2,000,000
2. O que lhe parecer que foi consumido pelo Exercito Inglez	} por lembrança	
3. A supposta devida de	-	3,000,000

e achará que do estado de bloqueio absoluto do Brazil, e da Peninsula ao systema actualmente seguido pelo seu esclarecido Governo, houvera hum saldo de beneficio e lucro annual para a Gram-Bretanha, ao menos de 6 ou 7 milhoens de libras esterlinas. E se, convencido em quanto ao lucro pecuniario, se voltar para o sangue, ou perda de homens; nos, sem lhe lançarmos em rosto a nossa dez, ou mais vezes maior com a invazão de Massena, lhe taparemos a bôca somente com huma asserção, e he que o augmento annual de tantos centos de navios, que vão, e haõ de navegar para o Brazil, lhe creará hum numero novo de homens maior do que os que perde por huma vez na Peninsula.

* Lançamos em credito ao Novo Systema a antiga Navegação para Portugal, que seria perdida, se Portugal, e o Brazil fossem Francezes— e no orsamento não fizemos conta com o excesso temporario dos generos que passãõ agora por Portugal para Hespanha.—Este orsamento não he exagerado, ainda nos dobrados limites em que o encerramos—Porem nos julgamos necessario prevenir, e refutar d'antemão a vantagem, que do nosso

Parece-nos por tanto, que, bem feitas as contas, a grande Devida he aquella que não somente a Grã-Bretanha, mas a Europa, e o Mundo todo devem á Magnanima Resolução de Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor em 1807, e ao determinado valor, heroico soffrimento, e lealdade imperturbavel, que mostráráo os Portuguezes, em quanto todas as outras Naçoens do Continente nem a olhar se atreviaõ para os Francezes !!!

Por ti ao campo da tremenda luta
— Que á foz do Tejo decisiva sorte
Prepara ao Mundo, a Sympathia Humana
Terna voava.

Do Abysmo, ou ceo ja proximo o triumpho,
Termo de sustos, de esperanças termo;
Em ti fitava a Humanidade os olhos,
Muda tremente.

calculo quereraõ tirar os Partidistas Francezes contra a alliança Ingleza, imputando-lhe a culpa da perda da nossa marinha mercante.—Se as LL. Inglezas tendem constantemente, ha mais de seculo e meio a favorecer a navegação propria, não fizeraõ mais do que deviaõ fazer; mas não foraõ os Inglezes quem nos tolheo quasi toda a Navegação para o Mediterraneo, para França, Hollanda, Hamburgo, e Baltico. Não trabalharaõ por certo os Inglezes para que os Francezes, Suecos, Dinamarquezes, Ragusos, &c. &c. se apoderassem de toda a nossa navegação Europea. Diremos ainda mais.—A respeito destes ultimos a nossa habilidade faz muito peor figura, do que a respeito dos Inglezes. Estes aproveitaraõ-se do nosso descuido para fazer em navios seos todas as importações, e exportações reciprocas entre Portugal, e Inglaterra: mas os Suecos, Dinamarquezes, Ragusos, &c. nada tinhaõ que fazer com a exportação dos generos do Brazil para o Mediterraneo, e para Alemanha, que toda inteira, nos levaráo.—Cessemos pois de dar pela rama, e não cortar a raiz: conheçamos o mal, e aonde está, e remediemo-lo. Este será o assumpto de hum artigo em noss Jornal, quando a occasião no-lo permittir.

Continuar-se-ã.

LITERATURA PORTUGUEZA.

Compoziçoens Poeticas que se publicaraõ em Lisboa por occaziaõ da vinda do Lord Marquez de Wellington e Torres Vedras áquella capital em Janeiro de 1813.

Apezar de não gostar-mos da recommendação que vem no prefacio da primeira Ode, pelo proprio author, confessamos ser esta huma das suas produçoens, que nos parece merecer lugar na Literatura Portugueza; e com o mesmo espirito de imparcialidade, que censuramos algumas das suas obras, fazemos o merecido apreço desta, em que o author reconhecco melhor o avizo de Horacio, quando lembra aos emprehedores poeticos o *quid ferre recuzent, quid valeant humeri*; e sem lhe ser preciso rivalizar os Mannes de illustres mortos, achou a vareda que guia ao Parnaso sem despenho, marchando pela estrada da gloria nacional.

INVICTO WELLINGTON. ODE.

Fortis et hostium Victor. HOR.

POR JOSE AGOSTINHO DE MACEDO:

I.

Dos seculos que fogem,
Musa, suspende a rapida carreira,
Dissipa a sombra, que o passado envolve;
Reproduze a meus olhos
Da gloria a imagem, que brilhou no seio
Da fadada Ulysséa,
Quando, cobertos de Mavorcios louros
Vinhão do Ganges seus Heróes triunfantes!

II.

Vejo, que assombro! os mares
 Tremendo aos pés do formidavel Gama;
 Lá traz pendentes da invencivel dextra
 Do lúcido Oriente,
 Té alli vedado, as recatadas chaves:
 Estrepitoso sóa
 De seu nome o louvor; nas maos a Palma,
 Mais que a de Cesar, gloriosa, empunha!

III.

Dos undívagos lenhos
 Vejo surgir Pacheco; a frente augusta
 Lhe aperta, e cinge oriental corôa:
 Nem tanto o Indo, o Hydaspe
 Vio triunfante o vencedor de Arbella;
 Nem vio mais glorioso
 O Araxes indignado, o indocíl Tigris,
 Fulminando Pompéo, Julio, ou Trajano.

IV.

Do magestoso throno
 Desce o Monarcha, que assombrou dois Mundos,
 E, á dextra pondo o fundador do Imperio,
 (Que inda em ruina he grande)
 Préza a virtude n'hum vassallo, e acena
 Ao transportado povo,
 Que beije a invicta maõ, que incensos queime
 A quem d'Asia he terror, do Téjo he gloria.

V.

Vejo em dourado cofre
 Os despojos mortaes se he Nume, ou Homem
 Inda Asia absorta decidir não sabe!
 De Scipiao, de Fabio....
 (Albuquerque diz mais); e a invicta espada,
 Que o Septro glorioso
 Soube lavar, que dominou, domina
 Inda nos restos immortaes de Gôa.

VI.

Roma, não viste outr'ora
Mais fastuoso de Marcello illustre
O dia triumphal, nem viste o dia,
Que, em Accio triumphando,
Augusto vinha a receber na fronte
No Capitolio eterno
O Diadema do Mundo, aos pés já tendo
Do Throno, sem rival, prostrada a Terra.

VII.

Dias da Lusa gloria,
A mão do Eterno vos produz, eu vejo
Em Lysia a Gratidão, vejo a Justiça!
Deo Natureza o berço
Estranho a hum grande Heroe, e amor o torna
No coração dos Lusos
Tão seu, tão natural, que a Palma, o Louro,
E, o que inda em Lysia he mais, lhe outorga assombro!

VIII.

Na Imperial Cidade
Assim no carro do triumpho entrava
O que em Dio a Bizancio encheo de susto ;
Na victoria modesto
Offrece á Patria de Cambaia o Sceptro
Em suas mãos quebrado ;
E, raio do Indostão só gloria préza,
Que a ingenua vos da Gratidão lhe sagra !

IX.

Assim Castro triumpho,
Gôa dest'arte o vencedor recebe :
Assim do Heroe Britano hoje Ulysea
O nome immortalisa ;
Seu defensor o acclama, e exalta, e louva
Em aureo laço unidos
A prudencia, o valor, qual vira o Tibre
No Heroe, que a cinzas reduzio Carthago.

X.

A estranho jugo indocil,
 Independente Lusitania o raio
 Sentio, que o fogo pela Europa atêa;
 Impia Erynnis raivosa
 A perturbar-lhe a paz sahio do Inferno;
 No generoso seio
 Lhe quiz, sedenta, ensanguentar a espada,
 Que a fraude, e não valor, chama invencivel.

XI.

Quam funestos, que horrendos
 O Tejo, o Douro ao mar levoẽ tributos!
 De sangue tintos vão, saõ sangue as ondas!
 Eu vi prompto atear-se,
 Em não barbaro Ceo, barbaro incendio!
 Eu vi a indigna chamma
 Do Templo as aureas cúpulas lambendo,
 Eu vi gemendõ a liberdade em ferros!

XII.

Em quam férvido sangue
 Eu vos vi submergir, campos de Lysia!
 Brotáraõ bosques de fataes Cyprestes,
 Cuja medonha sombra
 Profanava de Lysia o Ceo tranquillo;
 A'vido só de estragos,
 Negro estandarte levantou da morte
 No livre Tejo o Déspota do Sena.

XIII.

Inda escassos, e estreitos
 Os confins julga de usurpado Imperio;
 Anhéla ver o Oronte ao jugo atado;
 Quer o Eufrates captivõ;
 Quer o Nilo em grilloens, o Gange em ferros;
 Quer que tremendo a Aurora,
 Apenas surja, a tricolor bandeira
 Adore, e sinta de seu braço a força.

XIV.

Quer desfolhar os Cedros,
Que em cima estaõ do Libano captivo;
De Idume as palmas triunfais inveja:
Qual Annibal os Alpes,
Transpoz os Pyrneos, e a cent^a, e cento
O vem seguindo as Hostes,
Inda mais feras que as do Tánais eraõ,
Que A'tila seguem, que, a par delle, he Tito.

XV.

Quantas rasgadas veias
Derramaõ sem cessar sangue espumente!
Julga naõ ter agrilhoado a Europa
Se ao barbaro triunfo
Lusitania faltasse! Inutil força,
Se embuçada perfidia
Naõ dourasse de nevo indignos ferros!
E vio Lisboa hum Genserico em Roma?

XVI.

Oh Ceos! A herança vossa?
Mas já se afasta a túrbida procella!
E já se amaina, e se encadeia o vento!
Nas convulsas antennas
Eu vejo fulgurar Tyndáreo Lume;
E, enrolando-se a noite,
Eis foge, eis se dissipa, eis torna o dia,
O Sol tranquillo esplende, o mar se aplaina!

XVII.

O' do Britano invicto
(De quem o Mar he todo, a Terra he quasi!)
Genio mandado tutelar a Lysia;
Que Scipiao, que Fabio
Te posso comparar? Hés mais, hés Julio!
Nao lisongea, ou mente
Quem de ti nada quer; que até Britania,
Para a minha alma independente, he pobre!

XVIII.

Só verdade me guia;
 Qual Julio foi na Gallia, hês Julio em Lysia;
 Vieste a Portugal, viste, e venceste!
 Inda os ossos alvejaõ
 No campo onde hum trofeo perenne alçaste;
 Trofeo, que d'hum só golpe
 Rompe os grilhoens, que os pulsos roxeavaõ
 De Lysia, entaoõ dos Vandalos pizada!

XIX.

Naõ de pejo cobertos,
 Mas de rancor pestifero, que o peito,
 Inevitavel serpe, lhe ataçalha,
 Em ferros vaoõ cativos.
 Mas, eis novo Volcao rebenta, e corre
 Negra, sulfurea lava;
 Turva-se o Douro timido, tu vòas,
 Es raio na carreira, he cinza o Monstro.

XX.

Vejo trementes Aguias
 De Talavera nos extensos campos;
 De medo se embotou nas maos dos impios
 A mal segura espada,
 Quando na frente das Britanas Hostes
 Impavido arremeças
 O Ginete feroz: vences, e he tua
 A gloria só da liberdade Hispana.

XXI.

De novo, e mais horrenda
 A tempestade se condensa, e quasi
 Aos muros chega da fatal Lisboa.
 Vacilla desde o centro,
 Como d'armas oppressa, a terra em torno;
 Tu das altas montanhas,
 Como abraçando de Minerva a Egide,
 O passo aos Tigres suspendeste, e fogem.

XXII.

Lá vais, das maos lhe arrancas
(Hia o Luso a teu lado) os altos muros
De Rodrigo, e correndo, inda mais louros
Em Badajoz colheste ;
Eugenio assim das Luas arrogantes
O exercito afugenta ;
Assim Belgrado entrando, imagem tua
(Nao te avilta este archétypo) parece.

XXIII.

Mas, que Xerxes, juntando,
Immensas Legioens, que a terra cobrem,
Que os mesmos rios na passagem secaõ,
De Arapiles no campo
De orgulho, e de ira fulgurando avança ?
Milciades tu corres
(Hum Grego he pouco, hum Portuguez he tudo !
Albuquerque assim vence !) e Iberia he salva !

XXIV.

Os pósteros tardios,
Memoria tua conservando illesa,
Aos filhos mostraraõ no extenso campo
Onde as Hostes venceste
Desenterrado o capacete, e a lança
Do Vandalo inhumano ;
De Arthur inda tremendo, a força, a espada
Lhe haõ de mostrar os descarnados ossos.

XXV.

De hum Filosofo austero
Escutaste o louvor, que o dom das Musas
Ao mérito suppôsto, á vil lisonja.
Prostituir nao sabe.
Ouve-me, Grande Heroe, da Fama etá subo
Ao sempiterno alcaçar ;
Eis o que em letras d'ouro alli contemplo :
Arthur deo Patria ao Luso, ao Norte exemplo.

AO MESMO ASSUMPTO.

ODE.

Assim, depois que o desmedido arrojo
 Do temerario Brenno
 Punio sublime, no Mavorcio ensejo
 As palmas enfeixando,
 Entre os vivas geraes de hum Povo immense
 Entrou Camillo em Roma;
 E assim, depois que os Marathónios campos
 Virao em fuga aberta
 Os Prefeitos do Persico Tyranno,
 Milciades ovante
 Colheo sereno os merecidos gabos
 Da soçobrada Athenas:
 Mas, da grande victoria unico premio,
 Só vio entre outras nove
 No Portico Pecil a imagem sua; *
 Tu, medrando no applauso
 Da, por Ti livre, alvoroçada Elysia,
 No peito de seus Filhos,
 Da Gratidaõ polo buril sagrado,
 Tens, com fiel gravura,
 Supremo Defensor, unica imagem.
 De seu perenne asylo,
 Do seio da vaidosa Grã-Bretanha
 Comtigo a Liberdade
 Magestosa alargando o vôo altivo,
 Cerrou as niveas plumas
 No salteado terreno Lusitano;
 E, ao fuzilar dos raios
 Que dardejas da espada lampejante,
 Tremendo espavoridas
 As Córscicas cohortes deslumbradas
 (Qual tímido rebanho
 A balir, se o trovão nos Pólos brama)
 Deraõ, fugindo, espaduas
 Aos Lusitanos ferros, que de novo
 Na Mavorcia palestra
 Conduziste a cortar da gloria os loiros.
 Inda Ulyssea ciuda
 Ouvir nao longe os pavorosos brados
 Que do feliz Vimeiro

* Namque huic Miltiadi, qui Athenas, totamque Graeciam liberavit,
 talis honos tributus est in porticu, quae Paecile vocatur; cum pugna de-
 pingeretur Marathonia, ut in decem Praetorum numero prima ejus imago
 poneretur. *Corn. Nep. Imp. Graec. vitae,*

Dobrou nos échos o incendido bronze ;
E, por longo caminho
D'innumeros trofeos todo juncado,
Já volves a seu seio
Co' as palmas dos soberbos Arapiles !
Sertorio, descontente
As armas contra Roma levantando,
Ao velho na milicia
Presumido Metello, e aos socios delle
Certificou, vencendo,
Que hum sabio Capitão, guiando Lusos,
Todo o poder debella :
Tu nos Britannos Ceos, e nos de Marte
Nova, rútila Estrella,
Discorrendo em teu gyro portentoso
Os turvos Ceos da Hesperia,
E solto n'um chuveiro luminoso
D'insolitos triunfos,
Do Franco Despotismo á turba infensa
Mostraste, excelso Wellington,
Que o denodado brio Lusitano,
Qual reluzio prestante
Em affastadas Eras memoraveis,
Ind'agora fuzila,
Talvez mais do que nunca radioso,
Por Ti, que o reanimas,
E dos priscos Heroes a fama egregia,
Mais famoso, escureces.

N. A. P. P. M.

SONETOS

QUE EM LOUVOR

DO

GRANDE LORD.

Forão lançados no Theatro de S. Carlos, nas noites em que
Sua Excellencia o honrou com a sua presença.

SONETO I.

Chegou em fim o dia suspirado !
Exulta Lysia, exulta, que em teu seio
Recebes hoje, aquelle Heróe que veio
Fazer o teu destino affortunado.

Elle foi, quem os ferros tem quebrado,
 Em que gemias n'um dominio alheio :
 Elle por te salvar vio, sem receio,
 A morte tantas vezes a seu lado.
 O' Guerreiro sem par! Assombro, e gloria
 Do seculo feliz, que honrado has tanto,
 Por ti, augmenta o brilho a Lusa historia.
 Tua presença faz de Lysia o encanto ;
 E la no Templo da immortal memoria
 Fará Teu Nome d'Universo o espanto.

PELA SENHORA D. M. A. P. M.

II.

Curioso Viajante, que caminhas,
 Aqui tens este quadro, e vê comigo !
 Já vês o Porto, alli Ciudad Rodrigo,
 Aqui tens Villa Franca, e logo as Linhas !
 Vê, que horror ! os Cadaveres em pinhas
 Em Talaveira ; e a razaõ não digo !
 Vês Badajos ? já tem o mando antigo :
 Qual o Heroe vencedor, vê se adevinhas.
 Vanglorioso responde o Caminhante:
 He Wellington Guerreiro sobre humano !
 Que do Illustre Malbrough vai muito avante !
 Para a Russia vencer seguio seu Plano ;
 Tem acodido á Hespanha vacilante,
 E remio Portugal do seu Tyranno.

ANONYMO.

III.

Vitesi in preda al fraudolento inganno
 Dell' empio Usurpator malnato Corso
 Lisia ed Yberia nel Comune affianho
 All' Anglia Generosa ebber ricorso :
 Bentosto quella che un si fier Tiranno
 Volea distrutto fe' volar sul dorso
 De flutti suoi tutto il poter Britanno,
 E diede a queste un provido soccorso.
 A' quanto l'Anglia oppro' dovetter grate
 Lisia e Yberia mostrarsi, e or stanno a Lei
 Con laccii indissolubili Legate :
 Tal lega decretato avean ali DEI
 Per sterminar di Napoleon le Armate
 E ne affidaron l'Opra a un Wellesley.

PER Y. F. B.

IV.

Sobre auri-verde concha que puchava
 Tiro veloz de cysnes voadores,
 A linda Mãi dos trefegos Amores
 Do fulvo Téjo as ribas demandava.
 "Lysia, serás o encanto meu, bradava,
 "Em quanto o berço do heroismo fores;
 "Quem te protege alcança os meus favores,
 "E offende a Venus quem a Lysia agrava.
 "O Corso audaz, teu pífido inimigo,
 "Do que terna adorei, Marte iracundo,
 "Soffre em seus esquadros cruel castigo;
 E o Lord excelso, teu fautor segundo,
 Que d'Anglia ao Téjo vem por dar-te abrigo
 Tera de semi-deos honras no mundo.

B. T.

V.

Lei do Summo Senhor, que o regimento
 Do Mundo abrange, é Ceos e Eternidade:
 Sempre a hum ferreo portento da Maldade
 Se oppoe d' aurea Virtude outro portento.
 Do Corsico Tyranno ao nascimento
 Estremeceo gemendo, a Humanidade:
 Mas gemeo, e folgou, na mesma idade*
 Da Vida Wellington respirando o alento.
 Ell'a folgou, e o Tamysa jucundo
 Prévio do seu Heróe victorioso
 Meio livre pender...pasmado o Mundo!
 E assim foi; que esforçado, e cauteloso
 Já, libertando Portugal fecundo,
 Co' exemplo ensina o Sarmata nevoso.†

N. A. P. P. M.

VI.

Sobre as azas gentis da Liberdade,
 Erguida vò a Lusitania Gloria,
 Adornada co' esmalte da Victoria
 Polo maior Varão da nossa idade;

* Lord Wellington nasceu no primeiro de Maio de 1769, e o Corso Bonaparte nasceu em 15 de Agosto do mesmo anno: a Providencia anticipou-se com o remedio do grande mal que ameaçava a Humanidade.

† A Russia adoptou o plano de campanha, que Lord Wellington seguiu em Portugal; e os mesmos sabios principios tem produzido os mesmos felices resultados.

Por Wellington, que, honrando a Humanidade,
 Dá novo assumpto de assombrosa historia,
 Que os seculos transpondo na memoria,
 Va talvez hobrear co' a Eternidade.
 Varios Campeoens, que o Despotismo entende,
 O tem buscado, e polo mesmo estylo
 Tudo o que se lhe oppoe abate, e rende!
 Gloria-te, Albion, de produzi-lo,
 Olhando a teia triumphal que estende
 Cá desde o Tejo para além do Nylo.

N. A. P. P. M.

VII.

Quando ao poder de Roma estremecia
 O Mundo receoso, ou já curvado,
 Pola taiçãõ de Galba estimulado
 Viriato ardido a combater corria:
 Appellidando ás armas, influa
 O Luso Povo seu, á guerra usado;
 E, da Pátria no amor todo inflammado,
 Palmas colhendo, as Aguias abatia.
 Quasi tres lustros trovejou furioso,
 Acceso em Lysia appresentando ao Mundo
 Da Liberdade o facho luminoso;
 E, unindo a igual valor saber mais fundo,
 Em menos tempo, Wellington mais famoso
 Lysia salvou do Déspota iracundo.

N. A. P. P. M.

Entre as muitas peças de Poezia, que tem sido compostas pelo mesma occasião, parecem-nos especialmente dignos de serem conhecidos os seguintes disticos, que ainda não foram impressos. A pureza da lingoagem Latina, a belleza dos versos, e a feliz imitação do Principe dos Poetas Romanos, fazem recommendavel aos amantes das bellas letras esta especie de Epigrama de hum engenho Portuguez, possuido da nobreza do assumpto.

INVICTO WELLINGTON.

Dum gelidi in valles fontes, de vallibus amnes
 Murmure declives in freta salsa fluent;
 Dum Tagus auratas undis agitabit arenas,
 Volvet & insolitas irrequietus aquas;

Flava Ceres campos, colles dum Bacchus amabit
Istos ; dumque erit his aura benigna locis ;
Dum revoluta polo, spatiisque Aurora peractis,
Proxima venturæ nuntia lucis erit ;
Dumque dies Phœbus, noctes moderabitur hujus
Diva soror, stabunt astraque fixa polo !
Semper inobliti referent tua gesta Coloni
Occidui, tanti Nomen & arma Ducis :
Quin etiam a nostra semper celebrabere gente
De placidis æque moribus Ipse tuis.

SCIENCIAS.

MEDICINA.

ESSAI

Sur les maladies et les lésions organiques du Cœur, et des gros vaisseaux : par J. N. Corvizart, Premier Médecin de L L. M M. I I. Membre de l'Institut, Professeur honoraire de la Faculté de Médecine, et du Collège de France, &c. Paris, 1811.

ESTA obra he precedida de hum discurso preliminar, que, mui longe de formar hum simples prefacio, deve, quanto a nos, ser considerado como huma obra particular na qual o author procura provar, que as lesões organicas internas são mais communs, e frequentes, do que geralmente se não pensa; e que as lesões organicas do coração, a que tão ordinariamente se não presta alguma attenção, exceptuando a tísica pulmonar, são as enfermidades organicas mais frequentes.

Mr. Corvizart prova primeiramente que a immensa variedade das lesões organicas internas não he ainda sufficientemente conhecida; e que longo tempo tem decorrido sem que estas lesões fossem exactamente observadas, e attentamente estudadas, como era preciso, e convinha; porque longo tempo se desprezou o estudo da anatomia, e da verdadeira physiologia. Mostra depois a razão porque estas molestias devem necessariamente ser frequentes. O simples facto da acção dos differentes orgaos internos, muitas vezes forçada, frequentemente exaltada por exercicios violentos na pratica das artes, das diversas occupaões, e officios, he huma das principaes causas da frequencia destas enfermidades.

Estas mesmas causas devem taobem ser attribuidas as variedades da estrutura do corpo humano, o qual resistira á sua acção tanto menos, segundo Corvizart, quanto os elementos de seus orgaos, sua textura, &c.

forem mais fracos, mais viciados, mais mal arrançados, e mais desunidos em sua acção e esta constituição viciosa pode ser levada a tal ponto, que o corpo resista ao mesmo principio vital, isto he, que hum tal corpo não seja proprio para viver.

O termo opposto, isto he, o grau de perfeição organica mais afastada desta insufficiencia, he o mais adequado para o maior desenvolvimento possivel da vitalidade: os entes privilegiados que são dotados deste gráo de perfeição, e que evitaõ todo o excesso e abuzo, chegaõ sem esforço, e sem obstaculos ao termo de huma dilatada vida sem que geralmente fallando, seja perturbada por alguma especie d'enfermidade.

Entre estes dois termos ha huma numerosa variedade de compleiçoens mais ou menos perfectas; e cujas imperfeiçãoens occasionaõ, com o tempo, e de huma maneira inevitavel, muitas enfermidades organicas e mil outros soffrimentos. Estas mesmas imperfeiçãoens d'organização fazem com que a profissão de Medico seja tão difficil: e com tudo não ha quem não queira decidir do seu merecimento: grandes e pequenos: sabiõs, e ignorantes; homens e mulheres: todos sem entender huma palavra de Medecina, decidem dos Medicos.

“Considerai, diz M. Corvizart, o Medico capacitado
 “destas profundas verdades, a quem huma multidaõ
 “de entes destinados a hum fim, a que impropria-
 “mente se chama prematuro, vem consultar, e pedir
 “que prolongue seos dias; dias que sua propria consti-
 “tuição lhes recusa, porque quando nasceraõ trou-
 “xeraõ com sigo o germen de huma vida de dores,
 “e as cauza de huma prematura morte: avaliai
 “depois as accusaçoens da multidaõ, que são igual-
 “mente as dos espiritos fortes.”

Segundo a judiciosa reflexão de Senac — o coração he hum dos grandes moveis em que a industria, e fins da natureza mais brilhaõ: elle he o principio da vida, o foco deste secreto fogo, que a sustenta, e que so com ella se extingue, o primeiro agente sensivel, que anima todas as partes, o ultimo que perde sua actividade: he por assim me exprimir, a alma material dos corpos vivos. Sua acção he hum movimento perpetuo, que a arte jamais pode imitar; elle depende de huma estrutura tão singular, que o engenho o mais

inventor nunca advinhara o seu artificio: debaixo de huma simplicidade apparente o coração he hum composto d'instrumentos tão variados, como numerosos.

Que muito pois que as lesoens de hum semelhante orgão sejam tão numerosas? M. Corvizart julga que pode sustentar, que as molestias organicas mais frequentes, exceptuando as lezoens do pulmaõ, são, com muita probabilidade, as do coração. Este, como o A. mui philosophicamente observa, protegido na regiaõ que occupa, e estando ao abrigo de cauzas externas de desarranjo, he alem disso dotado de huma estructura solida, e forte. Sua acção he simples, limitada, e quasi inteiramente mecanica. O pulmaõ pelo contrario, pela immensa extensaõ de sua superficie interna, está n'huma communicação continua com a atmosfera, cuja alteraçã e diversos grãos de temperatura são outras tantas cauzas activas d'enfermidades. Por outra parte, suas funcçoens são tão variadas, e tão multiplicas, quanto as do coração parecem simples, e uniformes, ou elle se considere em sua acção chimica, na parte que elle tem na sanguificação; ou se examine como orgão da voz, e de suas differentes modificaçoens nos gritos, no canto, na declamação, no toque dos instrumentos de vento, &c.

A acção propria do coração, e a influencia das paixõens sobre este orgão são as principaes cauzas da frequencia de suas enfermidades.

Os differentes orgaos alteraõ se pelo tempo adiante, por isso mesmo que elles obraõ; e durante todo o curso da vida o coração não tem absolutamente nem intermittencia; nem remittencia d'acção. No embriaõ, quando os outros phenomenos e os outros rudimentos da organizaçã ainda nao apparecem, ja o coração se vê bater; e so pára no ultimo momento. Suppõido o termo da morte senil aos 90 annos, a somma destes batimentos, ou pulsaçoens continuas sobe a 2,838,240,000 contando somente desde o instante de nascimento, e contando unicamente sessenta pulsaçoens por minuto. Muitos obstaculos a estes movimentos, muitas cauzas possiveis de lezoens iniciadas do coração devem ser attribuidas ás mudanças que sobrevem á circulaçã depois do nascimento, aos movimentos laboriosos da respiraçã, aos

grandes esforços do peito no canto, gritos, exercicios violentos de todo o genero, &c. as paixoes cujos effeitos obraõtao vivamente sobre o coração, não são menos proprios para determinar de modos diversos as suas enfermidades. Estas cauzas são muito ordinariamente as mais poderosas: todas as affecções moraes, todo o genero de emoções agitaõ perturbaõ o coração e retardaõ, precipitaõ, ou suspendem os seus movimentos. Tem acontecido algumas vezes dilacerar-se o coração n'hum accesso de colera, apresentando o horrido espectáculo de huma morte subita; e tem-se observado nestes ultimos, e desgraçados tempos, que as desastrosas circumstancias da revolução tem sensivelmente contribuido para fazer muito mais vulgares, e frequentes as molestias organicas do coração.

As molestias deste admiravel orgão não são menos variadas que frequentes. Antes de M. Corvizart confundiaõ-se estas enfermidades entre si, e com muitas molestias do peito: e o verdadeiro merecimento da obra deste illustre Medico consiste na distincção e classificação dellas; o que obteve por meio de observaçoens exactas, e empregando huma severa, e rigorosa analyse.

Dar descripções perfectas, e apresentar huma distribuição, ou classificação exacta das enfermidades do coração he summamente difficil: porque, sendo taõ estreito o espaço do corpo humano que o coração occupa, e onde se formaõ, onde se desenvolvem, e acabaõ tantas lezoens differentes, e quasi todas mortaes, como he possivel achar, e assignalar a sede de cada huma destas enfermidades? Como he possivel no concurso tumultuozo de symptomas, que algumas vezes se apresentaõ simultaneamente, separar os symptomas essenciaes dos symptomas consecutivos, e a doença principal de suas complicaçoens?

Com tudo parece nos que M. Corvizart esclarecendo a historia das enfermidades do coração por meio de huma rigorosa analyse de seus symptomas, e empregando sabiamente a anatomia e a physiologia, chegou a triunfar destas difficuldades, que parecia invenciveis. As bases da sua distribuição são fundadas na propria estrutura do coração, cujas enfermidades reduzio a cinco classes 1. affecções dos envolucros membranosos: 2. as af-

fecçoens da sua substancia muscular: 3. as affecçoens das partes tendinosas, ou fibrosas do coração: 4. as affecçoens, que interessão ao mesmo tempo os diversos tessidos deste orgão: 5. os aneurismas da Aorta.

Taes são os titulos nos quaes M. Corvizart arranjou, e unio nesta segunda edição da sua obra, suas observaçoens, e suas preciosas reflexoens sobre as differentes espécies de lezoens organicas do coração.

As enfermidades que atacaõ somente a superficie do coração, e seos involucros são por si mesinas affecçoens mui graves, e quasi sempre mortaes. Taes são a inflammação do pericardio, as adherencias desta membrana ao coração, e sua hydropesia. M. Corvizart admite tres grãos na inflammação do pericardio—a inflammação aguda—a inflammação sobaguda e mais moderada— e a inflammação chronica.

A inflammação aguda he caracterizada por syncopes frequentes, huma dor ardente na regiaõ do coração, huma vacillação particular do pulso, &c. Raras vezes apparece, sem alguma complicação: e nos exemplos referidos por M. Corvizart, seos symptomas pouco distinctos facilmente se confundem com os da inflammação do diaphragma, da pleura, e do cerebro.

A inflammação sobaguda he menos difficil de distinguir. M. Corvizart refere hum exemplo sem complicação, o unico que encontrou na sua pratica, e que elle attribue ao ser esta enfermidade excitada, aquella vez, por huma cauza externa, cujo effeito se não tinha estendido a huma grande distancia, como o das cauzas internas, que chamaõ de todas as partes sobre a circumferencia da sede principal da doença, huma multidaõ de symptomas consecutivos mais, ou menos graves.

M. Corvizart cita hum exemplo não menos raro da mesma enfermidade. Esta observação verificou-se em huma mulher de idade de 33 annos. Depois de tres dias de hum exercicio violento, ella sentio de repente huma dor de cabeça, hum violento arripio, huma pontada mui dolorosa, ao principio na regiaõ do coração, e logo depois em todo o lado esquerdo do peito. A febre, ao principio legeira, bem depressa se tornou violentissima: sobreveio delirio, huma tosse frequente, e dolorosa, sem expectoração, hum embaraço particular

na respiração, e huma anxiedade insuportavel. A menstruação que appareceo ao terceiro dia da enfermidade, acalmou os accidentes mais graves, que reaparecerão logo que se suspendeo, depois de ter durado tres dias em vez de nove, como no estado natural da doente. Sobrevierão então brandas palpitações, mas frequentes, e syncopes a qualquer pequeno movimento. No decimo dia entrou esta doente na enfermaria de clinica interna de Mr. Corvizart; e nesta epoca o pulso era pequeno, contrahido, frequente, e assaz regular: notou-se hum certo som do lado esquerdo do peito, e observou-se que deste lado estava doloroso, particularmente junto á região do coração, principalmente quando se comprimia o epigastrio debaixo para cima. A doente jazia melhor sobre este mesmo lado: tinha desfalecimentos, logo que se apoiava sobre o lado sobre o lado direito, ou que estava o ponto de dormir: ella não podia estar cinco minutos sem mudar de posição. Ao quarto dia depois de sua entrada, desenvolverão-se symptomas inflammatorios mui vivos, e por isso se lhe applicarao doze sanguesugas sobre o lado esquerdo do peito. Alguns dias depois, recorreo-se pela primeira vez a sangria geral, que produzio hum alivio sensivel. Deo-se lhe segunda sangria nesse mesmo dia com utilidade, e alivio ainda muito mais notavel; e desde entao os symptomas graves desta affecção diminuirão gradualmente; e a doente sabio do Hospital curada depois de 33 dias de tratamento.

A serie dos effeitos saudaveis no curso desta lezaõ começou no momento da evacuação mensal; mas a medicina auxiliou este primeiro socorro, e foi muito mais util para a doente do que a natureza, pela applicação successiva das sanguesugas, e das duas sangrias, que suspenderão os progressos da doença: observação que depoem alem disto, contra a opiniaõ de certos medicos, que tem mais theoria do que pratica, e experiencia, que a sangria pode ainda ser indicada, e muito efficaç n'huma epoca muito avançada de huma inflammacão.

A inflammacão chronica do pericardio he muito ordinariamente complicada ou com huma enfermidade do mesmo coração ou com a de alguns outros orgaos, ou com a hydropesia do peito. Sua invazaõ he quasi sem-

pre insensivel, sua marcha insidiosa, e obscura, e sua terminação mui lenta. Mr. Corvizart refere unicamente huma observação, que elle teve lugar de fazer em hum oleiro de idade de 62 annos. O author pensa que este genero de lezaõ, taõ mal descripta pelos Medicos he pela maior parte huma doença consecutiva. O mesmo diz das adherencias do pericardio, que de ordinario são precedidas, e occasionadas por affecções geraes do peito pela inflammção do pericardio, ou por affecções rheumaticas e gotozas. Na abertura dos cadaveres encontraõ-se algumas vezes estas adherencias completas, e parciaes, e outros vezes geraes. Pelos numerosos factos que Corvizart observou, e escrupulosamente comparou, sabe-se que esta adherencia, que se acha depois da morte, se forma durante a vida por tres differentes maneiras: 1. pela interposição de huma uateria albuminoza, consequencia, e pròducto d'huma inflammção: 2. sem algum corpo intermedio, e por huma intima applicação, humas vezes completa, outras parcial, dependented'affecções rheumaticas e gotozas: 3. por filamentos cellulosos muito multiplicados, cuja cauza se ignora.

A adherencia do pericardio ao coração parece hum estado difficil de supportar; tem-se com tudo encontrado esta lezaõ organica depois da morte em pessoas, que durante sua vida parecia que nunca a tinhaõ soffrido. He todavia de crer, à vista d'alguns factos, que o embaraço habitual, e a continua anxiedade, que resultaõ da adherencia do pericardio ao coração, são experimentados de huma maneira obscura, e occasionando hum estado d'inquietação, e de melancolia, que dispoem pouco a pouco para o suicidio.

A hydropezia do pericardio he taobem pela maior parte huma doença consecutiva, e algumas vezes mui complicada em seos symptomas. Conhece-se pela percussão do peito, e por muitos signaes descritos por Morgagni, Lancisi e outros. Applicando a mão ao coração, sentem-se pulsações tumultuozas, e obscuras: de maneira que parece que o orgão faz, e transmite estas pulsações a travez de hum corpo muito molle, ou antes a travez de hum liquido. O peito sendo tocado dá hum som obscuro do lado esquerdo, que he mais elevado, mais redondo, &c. Quando a doença he

antiga, sobrevem edemacia as extremidades inferiores, e mais raras vezes huma leveira inchação a parte anterior do lado esquerdo do peito.

Hum signal a que M. Corvisart dá grande valor, e credito, e que duas vezes se apresentou á suá observação, consiste nas pulsaçoens irregulares do coração, que se faezm sentir humas vezes á direita, outras á esquerda, em differentes pontos d'hum circulo assas extenso : o que não pode ser produzido senão pelo augmento de volume do coração em consequencia de huma accumulção de liquido debaixo do seu involucro. A abertura do corpo das pessoas que tem morrido desta doença mostra huma longa serie de desorganizaçoens, de que M. Corvisart refere muitos exemplos.

A's enfermidades de que acabamos de fallar juntou M. Corvisart huma especie de lezaõ a que elle dá o nome de *manchas brancas* da superficie do coração, que se encontraõ mui frequentemente nas aberturas dos cadaveres, e que variaõ em grandeza. O author não quiz de proposito, fallar da falta absoluta de pericardio, que anatomicos pouco exactos dizem ter observado : e Corvisart he taõ incredulo, como Senac a respeito da existencia dos coraçãoes cabelludos dos grandes homens, e dos ladroens ; posto que Aristomenes, Hermogenes, Leonidas, e Lysandro passaõ por ter offerecido aos observadores esta particularidade, que nos parece hum sonho.

Os aneurismas activos, e passivos do coração formão as lezoens mais graves, e as mais numerosas do tecido muscular deste interessantissimo orgão. Elles apresentaõ variedades mui numerosas segundo o lugar das paredes do coração, na totalidade deste orgão, no seu ventriculo esquerdo, no direito, e em suas auriculas. Corvisart apresenta doze observaçoens feitas na abertura de cadaveres com a maior exactidaõ, e cuidado, para fazer conhecer por exemplos decizivos estas differentes especies de aneurismas, que, sendo ainda mais graves do que as affecçoens dos involucros membranosos, atacaõ a vida na sua origem, e se fazem reconhecer por symptomas, que ameaçaõ com huma proxima morte.

Mr. Corvisart descreve estas differentes especies da neurismas com muita precizaõ, e sagacidade, não

deixando jamais de apoiar ou d'esclarecer por meio da anatomia suas analyses rigorozas, e as delicadas distincçoens que estabelece. Para se ler com interesse, he necessario fazer huma idea geral da estrutura do coração e da sua maneira d'obrar. O coração não he hum orgão unico, mas sim hum composto de dois orgãos unidos hum ao outro, separados por hum repar-timento, e bem distinctos por sua estrutura, suas propriedades vitaes, e pela natureza de suas funcçoens. O coração esquerdo, ou como ordinariamente se chama, o ventriculo esquerdo commanda, e corresponde ás arterias, faz hum systema com esta ordem de vasos, que contem hum sangue de huma cor vermelha, e viva, menos escuro que o das veias, e abundantemente empregnado de todos os principios proprios para excitar a vida, e entreter a nutrição. O coração, ou o ventriculo direito corresponde ás veias, mas não obra sobre ellas, e he antes hum receptaculo, do que hum primeiro movel. Elle deve por outra parte, considerar-se como o centro daquella ordem de vasos, que encerraõ hum sangue d'hum vermelho escuro, quasi negro, e privado das propriedades nutritivas e vivificantes, que não pode adquirir sem ser depurado, e renovado por meio da respiração, para entrar de novo no ventriculo esquerdo, e nas arterias. Esta divizaõ admittida hoje pelos Physiologistas não he arbitraria: ella he fundada na realidade das coizas; e a natureza parece justifica-la mostrando os dois coraçõens distinctos, e izolado hum do outro nos *Molluscos*.

O coração, bem como os outros musculos, se fortifica extraordinariamente augmenta de volume, e de consistencia, sendo muito mais habitualmente exercitado, sendo mais excitado, que os outros orgãos, e tornando-se por isso hum centro de fluxaõ, e de irritação. Para adquirir com o tempo huma semelhante disposiçãõ basta que o coração, alias bem conformado, se ache, n'hum individuo qualquer, associado com hum apparatus de vasos muito estreitos, e que lhe oppoem em consequencia huma rezistencia habitual pela sua falta de proporção: neste cazo o coração esta n'hum continuo estado d'esforços. O sangue demorando-se mais longo tempo em suas cavidades, hade excita-las mais: augmentar se-ha sua força, e sua nutrição, e

com o tempo chegará a hum gráo de volume, e de energia fora de toda a proporção, constituindo o que Mr. Corvisart chama *seu aneurisma activo*. Este estado podera taobem ser gradualmente occasionado por todo, e qualquer vicio d'organização, que pozer hum obstaculo ao curso do sangue, ou pela influencia constante de certos habitos corporeos, ou de quaesquer paixoens proprias para embaraçar, ou perturbar a circulação.

Os aneurismas activos de todas as cavidades do coração, em geral são mui raros ; e pela maior parte os obstaculos que provocão a acção desmedida deste orgão occasionão hum aneurisma activo do ventriculo esquerdo, e consequentemente hum aneurisma passivo das auriculas, ou do ventriculo do lado direito. Mr. Corvisart cita hum so exemplo de hum aneurisma activo de todas as cavidades do coração.

O ventriculo esquerdo mais energico, mais irritavel he mais frequentemente atacado d'aneurismas activos, do que as outras partes do coração. Se tem resistencias que vencer elle he vivamente excitado, suas paredes tornaõ-se mais espessas, e longe de perder alguma coiza de suas forças, adquire novas, que dentro em pouco tempo não se achaõ em proporção com a organização geral do individuo. M. Corvisart refere duas observações desta especie d'aneurisma, que elle tem mui frequentemente encontrado em sua pratica.

O ventriculo direito he muito menos irritavel, menos forte, que o ventriculo esquerdo: suas paredes são mais molles e menos susceptiveis de reacção.

O aneurisma activo deste ventriculo he por tanto muito mais raro; apresenta quasi sempre alguma coiza extraordinaria, e faz suppor pela maior parte huma disposição defeituosa da organização. Algumas vezes ha mesmo razão de crer, que a natureza se tem enganado, que o ventriculo que devia estar á esquerda se acha á direita por effeito daquella transposição de que as outras visceras apresentaõ muitos exemplos. Acha-se hum só exemplo d'aneurisma activo do ventriculo direito em toda a obra de M. Corvisart.

São mui raros os exemplos d'aneurisma activo do coração que ataque as auriculas ; o que he facil de

conceber, e explicar pela fraqueza da estrutura, e tecido molle, e extensivel destas partes.

Os aneurismas passivos tem lugar quando o coração, longe de reagir, e forcejar contra hum obstaculo, no todo, ou em algumas das suas cavidades, se deixa entender, e adelgaçar, e se acha disposto a rupturas, que seriaõ a terminação necessaria da enfermidade, se os desarranjos consecutivos que a doença principal produz, não fizesse perecer os doentes antes desta epoca. O aneurisma passivo de todo o coração ou d'algumas de suas cavidades, suppoem sempre na circulação hum obstaculo posto, seguindo o curso do sangue, diante de todas estas cavidades, ou diante daquella que está dilatada. O obstaculo deve estar necessariamente na embocadura do ventriculo aortico para occasionar o aneurisma passivo de todas as cavidades. Mr. Corvisart refere dois exemplos desta especie de aneurisma, e hum só do ventriculo esquerdo. O aneurisma passivo do ventriculo direito he o mais frequente; e pela maior parte he complicado com o aneurisma da auricula do mesmo lado. Mr. Corvisart termina suas consideraçoes sobre o aneurisma passivo do coração, comparando os differentes obstaculos á circulação, que ordinariamente são a cauza deste aneurisma.

O author passa depois á descripção dos differentes grãos dos aneurismas do coração, e á historia dos aneurismas da aorta, e estabelece depois sabias generalidades, que elle chama corollarios, e a que juntou nesta segunda edição muitos artigos da maior importancia.

(Continuar-se-ha.)

CORRESPONDENCIA.

Recebemos huma Carta do Senhor Dr. Vicente Joze Ferreira Cardozo da Costa, datada de Ponta Delgada a 10 de Dezembro de 1812, na qual nos pede que a ensiramos em nosso Jornal. Nos nem podemos assentir a huma tal propozição, nem podemos passa-la em silencio; porque juntamente se nos aviza que a mesma Carta era remettida ao redactor de Correio Brasiliense, no qual effectivamente appareceo.

Nao imprimimos a dita Carta, porque o nosso Jornal nao he palestra para accusaçoes, e justificaçoes. A's primeiras recusa-se decisivamente a entrada; e concedeo-se tao somente accesso ás segundas quando o queixo se via exposto a calumnias de hum Jornal Portuguez impresso em hum paiz estrangeiro. Contra este novo genero de processo, cujo merito pertence exclusivamente ao Correio Braisliense, pareceo de justiça a appellação para hum Jornal impresso no mesmo Paiz, e igualmente Portuguez. Mas em accusaçoes pendentes perante os Tribunaes, ou perante os Senhores Governadores do Reino, ou affectas a S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, nao toca ao nosso Jornal o intrometter-se.

Se o Senhor Dr. Vicente Joze Ferreira Cardozo da Costa se tivesse contentado de escrever ao Soberano, ou aos Seos Delegados na maneira competente, sempre aberta a todo o vassallo Portuguez, jamais o seu nome appareceria em nosso Jornal, senao para o louvar, e obsequiar como merecesse: mas huma vez que se valeo da liberdade da imprensa em Inglaterra para accusar os Senhores Governadores de Reino, e mui particularmente o Senhor Joao Antonio Salter de Mendonça; era da nossa obrigação e conforme aos nossos principios invariaveis de dar accesso a huma publicação veridica por confissao do mesmo Senhor Dr. Vicente Joze Ferreira Cardozo da Costa, escrita em defeza das Pessoas que elle accuza em o pamphleto impresso em Inglaterra.

Nos não achamos na carta, que nos foi dirigida hum argumento de mais em defeza do Senhor Dr. Vicente Joze Ferreira Cardozo da Costa; e achamos a confissão de que a Carta escrita por elle ao Senhor Joao Antonio Salter de Mendonça, e impressa á paginas 655 do volume 4, do nosso Jornal, he veridica. Isto he tudo quanto podemos dizer sobre esta materia.

Suspenda pois o Senhor Dr. Vicente Joze Ferreira Cardozo da Costa todo o recurso a impressas estrangeiras; mostre de facto a justa confiança que protesta ter na indefectivel justiça de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, e o seu nome cessará de apparecer em nosso Jornal.

Os REDACTORES,

SENHORES REDACTORES DO INVESTIGADOR
PORTUGUEZ.

Havendo eu entrado em huma discussão Literaria com os Jornalistas de Coimbra, estes, por falta de bons argumentos para sustentar a sua má causa, recorrerão a estratagemas, que escurecessem a questao, e illudissem o Publico; hum destes foi calumniarem-me, e tanto mais indignamente, quanto podião, e vão ser desmentidos pela incluzã. Rogolhes que aqueirão inserir no seu Jornal para que o Publico, conhecendo o Character dos Jornalistas de Coimbra, possa melhor apreciar as suas opinioens, e o seu Jornal.

Lisboa, 15 de Fevereiro de 1813.

BERNARDINO ANTONIO GOMEZ.

AOS LEITORES

DO JORNAL DE COIMBRA.

Depois de ler a Resposta, que os Redactores do Jornal de Coimbra me derao no seu No. 12, não posso deixar de fazer esta, não para refutar as suas asserçoens cheias de presumpção, e d'arrogancia, por que como estas

naõ sao apoiadas de provas, apezar da authoridade de tao sabios Doutores, tem tao pouco pezo, quanto nelles he cego, e manifesto o dezejo de me contrariar; tambem naõ he para entrar na indecorosa *bulha de Regateiras*, aque a final me provocaõ, porque se elles só theoreticamente a reprovaõ no seu elegante e sapientissimo Discurso sobre a dignidade dos Escretores No. X, eu a reprovo na theoria, e na practica; he porem para gozar no conceito do Publico a opiniaõ que mereço, repellindo com a indignaçãõ, e energia do homiem de probidade, hum ataque, que me he muito mais pungente, que o das minhas opinioens; fallo do que se faz contra a minha ingenuidade (No. 12. pag. 450. l. 13—22), e que he huma despejada calumnia dos Jornalistas, particularmente do Dr. Jose Feliciano de Castilho, com o qual se passou o seguinte.

Logo que se publicou o No. 11, do Jornal de Coimbra, que por motivos occultos, mas prezumiveis appareceo tarde, perguntei aos Redactores Jose Feliciano do Castilho, e Jose Maria Soares até que tempo havia de aprontar a replica que queria fazer á sua resposta, de sorte que ella se publicasse no seguinte No. do seo J.—responderaõ-me *dentro de tres ou quatro dias, por que está quasi acabando de imprimir se o N. 12.* No prazo assignado entreguei a dita Replica ao Dr. Castilho, o qual a leo perante mim, e do Dr. Jose Pinheiro de Freitas Soares, e naõ notou mais, que a expressaõ, subtilezas evasivas, que taxou de offensiva. Ponderei-lhe entaõ, enaõ fui só desta opiniaõ, que aquella expressaõ longe de ser offensiva, era naquelle caso obsequioza; todavia naõ o pude satisfazer, nem era possivel, por que todo o meo Papel era de qualidade de lhe desagradar. Escreveo-me depois, que o meo Papel havia de hir a Coimbra para os seus Companheiros lhe responderem, e para a resposta sahir juntamente com elle; e como o No. 12, estava quasi concluido, propunha-me, que ficasse o meu Papel para o No. 13, por que alias era necessario parar a impressaõ do No. 12, athe chegar a Resposta de Coimbra,—Respondi a isto, que naõ me importava que o meo Papel fosse, ou naõ a Coimbra, que o que exigia era que sahisse no No. 12, por que a isto de alguma sorte se tinhaõ obrigado pelo prazo que me deraõ para o fazer, e por eulho entregar no prazo assignado: disse eu tambem entaõ, que se o naõ quizessem inserir no No. 12, eu o publicaria por outra via antes do No. 13, e declarei o motivo, que era para que o Publico por esta demora (que poderia attribuir ater-me custado fazer huma tao facil composiçaõ) me reputasse ainda menos sabio do que sou.

Instado desta sorte começou, quando bem lhe pareceo, a imprimir o meu Papel, o qual tinha hum P. S., em que lhe rogava pela terceira vez, que indicassem os erros typograficos do meu precedente Papel, pelo menos dous;—Perguntou-me entao se eu queria que se imprimisse o P. S., ou se bastava, que se indicassem aquelles erros juntamente com outros, (que me não declarou), e que haviaõ de por-se no fim daquelle No. Respondi-lhe que a este respeito fizesse como bem lhe parecesse. Suprimio por isto o P. S.

Cumpra tambem declarar, que eu entreguei ao Dr. Castilho o meu Papel no ultimo de Dezembro na Secção da Instituição Vaccinica; que o No. 12, não se publicou senão a 3 de Fevereiro, e que neste intervalo diversas vezes fallei com o Dr. Castilho, e diversas me escreveo, sem que em occasião alguma me dêsse (como era natural, e do seu dever,) idea de haver hum grande erro typografico na resposta, que elle e seus companheiros me haviaõ dado No. 11. Não he menos verdade que o Dr. Castilho nunca me mostrou M. S. algum dos do seu Jornal, nem era natural que o praticasse, particularmente sendo M. S. dos meus adversarios, seus Collegas da Universidade, seus amigos, e seus interessados.

Do que acabo de expôr (cuja verdade não podem negar os Jornalistas de Coimbra por que conservo felizmente as Cartas do Dr. Castilho que provaõ alguns destes factos, e há testemunhas, que podem attestar outros) collige se 1. que eu não sabia nem podia saber, que havia erro typografico na Resposta dos meus adversarios, cujo autografo nem vi nem podia ver; 2. que não tendo o Dr. Castilho accusado hum tao notavel erro, nem quando lhe fallei, pela primeira, e segunda vez, nos que havia no meu precedente Papel, nem na Conferencia do ultimo de Dezembro, em que examinou perante mim, e do Dr. Pinheiro a minha ultima Replica, nem posteriormente em todo o mez de Janeiro, em que me fallou, e escreveo diversas vezes; não he crível que houvesse tal erro, aliás o Dr. Castilho o havia de accusar, como era do seu dever, em alguma das muitas occasioens, que teve para isso; 3. que o Dr. Castilho, sabendo que eu ignorava o pretendido erro typografico da sua resposta, e sabendo tambem por carta, que lhe escrevi o motivo, que acima expuz, de querer que a minha ultima replica sahisse no seu No. 12, denigre de huma forma indelevel o seu character como homem de Letras, qualificado em Doutor e Lente, e como homem de bem de que devia caprichar, quando, para não confessar a alucinação em que lhe mostrei que estava com os seus companheiros, recorre com elles á

mizeravel ficção de erro typografico, e não tem pejo de dizer com elles contra o que sabe, que eu ameaçando os de publicar o meu Papel por outra via a não sahir no No. 12, queria dizer, *exponere ao Publico como erro vosso o que sei ser da imprensa, &c.!!!*

He pois manifesto, que o artificio, e má fé, que os Jornalistas de Coimbra calumniosamente me imputaõ, he huma qualidade, que elles tem em alto gráo, o que mostrarei por outras provas mais, que elles me fornecem.

Por Carta do Dr. Castilho de 2 de Janeiro, ainda entãõ a minha segunda replica não tinha hido para Coimbra, e havia de remeterse ou não, segundo a minha resposta, que não foi dada no mesmo dia; por consequente o mais cedo que podia hir era a 4 pelo Correio, que, sabindo de Lisboa pelas 5 horas da tarde, havia de chegar a 6 á noute (por ser d'Inverno) a Coimbra, se pois he verdade o que o Dr. Castilho me dizia, a Resposta, que publicou no No. 12, p. 451, não podia, ter a data de 6, dia em que se não podiaõ ter dado as Cartas do Correio: Suponhamos porem, que se deraõ na noute de 6, e que respondeo na mesma noute; vindo Logo a resposta, por que se retardou até 3 de Fevereiro a publicação de No. 12, que pelos fins de Dezembro estava quasi impresso, e do qual o Dr. Castilho me dizia na Carta de 2 de Janeiro, "no No. 12, do Jornal irá o "Papel de V.; mas a concluzao deste No. dependerá da "Resposta de Coimbra, por consequente hade demorar-se "hum pouco a sua publicação?" Assim, ou o Dr. Castillo, quando me escreveo sobre a remessa de meu Papel para Coimbra, ja tinha mandado Cópia, e não era ingenuo; ou a resposta que me derãõ, deve ter huma data mais moderna. Como quer que seja, não he menos manifesta a falta de ingenuidade nos meus adversarios, os quaes podem tambem vanagloriar-se de me dar huma resposta tao sãbia e tao polida, como não era capaz de dar, nem eu, nem o que sabe tanta chimica como eu, *hum manipulador de botica.*

Não omittirei outra prova de falta de ingenuidade nos Jornalistas de Coimbra, e da impropriedade, com que o seu Jornal tem por epigrapha "et refellere sine pertinacia, et refelli sine iracundia, parati sumus." No. 8. p. 92, era eu, segundo estes Jornalistas, "*profundamente instruido nos "ramos auxiliares da Medecina;*" por consequente sabia bem Chimica; no No. 12, p. "segundo os mesmos Jornalistas, não sei mais desta sciencia que *hum manipulador de botica!*

Collige-se d'aqui que os elogios, e desaprovaçoens destes Jornalistas, como são dictadas pelos seus diversos affectos,

e não pelo merecimento das pessoas, são igualmente desprezíveis, e incapazes de dar, ou tirar reputação.

Pelo que tenho exposto espero que os Leitores do Jornal de Coimbra fiquem convencidos, que he huma manifesta calunnia (que, para ser mais manifesta, escreverão em Letras itálicas), o que os Jornalistas de Coimbra dicerao a pag. 450 do No. 12, do seu Jornal, e que a má fê que elles injustamente me imputao, he aque eu com sobeja razao lhes posso exprobar. Lisboa 12 de Fevereiro de 1813.

BERNARDINO ANTONIO GOMEZ.

CONTINUAÇÃO.

Da relação de alguns acontecimentos notaveis da Campanha de Massena em Portugal, escrita por hum official que accompanhou o memo exercito.

O Quartel general evacuou Condeixa: mas como este movimento deixava descoberto o General Montbrun em frente de Coimbra; Massena ordenou que se lançasse fogo a esta Villa para evitar a passagem dos Alliados, e ordenou a Montbrun que se retirar-se sobre Fontecoberta sem perder tempo.

Este General que tinha mandado diferentes destacamentos a buscar mantimentos pela margem esquerda do Mondego, não esperou que se re-unissem, e começou a sua retirada, de modo que, alguns dos ditos dertacamentos cahirao nas mãos dos Alliados.

Retirou se Ney até huma pequena distancia de Fontecoberta, onde tomou posição. Massena estabeleceo o seu Quartel General na dita Aldêa aonde ao anoitecer foi surprehendido por hum destacamento de tropas ligeiras Alliadas, ao momento em que começava a jantar, e como na Aldea não havia outra tropa mais que hum destacamento de Gendarmes, que fugio, (Massena assim como todo o Estado mayor) e varios Generaes, que o seguião sahiraõ pela parte de traz das cazas, e forao re-unir-se à devisaõ de Loison, que se achava em posição a pouca distancia, abandonandõ tudo (mesmo o jantar, que n'este dia foi nullo) dentro da Aldea, porem os Alliados não se aproveitaraõ da sua expedição porque não fizeraõ mais que entrar e sahir ao galope,

aonde poderao acutilar hum Ajudante de campo de Massena.

Loison mandou logo hum batalhao para expulsar os Alliados da Aldéa, mas estes já a tinhao evacuado, apezar do que, Massena nao ouzou voltar, e se acampou na retaguarda do 6. Corpo.

No dia 13 ao romper do dia travou se hum combate fortissimo, que durou até ás duas horas depois do meio dia; tendo os Francezes ganhado muito pouco terreno.

Nao posso dar o numero da perda Franceza, nem deste combate, nem d'outros, pois que no Exercito Francez, he quazi sempre impossivel poder averigua-la; mas contudo sei que foi consideravel.

No dia 14 antes de amanhecer começou Ney a retirar-se sem ser perseguido pelos Alliados, e desceo a montanha que está por traz de Miranda do Corvo, e logo que passou esta Aldea, lhe mandou deitar fogo, porque os seus postos avancados começavao a ser picados pelos Alliados. Ney tinha tido na vespera huma grande disputa com Massena, na qual tinhao dito insultos hum ao outro indignos do caracter que representavao: pelo motivo da lentidao da marcha da columna, que Ney attribuia a immença quantidade de carruagens *furgoens* de particulares, e hum sem numero de Burros, tudo carregado com os roubos, que tinhao feito nas diversas Villas, e Cidades por onde tinhao passado. Quiz entao Ney pôr termo a huma tamanha dezordem, e mandou na noite do dia 13 para o dia 14 hum batalhao tomar adianteira da columna com ordem de se postar na Foz d'Aroice sobre a ponte, com ordem denao deixar passar mais que a Artilharia, e os caixoens carregados de muniçoens, e fazer queimar todos os que fossem vazios, assim como as carruagens *furgoens*, &c. dos particulares, e cortar os corvilhoens a todos os Burros.

No dia 14 logo que chegarao as carruagens, e os *furgoens* de Massena que faziao a testa das equipagens, o Chefe do Batalhao ordenou qe os levassem para hum campo que estava ao lado da estrada, e que lhe lancassem fogo; mas hum official que os acompanhava se oppoz, e foi dar parte a Massena, que ficou sorprendido, e veio elle mesmo informar-se de quem era a ordem, e logo que o Chefe do Batalhao lhe disse que era do Marechal Ney, nao se atreveu a impugnala: fez passar huma carruagem e dois *furgoens* seus, e deixou queimar o resto, e successivamente foi executada a ordem ao pé da letra. Neste dia foi o General Montbrun mandado com duas devisoens de cavallaria passar o Alva, e tomar a vanguarda do General Drouet, isto he á testa da columna, e a vanguarda de Ney veio tomar posicao á Foz d'Aroice sobre as duas margens do Seira.

Pelas 9 horas da noite o General Lamotte ordenou de seu moto proprio, que hum posto avançado passasse o Rio para a margem direita, o qual perdendo-se no caminho se encontrou com outro posto avançado Francez, que fez fogo sobre o que se retirava; este respondeu, e em breve as tropas postadas nas duas margens, pelejaraõ humas com as outras, de modo que as da margem esquerda quizerãõ passar a ponte, mas acharãõ tal resistencia, que hum regimento tomou o partido de passar o Rio a vão, e nesta passagem perdeu hum grande numero de Soldados afogados, alguns officiaes, e huma Aguia, duas peças, que estavaõ na margem esquerda, forãõ abandonadas, e os seus conductores fugirãõ com os cavallos, e passaraõ para a margem direita, &c.

A perda dos Francezes foi de mais de 2,500 homens entre mortos, feridos, e afogados, e o combate só finalizou quando hum corpo se resolveo attacar a bayoneta, e ao momento que fez o choque, he que se conhecerãõ, e viraõ que naõ eraõ inimigos.

O General Lamotte foi logo prezo, e depois remettido para França, aonde foi destituído, e degradado.

No dia 15 ficou o General Montbrun em posiçaõ na Aldea dos Cortiços sobre a margem direita do Alva, e huma parte da columna sobre a mesma margem, tendo já passado este Rio, e a outra na margem esquerda coberta pelo 6 corpo. Neste dia naõ houve mais que pequenas escaramuças.

No dia 16 passou o resto da columna, e a ponte foi immediatamente destruida. Huma brigada de cavallaria commandada pelo General Lorcey foi no mesmo dia mandada fazer marchas forçadas sobre a Guarda para se senhorear daquella posiçaõ e communicar com a devisaõ Claparede, que devia estar por estes sitios, segundo as instrucçoens que o General Drouet dizia lhe tinha dado, antes da sua marcha para encontrar Massena. Este mesmo General se destacou neste dia do Exercito, e partio com o 9 corpo sobre si para Espanha, e cessou de fazer parte do exercito de Portugal.

Massena ficou em posiçaõ no dia 17. Os alliados reuniraõ as suas forças, e passaraõ o Alva sobre diferentes pontos, e vieraõ no fim do dia, attacar a vanguarda Franceza. Este movimento naõ esperado por Massena lhe destruiu os seus projectos e sem demorar se, ordenou que toda a columna se pozesse em movimento. Elle deu o exemplo, e deixando Ney encarregado de suster os Alliados, que elle dizia *ils sont devenus imperinents* e a pesar da noite ser bastante má, contudo este bravo General naõ parou se naõ em Pinhanços, aonde descançou algumas horas, e continuou a marcha até Cêa aonde ficou no dia 18.

No dia 19 continuou-se a marcha até Mello, houve peque-

nas escaramuças na vanguarda, que não valem a pena de se mencionar.

No dia 20 foi o quartel General a Celorico, e o exercito se acampou nos seus suburbios: o General Lorcey deu parte que tinha achado na guarda hum corpo da divisao Claparede com o qual elle ficou re-unido.

No dia 21 descansou o exercito nesta posicao, para ter tempo de poder re-unir os seus doentes perto da Villa para serem remettidos no outro dia para Almeida, juntos com a caixa militar, e as equipagens de alguns generaes. Este destacamento foi commandado pelo General Pamplona. No mesmo dia deu Massena ordem, para que Ney dispozesse a marcha do seu corpo para o Sabugal, pois que o exercito hia tomar posicao nesta Villa, na Guarda e seus suburbios: a esta ordem desparatada respondeo Ney que não obedecia, dando por motivo da sua insubordinaçam, a falsidade da posicao. O cançasso das tropas, e a desorganizaçao em que se achava todo o exercito, e por tanto a necessidade de hir tomar posicao entre Almeida e Ciudad Rodrigo aonde não só o exercito se refaria das fadigas da retirada; mas tambem se augmentaria com os soldados que lhe pertenciao, e que tinhao ficado nos Hospitaes em Espanha no principio da invasao. Estas rasoens parecendo attendiveis, não agradarao a Massena, e novamente ordenou a marcha do exercito para as já ditas posicoens, e Ney ordenou á sua artilharia de marchar para Almeida immediatamente, o que foi executado, e quando esta tinha já feito duas legoas, recebeu o Coronel Dijon que a commandava, ordem de Massena de marchar para á Guarda, e successivamente outra de Ney para que continuasse a sua marcha, executando a primeira ordem. O Coronel tomou o expediente de não executar nem huma nem outra, e mandou hum official observar a Celorico o resultado da disputa, que acabou, não querendo Ney obedecer de nenhum modo a ordem de Massena, o qual foi em pessoa á testa do 6 corpo, que estava já em marcha para Almeida e lhe fez fazer-alto: Chamou depois todos os generaes á frente e destituiu Ney do commando, que deu a Loison, prohibindo expressamente a todos que obedecessem ao marechal: entao Ney sem dizer palavra tomou o caminho de Ciudad Rodrigo, e de lá para Valladolid, de donde deu parte a Bonaparte do acontecido, pedindo-lhe licenca para lhe hir fallar, o que lhe foi concedido. No entretanto Massena marchou para a Guarda, mandando o 2 corpo para o Sabugal, aonde alguns dias depois foi attacado, e sem huma terrivel tempestade, que sobreveio ao momento do ataque todo o corpo seria foçado a depor as armas, mas este temporal impervisto favoreceu tanto a Regnier, que a

pezar de huma grande perda, poudo retirar-se, e vir se unir ao exercito que sem perder tempo se retirou para Ciudad Rodrigo, e como este territorio estava exausto de viveres, Massena fez estabelecer o seu quartel general em Salamanca, deixando algumas tropas perto d'Almeida para favorecerem a evacuaçam das muniçoens de guerra d'esta praça, pois que havia ordem de Bonaparte para ser demolida: o resto do exercito foi acantonado nos suburbios de Salamanca em Ledesma, e Toro, &c.

Logo que estas poziçoens foraõ tomadas, Massena deu as ordens mais precisas, para que os soldados pertencentes ao seu exercito, e que tinhaõ ficado extraviados e doentes nos differentes Hospitaes de Espanha antes da invazaõ se reunissem aos seus corpos.

Esta diligencia foi encarregada ao General Pamplona em Valladolid, assim como o remetter para o exercito os differentes generos de fardamento, que ali estavaõ em armazens pertencentes ao exercito que estava quasi nu, e descalço, o que elle Pamplona, executou com a brevidade que lhe foi possivel.

Em quanto se re-organizou esta banda (que assim se lhe podia chamar depois da retirada) os Alliados tinhaõ expulso as tropas que estavaõ perto d'Almeida, e formado o bloqueio desta praça: entaõ Massena vendo a difficuldade que havia para executar as ordens do tyranno: pediu soccorro a Bessieres, que commandava o exercito do Norte, e tinha o seu quartel General em Valladolid, para o vir ajudar a expulsar os Alliados, e convocou Drouet para o mesmo fim, o qual ja tinha ordem para marchar para o exercito do Sul: tanto hum como o outro aceitarao o convite, e no fim de Abril de 1811, se pozeraõ todos em movimento, levando ao mesmo tempo viveres para 8 mezes para a guarniçaõ de Ciudad Rodrigo aonde chegarao no dia trez de Maio.

No dia 4 marchou este exercito combinado sobre Almeida, mas os postos avançados dos Alliados que occupavaõ a estrada sobre o flanco de Fuentes de Honor, se oppozeraõ á marcha da vanguarda Franceza e a atrahiraõ para a poziçaõ do seu exercito, que era por traz da dita Aldea: mandou entaõ Massena reconhecer esta poziçaõ, e se decidiu a attaca-la.

No dia 5 de madrugada começou o ataque na esquerda da linha Alliada, isto hé, na Aldea de Fuentes de Honor, pelo 9 corpo e na direita pela cavallaria commandada pelo General Montbrun: Naõ dou os detalhes d'esta batalha por serem muito conhecidos, e pode ser com mais precisao pelos officios do General em Chefe dos Alliados; mas con-

tento-me com dizer, que os Francezes forão completamente batidos. Durante o momento da batalha, forão expedidos dois soldados com ordem á Brenier, (Governador d'Almeida) para fazer demolir a praça, e retirar-se como podesse. Hum destes emissarios poudo chegar á praça, de donde se annunciou a Massena a recepção da ordem, por huma descarga de artilharia, conforme as instrucções que elle dava ao governador. Bessieres deu de premio a este emissario 500 luizes e segurou-lhe a Cruz da legião de honra, e a patente de Alferes, que elle recuzou, preferindo a sua Baixa que lhe foi concedida.

Vendo entao este bravo General que a guarnição teria muitas difficuldades que vencer para operar a sua retirada, determinou attacar novamente os Alliados, ou para os fazer passar o Coa, ou para, que durante a batalha a guarnição sahisse da Praça com menos obstaculos. Este projecto foi formado no dia 6, e se decidio o ataque para o dia 7 pela manhã; porem apenas amanheceo, e se dissipou hum pequeno nevoeiro que havia, se descobrião as formidaveis forças Alliadas, que já esperavaõ o ataque.

Massena não hezitou hum só momento, em ordenar a retirada, e fugir antes que os Alliados se decidissem a attacar. Os resultados destas operaçoens, não forão outros, do que ser o Exercito obrigado a comer os viveres quazi todos, que com tanto trabalho tinhaõ trasido para provisionar a Praça de Ciudad Rodrigo, e carregar-se com a ignominia de huma fugida vergonhosa, depois de ter perdido huma batalha, que lhe custou mais de 5,000 homens.

De volta d'esta expedição á Ciudad Rodrigo, Massena formava novos planos, quando chegou o Marechal Marmont para tomar o Commando do Exercito, sendo portador de huma ordem de Bonaparte para Massena, que lhe ordenava, de voltar para Pariz: deste modo deu fim a huma campanha, que elle dizia glorioza, pois que nos seus grandes feitos militares, não lhe faltava, se nao huma retirada feliz.

As forças do Exercito dito de Portugal (fora os corpos de Drouet, e de Bessieres) n'esta batalha não passavaõ de 18,000 homens, contando mais 1,800 que se lhe tinhaõ unido, dos que tinhaõ ficado em Hespanha, e por consequencia de hum tao formidavel Exercito como era aquelle que entrou em Portugal não lhe restava no fim da retirada, mais do que 16,000 bayonetas, e todo o resto foi consumido não só pelas batalhas, e combates; mas pela má ordem que o chefe teve no modo de buscar as subsistencias que lhe eraõ precisas, como vou mostrar por este calculo d'aproximação.

Forças diante d'Almeida no mez de Agosto de 1810.

O 2 Corpo	17,000 homens.
O 6 dito	19,000
O 8 dito	27,000
A Cavallaria	5,600
Total	<u>68,600</u>

Perda nas differentes batalhas, e combates.

No sitio d'Almeida	1,800
Nas differentes escaramuças até o Bussaco	600
Na batalha do Bussaco entre mortos, feridos e abandonados na montanha	4,800
Nos pequenos combates até Coimbra	300
Nos Hospitães de Coimbra entre feridos da batalha do Bussaco e Doentes e a guarnição	4,700
Nos combates até ás linhas em frente destas, e em frente de Punhete, e Abrantes, e nos differentes combates durante a posição de Santarem e Torres Novas	3,000
Nos combates da retirada ate Celorico	4,000
No Sabugal, Guarda, e retirada para a Ciudad Rodrigo	2,500
Total	<u>21,700</u>
Juntando a este numero os existentes no fim da retirada, que quando muito serião	16,500
Somma o total	<u>38,200</u>
Que diminuidos do total das forças, que entraraõ em Portugal restão	30,400
	<u>68,600</u>

Que foi o que o Exercito perdeu pela má ordem, entre assassinaos, desertores e prisioneiros.

Nesta batalha succedeo hum facto, que eu desejava contar há muito tempo.

Tendo os Francezes notado com admiraçam, por varias vezes a enorme distancia a que chegava a metralha dos Alliaos, e não podendo descobrir a cauza de hum effeito tao extraordinario: encarregaraõ aos seus officiaes d'artilharia, e de Engenharia a indagação desta novidade, que tao prejudicial era ás suas columnas. Estes officiaes trabalharaõ de balde, pois que não tinhaõ dados sobre que descórreer até que

n'esta batalha, foi huma columna dispersa, pelo terrivel fogo d'esta metralha atirada de huma bataria, que estava a grande distancia: entao alguns officiaes observando que ella vinha dentro de balas a maneira de granadas, que faziao a explosao a huma certa distancia e lançavao ainda muito longe a metralha de que estavao cheias, sem que esta mudasse de direcção, tiverao o cuidado de recolher algumas que nao tinhao arrebetado, as quaes depois de serem examinadas attentamente forao mandadas para França sem que se tivesse descoberto qual era o segredo da composicao para fazer arrebetar sem espuletta.

Na praça d'Almeida depois da capitulacao, acharao-se bastantes provisoes, de farinha, biscoito, vinho, graos, aguardente, &c. mas isto de pouco servio para o exercito, pois que a administração dispoz de quasi tudo em seu beneficio, e dos seus amigos, pela simples razao, que a administração Franceza, hé a mais mal organizada de todos os Exercitos da Europa.

Durante o tempo em que o Exercito esteve em posicao de frente das linhas de Torresvedras foi o Coronel Lefevre, (filho do Marechal do mesmo nome) mandado a Alcubassa com ordem de queimar os algodoens, que se achassem em armazens pertencentes á Fabrica, e este malvado para evitar o trabalho de os mandar tirar para fora deitou fogo ao Edificio, e queimou tudo ao mesmo tempo. O convento da batalha, segundo me disserao, tinha sido queimado pelas ultimas tropas que ali passarao, depois de terem descoberto os tumulos de alguns dos Reys, que estavao na Igreja, para ver se achavao que roubar.

Antes da entrada do 9. corpo em Portugal, o General Gardanne, que commandava huma divisao do dito corpo, foi mandado de Ciudad Rodrigo, pelo caminho de Castello-branco, para communicar com Massena, e preveni-lo do reforço, que Bonaparte lhe mandava pelo General Drouet; mas perto de Abrantes foi atacado de hum terror panico tao extraordinario, que sem ver hum só inimigo fez meia volta, e fugio, tao desordenadamente, que as Paizanos armados; forao bastantes para lhe anniquilarem quasi todas as tropas do seu commando: pelo que foi chamado a Pariz destituido do seu posto. Esta perda nao entra no calculo acima feito.

CONCLUSAO.

Sendo-me pedida huma relaçam dos successos acontecidos no Exercito de Massena durante a invasao em Portugal, nao hezitei hum momento em escrever todos os factos de que

tinha sido testemunha: advertindo porem que, me não foi possível detalhar a historia militar de todos os acontecimentos succedidos nas diferentes Provincias de Portugal, pois que d'elles não tinha conhecimento senão pelas ordens do dia de Massena, a que não dou o maior credito, por que sei que a politica dos Generaes Francezes, he de nunca publicarem os successos da Guerra, se não quando elles sao, ou os fazem ser favoraveis as suas armas. Muitas vezes acontece, que sem os nomes das terras aonde tem havido alguns feitos militares, os mesmos individuos que n'elles se acharão, não podem reconhecê-los; tal he a altera,ão com que os chefes os relatao.

Por estas razoes tao attendiveis deixo em silencio, (antes quero ser pouco exacto,) tantos successos que caracterisaõ, e honraõ, o valor, energia, e intelligencia dos Generaes Silveira, Bassellar e Trant, a pezar de ter varias vezes ouvido a officiaes Francezes, (que tinhaõ feito parte das tropas, que operaraõ contra os sobreditos Generaes, durante a invasão de Massena,) contar alguns acontecimentos, para provarem a habilidade dos seus inimigos, ajuntando ao mesmo tempo, que Bonaparte estava enganado a respeito das tropas Portuguezas, e dos seus Generaes, pois que elles, não só faziaõ a guerra methodicamente, e por principios; mas que as suas tropas não cediaõ em valor ás mais valerosas da Europa, o que elles desgraçadamente tinhaõ experimentado, tendo, sido por varias vezes, completamente destruidos, e obrigados a evacuar Portugal de huma maneira assas vergonhosa. Esta conficão na boca d'hum inimigo sendo hum elogio decidido, augmenta consideravelmente o meu sentimento, por não poder fallar nas operaçoens de officiaes de tanto merecimento, e distincçam limitando-me somente a relatar.

1. As forças do Exercito Francez diante d'Almeida, por ter visto os mappas da força presente debaixo das armas, em caza do General Frerion Chefe do Estado-Maior General, no Forte da Conseqam, das quaes se devem deduzir 1. a divisao de Bonet, que ficou nas Asturias observando a Galiza, e a Provincia do Minho;—2. a Divisao de Serras, que ficou em Benavente observando a Provincia de Traz dos Montes, e as tropas do commando do General Silveira, com quem teve alguns combates, depois da entrada do General Massena em Portugal, veio a divisao Claparedo continuar esta especie de cordao sobre a fronteira até á Guarda, por effeito do que ficou livre toda a raia de Portugal para á marcha das tropas Francezas, de sorte que não pode ser mais ridicula do que mal fundada a vaidade dos Hespanhoes, que dizem, que as suas Guerrilhas he que esfaimaraõ e obrigaõ,

o exercito de Massena a retirar-se de Portugal, quando o unico motivo foi o estar reduzido a tao pouca forca, que mais hum mez de demora na posicao o impossibilitaria sem duvida, de poder operar a retirada.

2. A marcha do exercito Francez até ó Bussaco.

3. Os detalhes da Batalha do Bussaco, e o modo por que esta posicao foi tornada.

4. A marcha até ás linhas de Torresvedras, e os differentes combates que se derão até esta posicao.

5. Os movimentos do Exercito diante das Linhas. A expedicao sobre Abrantes, as posicoens que se tomarao para estabelecer os acantonamentos, e os factos mais notaveis que acontecerao durante o tempo que esteve estacionado.

6. A abundancia de viveres que se acharao nas cazas dos particulares, e nos conventos de Coimbra, em alguns armazens em Condeixa, e em Leiria, finalmente em todas as cazas das terras desemparadas pelos seus habitantes, que fugindo se esquecerao das provizoens que deixarao n'ellas, e a somma, das quaes fazia hum computo mui consideravel se fossem aproveitadas; nao fallando na Colheita serodia, que estava em pé principalmente nas margens do Mondego, e em geral em todo o territorio que está desde as linhas ao Mondego e desde o Zezere ao mar.

7. Do terrivel systema da *Maraude* isto hé, o modo por que Massena fez subsistir o Exercito—o que produziu a ruina de huma grande parte das forças Francezas. Por esta succinta narraçao dou huma idea da administraçao do Exercito Francez, por onde pode concluir-se que esses Escriitores, que se occupao a citar a administraçao Franceza, como modello, he por que nunca estiverao entre elles, e ignorao totalmente o seu modo de fazer a guerra, pois se o nao ignorassem, lhe seria facil o ver, que ainda que a sua organizaçao fosse muito boa, nunca poderiao estabelecer armazens, ou faze los seguir huns exercitos que saõ como huma torrente, que se avança rapidamente em quanto nao achao huma rezistencia seria, principalmente na Hespanha e em Portugal aonde todos os habitantes fazem cauza commun, e devem ser contados como inimigos, e por consequencia as difficuldades se augmentao, e obrigaõ o inimigo a contar para a sua subsistencia, somente com os recursos do Paiz que occupao, e tendo estes sido destruidos o Exercito he impossibilitado de poder existir, muito passageiramente, recorrendo a *Maraude*, recurso que he sempre funesto ao exercito que o adopta.

He claro que eu me refiro aqui ás obras que tem sido publicadas tanto em Portuguez como Inglez, sobre hum perten-

dido Estado Maior do Exercito Francez, que nunca existio se nao no livro do General Thiebaut.

8. A expedição do General Fois mandado pelo caminho de Castello Branco pedir soccorro a Bonaparte.

9. A junção do General Drouet commandante do 9. corpo forte de 8,000 a 9,000 com o Exercito de Massena.

10. Os detalhes da retirada, e os dos differentes combates até que se chegou á Hespanha.

11. Da Batalha de Fuentes de Honor, as cauzas que obrigarão Massena a vir procurar os Alliados, e as medidas que se tomaraõ, para que a Praça d'Almeida fosse demolida, e a sua guarnição se retirasse.

12. A ordem que Massena recebeu para entregar o commando do Exercito ao Marechal Marmont, e se retirar para França.

13. O calculo de aproximação das forças do Exercito de Massena, que entraraõ em Portugal, o seu consumo nas differentes batalhas, combates, extraviados e prisioneiros, e assassinados em consequencia da *Maraude* computados, pelas que o Exercito tinha depois da retirada, e antes da Batalha de Fuentes de Honor.

• Todos estes factos saõ relatados por huma testemunha ocular, que com a maior imparcialidade nao faz mais do que repeti-los do mesmo modo que os vio acontecer, podendo contudo haver erro em alguma data, pois que nao tendo documentos, se refere somente á sua memoria, que facilmente o pode enganar.

LISTA

Das principaes Oeras ultimamente publicadas em
Inglaterra.

AGRICULTURA.

Part 1, price 4s. to be completed in ten monthly parts making two volumes in royal 8vo, illustrated by upward of one hundred beautiful engravings (including all the improvements and discoveries of the last fifty years, and the present principles and practice of the art of husbandry, in all branches and relations) of a new work, entitled, *The Farmer's Companion*. By W. R. Dickson, Honorary Member of the Board of Agriculture, &c. &c.

BIOGRAPHIA.

Vol. VII.—*The General Biographical Dictionary*; containing an historical and critical account of the lives and writings of the most eminent persons in every nation; particularly the British and Irish; from the earliest accounts to the present time. A new edition, revised and enlarged, by A. Chalmers, F. S. A. 8vo. 12s.

The Life and Death of that old Disciple of Jesus Christ and eminent Minister of the Gospel, Mr. Hanserd Knollys, who died in the 93d year of his age. Written with his own hand to the year 1762, and continued in general in an epistle by Mr. William Kiffin. To which is added his last legacy to the church. Embellished with a portrait. 12mo. 2s.

The Lives of Marcus Valerius Messala Corvinus and Titus Pomponius Atticus; the latter from the Latin of Cornelius Nepos, with notes and illustrations: to which is added, an account of the families of the first five Cæsars. By the Rev. Edward Berwick, author of the Translation of the Life of Appolonius of Tyana. Post 8vo, 7s.

COMMERCIO.

A Brief Historical View of the Cause of the Decline of the Commerce of Nations. By James Tyson. 8vo 2s. 6d.

The Fifth Report from the Select Committee of the House of Commons on the Affairs of the East India Company; as ordered by the House of Commons to be printed, 28th of July, 1812. 8vo. 12s.

Letters from the Rt. Hon. Henry Dundas to the Chairman of the Court of Directors of the East India Company, upon an Open Trade to India. 8vo. 1s.

EDUCAÇÃO.

A Companion to the English Grammar; or, Familiar Exercises adapted to the Capacities of children; and designed as an introduction to the study of the English Language. By the Rev. T. Roome, 12mo. 1s. sewed.

French Phraseology; pointing out the difference of Idiom between the English and French Languages, on a variety of useful subjects. 18mo. 4s. bound.

A Practical Guide to Schoolmasters, Tutors and Parents, in the selection and use of elementary school-books on all subjects; with an arranged list of superior books for private students and libraries. By the late Rev. J. Collins: A new edition, revised and enlarged by the Rev. Samuel Catlow, A. M. late master of an academy at Mansfield and Wimbledon, and author of an Outline of Public Instruction. 1s. 6d.

A Father's Advice to his Daughter; or, Instructive Narratives from Real Life. By the author of a Father's Tales to his Daughter. 12mo. 6s.

HISTORIA.

No. I. of A History of Ireland, from the earliest period to the present time; embracing also a statistical and geographical account of that kingdom; forming together a complete view of its past and present state, under its political, civil, literary and commercial relations. By Stephen Barlow, A. M. The numbers will be continued regularly every Saturday, price 1s. each, occasionally embellished.

MATHEMATICA.

The Gentleman's Mathematical Companion, Number XVI. for the year 1813. Consisting of new enigmas, charades, rebuses, queries, and questions; with answers and solutions to those of last year. Continued annually. 2s. 6d.

A Comprehensive Treatise on Land Surveying, comprising the theory and practice in all its branches; in which the use of the various instruments employed in surveying, levelling, &c. is clearly elucidated by practical examples.

Illustrated by copperplates, containing upwards of 170 figures. By John Ainslie, Land Surveyor, 4to. 11. 6s.

The Elements of Euclid, viz the First Six Books, together with the Eleventh and Twelfth. The errors by which Theon, or others, have long ago vitiated these books, are corrected; and some of Euclid's Demonstrations are restored. Also the Book of Euclid's Data, in like manner corrected. By Robert Simson, M. D. Emeritus Professor of Mathematics in the University of Glasgow. A new edition, carefully revised and improved. To which are now added, a Treatise on the construction of the Trigonometrical Canon; and a Concise Account of Logarithms. By John Christison, Teacher of the Mathematics. 8vo. 9s. bound.

MEDICINA E CHIRURGIA.

Medico-Chirurgical Transactions, published by the Medical and Chirurgical Society of London. The third volume, illustrated by seven engravings. 8vo 16s.

Observations on the Nature and Cure of Dropsies. To which is added an Appendix, containing several cases of Angina Pectoris, with Dissections, &c. By John Blackall, M. D.

MISCELLANEA.

Cursory Remarks on Corpulency. By a Member of the Royal College of Surgeons, London. The second edition with additions. 3s. sewed.

Journal of a Residence in India. By Maria Graham. Illustrated by engravings. 4to. 11. 11s. 6d.

Essays, on Retirement from Business; on Old Age, and on the employment of the Soul after death. A new edition, Crown 8vo. 5s. To which are added, Meditations on various subjects, religious and moral. By a Physician.

The Miscellaneous Works and Novels of R. C. Dallas, Esq. Dedicated to the Right Hon. Lord Byron. 7 vols. royal 18mo. 2l. 2s.

Observations on Lieut.-Col. Malcolm's Publication relative to the disturbances in the Madras army; containing a refutation of the opinions of that officer, from the evidence of papers laid before Parliament; also copies and extracts of some interesting letters addressed by the late Marquis Cornwallis to Sir G. Barlow. 8vo. 3s. 6d. sewed.

Ancient Lore; containing a selection of aphoristical and preceptive passages on interesting and important subjects,

- from the works of eminent English Authors of the sixteenth and seventeenth centuries; with a preface and remarks. Embellished with a frontispiece of four finely engraved portraits. 12mo. 7s.
- Christian Morals. By Hannah More. 2 vols. royal 12mo. 13s.
- The American Review of History and Politics, and general Repository of Literature and State Papers. No. 7. Price 6s.
- The sixth quarto volume, and the eleventh and twelfth octavo volumes, of the Works of the Rt. Hon. Edmund Burke. These volumes contain the ninth and eleventh reports of the select committee on the affairs of the East India Company in 1783; exhibiting a full and comprehensive view of the commerce, revenue, civil establishment, and general policy of the Company; and also various papers relative to the impeachment of Mr. Hastings. 4to. 2l. 12s. 6d. 8vo. 1l. 4s.
- A Letter to the Rev. Peter Gandophy, in Confutation of the Opinion, that the vital Principle of the Reformation has been lately conceded to the Church of Rome. With a Postscript, containing remarks on the consequences which must result from the concession of the Catholic Claims. By Herbert Marsh, D. D. F. R. S. Margaret Professor of Divinity in Cambridge. 1s. 6d.
- Speeches in Parliament, by the Rt. Rev. Samuel Horsley, LL. D. F. R. S. F. A. S. late Lord Bishop of St. Asaph. 8vo. 15s.
- Remarks on the Proceedings of the Lords and Commons in the late Parliament respecting the Catholics, contained in a Letter, addressed to the Protestants of all Persuasions and Communions. By F. Gregor, Esq. 2s.
- An Appendix to the Doctrine of Life Annuities and Assurances; containing a Paper, read before the Royal Society, on a new Method of calculating the Value of Life Annuities. By Francis Baily. 4s.
- The New Art of Memory; founded upon the principles taught by M. Gregor Von Feinaigle, and applied to chronology, history, geography, language, systematic tables, prose, poetry, and arithmetic: to which are added the principal systems of artificial memory, from the earliest period to the present time; and instances of the extraordinary powers of natural memory. With numerous maps, plates, &c. and a portrait of M. Feinaigle, the second edition with numerous corrections and additions, 12mo. 12s.

HISTORIA NATURAL.

Fauna Orcadensis ; or, the Natural History of Quadrupeds, Birds, Reptiles, and Fishes, of Orkney and Shetland. By the Rev. George Low, Minister of Birsa and Haray. From a manuscript, in the possession of William Elford Leach, M.D. F.L.S., &c. 4to. 1l. 1s.

NOVELLAS.

Vaga ; or a View of Nature, a Novel. By Mrs. Peck, author of the Maid of Avon, Welch Peasant Boy, Young Rosiniere, &c. With a portrait of the author, 3 vols. 12mo. 18s.

Aretas. By Emma Parker, author of Elfrida, and Virginia or the Peace of Amiens, 4 vols. 12mo. 1l. 4s.

Alinda ; or the Child of Mystery. By the author of the Castle of Tariffa, &c. 4 vol. 12mo. 1l.

The Sons of the Viscount, and the Daughters of the Earl ; a novel, depicting recent scenes in fashionable life. 4 vol. 12mo.

L'Intriguante ; or, the Woman of the World ; a novel. By A. F. Holstein, author of Isadora of Milan, Bouverie, Miseries of an Heiress, &c. 4 vols. 12mo.

She Thinks for Herself, a novel. 4 vols. 12mo. 16s. 6d.

Fitz-Gwarine ; a ballad of the Welsh Border, in three cantos. With other rhymes, legendary, incidental and humorous. By John F. M. Dovaston, A. M. 12mo. 7s.

PHILOLOGIA.

An English and Hindostanee Naval Dictionary. Calculated to enable the officers of the Hon. East-India Company's and Country Service, to give their orders to the Lascars with that exactness and promptitude, which, upon many occasions, must prove of the greatest importance. By Lieut. Thomas Roebuck, of the Madras Establishment, Acting Examiner and Assistant Secretary in the College of Fort William, 12mo. 7s.

A Grammar of the English Language ; containing a complete summary of its rules, with an elucidation of the general principles of elegant and correct diction, accompanied with critical and explanatory notes, questions for examination, and appropriate exercises. By John Grant, A. M. of Crouch End. 12mo. 6s. bound.

POEZIA.

Rokeby; a Poem, in six cantos. By Walter Scott, Esq. 4to. 2l. 2s.—A set of illustrations for this Poem, after designs by T. Stothard, Esq. R. A. are in hand, and will very speedily be published by the Proprietors of the Poem.

The Poetical Register, and Repository of Fugitive Poetry, for the years 1808 and 1809; containing original poetry, fugitive poetry, and critical characters of poetic and dramatic works, published in the course of the two years. Elegantly printed on a fine woven paper, hot-pressed, crown 8vo. 12s.

ECONOMIA POLITICA.

An Historical View of the Domestic Economy of Great Britain and Ireland, from the earliest to the present times; with a comparative estimate of their efficient strength, arising from their popularity and agriculture, their manufactures and trade in every age. A new edition, corrected, enlarged, and continued to 1812. By George Chalmers, F. R. S. S. A. Author of Caledonia, and of the Considerations on Commerce, Coins, and Circulation, 8vo. 13s.

The Elements of the Science of Money, founded on principles of the law of nature. By John Prince Smith, Esq. of Grays Inn, Barrister at Law, 8vo. 15s.

THEOLOGIA.

An Essay on the Trinity; containing a brief inquiry into the principles on which mysterious and contradictory propositions may be believed. By T. Morton, 1s. 6d.

Sermons for Parochial and Domestic Use, designed to illustrate and enforce, in a connected view, the most important articles of Christian Faith and Practice. By Richard Mant, M. A. Vicar of Great Cogglesall, Essex, and late Fellow of Oriel College. 2 vol. 8vo. 18s.

The Beauties of Christianity, by F. A. de Chateaubriand; author of Travels in Greece and Palestine, Atala, &c; with a preface and notes, by the Rev. Henry Kett, B. D. Fellow of Trinity College, Oxford, 3 volumes, 8vo. 1l. 11s. 6d.

The Proverbs of Solomon, arranged under different heads, with practical observations on each section, intended prin-

- ipally for the use of the young; by a Lady, with a commendatory preface by the Rev. Henry Gauntlet. Price 1s. 6d. bound in sheep; on better paper, price 2s. in boards; and on royal paper, price 3s. in boards.
- A Collection of Sacred Translations, Paraphrases, and Hymns: by Stevenson Maggill, D. D. Minister of the Tron Church, Glasgow; 12mo. 4s.
- A Father's Letters to his Children, in which the holiness, justice, and mercy of God are shewn to have existed upon the same foundation of wisdom, truth and love; and the Messiah the only Saviour of Gentiles, Jews, and Christians, from the beginning of the world. By a Country Gentleman; 12mo 6s.
- A Discourse on Parochial Communion, in which the respective duties of ministers and people are deduced from Scripture, from the acknowledged principles of episcopacy, from the practice and discipline of the church, and from the law of England. By the Rev. Thomas Sikes, A. M. Vicar of Guildborough; 8vo. 10s.
- The Character of Moses, established for Veracity as a Historian, recording events from the Creation to the Deluge. By the Rev. Joseph Townsend, M. A. Rector of Pewsey, Wilts. Illustrated by twenty-one engravings. 4to. 3l. 3s.
- Sermons for Schools; consisting of one for every Sunday in the year, and four for the great holidays; selected and abridged for the use of seminaries of education, from Blair, Horne, Gisborne, Jortin, Seed, Paley, Porteus, Zollikofer, Enfield, Tillotson, Clarke, &c. &c. By the Rev. S. Barrow, Author of the Young Christian's Library, &c. 12mo. 6s. 6d. bound.
- The Clergyman's Companion in visiting the Sick; containing Bishop Taylor's Directions for the right discharge of that duty, the public offices for the visitation and communion of the sick, with a variety of prayers for different characters and cases. The whole revised, and more methodically arranged, with the addition of some new prayers, by the Rev. J. Bull, M. A. Curate of Down and Cudham, Kent. A new edition. To this is now subjoined, an appendix, containing a large selection of psalms and other portions of Holy Scripture, proper to be read with the afflicted; and also an address, explaining the nature and necessity of Repentance and Faith. Crown 8vo. 5s. 6d.

POLITICA.

AMERICA.

RIO DE JANEIRO.

ALVARA.

Eu o Principe Regente, Faço sabèr aos que este Alvará com força de Lei virem : Que Havendo estabelecido nesta Capital hum Banco Publico por Alvará de doze de Outubro de mil oitocentos e oito, para bem commum de Meus fieis Vassallos ; nao se tendo colhido até agora as vantagens proprias de hum tao útil Estabelecimento Nacional, sem duvida em razaõ do pequeno fundo capital do seu Cofre, que pelo menos deveria ser elevado a mil e duzentos contos de reis pelas entradas dos Accionistas particulares : E sendo de esperar que por este meio nao só se multipliquem as transacçoens mercantis, e cambiaes, e se augmente a facilidade, e extensao do giro do commercio, e sua prosperidade, mas tambem se consiga facilitar-se, e promover se com mais interesse publico a circulaçaõ dos cabedaes, que a Minha Real Fazenda tem nas diversas Capitaniaes deste Estado, e Dominios : Querendo auxiliar efficazmente o sobredito Banco e promover o concurso de novos Accionistas particulares segurando-lhes vantajozos lucros dos seus cabedaes postos no Cofre do Banco, para que o fundo capital de hum tao atil Estabelecimento possa chegar a muito consideravel grão de força, de opulencia, e de credito, como convem aos importantes fins de sua Instituiçaõ : Hei por bem, que a Minha Real Fazenda entre como Accionista nos cofres do Banco do Brasil com o producto de algumas novas Impozicçoens abaixo declaradas, por espaço de dez annos consecutivos, sem que das entradas, que se realizarem nos primeiros cinco annos, haja de perceber lucro algum, ficando todo o que lhe podesse competir em proveito dos Accionistas particulares em quanto durar o prazo de tempo dos Privilegios concedidos a este Estabelecimento, e vindo a entrar a Minha Real

Fazenda na divisaõ dos lucros, que lhe competirem como Accionista, unicamente das quantias que depois dos primeiros cinco annos se recolherem ao Cofre do Banco, provenientes dos novos Impostos, que Sou Servido estabelecer pela maneira seguinte.

I. Por cada huma Carruagem, ou Sege de quatro rodas pagar-se-há doze mil e oitocentos reis por anno, e por cada huma Sege de duas rodas dez mil reis tambem por anno. A este Imposto, já determinado pela Carta Regia de dezoito de Março de mil oitocentos e hum, seraoõ sugeitos todos os residentes no Brasil pelo numero de Carruagens, e Seges de qualquer denominaçãõ, e forma, que cada hum tiver em uso, o que deverá declarar no acto do lançamento a que se proceder.

II. Igualmente se pagará por anno doze mil e oitocentos reis por cada Loja, Armazem, ou Sobrado, em que se venda por grosso, e atacado, ou a retalho, e varejado, qualquer qualidade de Fazenda, e Generos secos, ou molhados, Ferragens, Louças, Vidros, Massames; por cada Loja de Ourives, Lapidarios, Corrieiros, Funileiros, Latoeiros, Caldeireiros, Cerieiros, Estanqueiros de Tabaco, Boticarios, Livreiros, e Tavernas, sem isençãõ de pessoa alguma residente no Brasil, que taes Lojas, ou, Armazens tiver. Desta Contribuiçãõ sómente ficarão isentas as Lojas, Botequins, e Tavernas, que actualmente já pagão para a Real Fazenda hum igual, ou maior imposto, e bem assim todas as Lojas de qualquer qualidade, Botequins, e Tavernas estabelecidas nas Estradas, nos Arraiaes, e Capellas, e nas pequenas Provoações, em que não haja Magistrado de Vara Branca.

III. Por cada Navio de tres mastros se pagará por anno doze mil e oitocentos reis; por cada Embarcaçãõ de dous mastros, nove mil e seiscentos reis; por cada Embarcaçãõ de hum mastro, e de barrá fóra, seis mil e quatrocentos reis; por todas as outras Embarçaõens de menor lote, e que não navegaõ fóra da barra, como Lanchas, Botes, Saveiros, Canoas, e outras de qualquer forma, ou denominaçãõ, quatro mil e oitocentos reis, em todos os Portos deste Estado do Brasil, exceptuadas sómente as Jangadas, e quaesquer Embarcaõens destinadas a pescaria e, os Botes, Escalares, e Lanchas pertencentes ao serviço das embarçaõens, que já tiverem sido comprehendidas nesta Imposiçãõ.

IV. Por todas as compras, e vendas de Navios, e Embarçaõens de qualquer lote, á reserva unicamente das Jangadas, e Barcos de Pescaria, se pagará cinco por cento do preço da compra, em todos os Portos deste Estado do Brasil em que se effectuar o contracto: que só será valiozo constando na Escritura publica, e Escritos particulares, que só podem ter

lugar nos casos determinados nas minhas Leis, e Reaes Disposições, que foi paga a meia Siza acima referida, que Sou Servido estabelecer, reduzindo a esta taxa a que se paga em Portugal, segundo o paragrafo nono do Regimento do Paço da Madeira, e o Alvará de dezaseis de Setembro de mil setecentos setenta e quatro: E todos os que o contrario fizerem, e os Tabeelliaes que lançarem as Escrituras incorrerão nas penas impostas pela Lei do Reino, e pelo Alvará de tres de Junho de mil oitocentos e nove.

V. A administração, e arrecadação destes novos Impostos será feita nesta Capital, e Provincia do Rio de Janeiro pela Junta do Banco do Brasil, por espaço de dez annos, que terão principio no primeiro de Janeiro de mil oitocentos e treze, precedendo pelo que respeita aos designados nos paragrafos primeiro, segundo, e terceiro, hum lançamento a que immediatamente procederá o Juiz privativo, que Sou Servido conceder ao mesmo Banco, e que será remetido á Junta, logo que seja concluido, para proceder á devida arrecadação, sendo obrigados os collectados a remetterem ao Cofre do Banco as quantias, que deverem em cada hum anno até ao fim de Fevereiro do mesmo anno, e procedendo-se executivamente pelo Juiz Privativo, logo que for requerido pelos Agentes do Banco, contra os remissos, na fórma estabelecida para a cobrança das dividas Reaes preteritas, findo o referido prazo, o que se fará publico por Editaes do Juiz privativo no principio de cada hum anno.

VI. Os lançamentos serão feitos todos os annos, e quando mais conveniente parecer, com a especificação, e legalidade que convem, e o mais approximadamente ao da Decima, que for possivel. Servirá de Escrivão o que mais apto, e desembaraçado for, sendo para isso escolhido pelo Juiz privativo do Banco do Brasil, e receberá por anno duzentos mil reis, que lhe serão pagos aos quartéis no Meu Real Erario pelo producto dos Novos Impostos, e no mesmo Erario será paga a Folha das despesas dos lançamentos, sendo approvada pelo Juiz privativo.

VII. Em as Capitánias deste Estado do Brasil far-se-ha a cobrança destes impostos pelas respectivas Juntas de Fazenda, sendo administrados, ou contratados por ellas, em conformidade das Minhas Reaes Ordens, bem como todas as outras Rendas Reaes, e como mais conveniente for, devendo ser o seu producto escriturado separadamente, e remetido ao Real Erario para deste passar ao Cofre do Banco do Brasil a quantia que necessaria for em cada hum anno, afim de se completar no Cofre do mesmo Banco huma entrada effectiva

de cem contos de reis por anno, e assim successivamente por espaço de dez annos.

VIII. Pela Meza do Despacho Maritimo nesta Cidade, e pelas Alfandegas, Ministros, e quaesquer Authoridades a quem toca nos differentes Portos deste Estado do Brazil o dar o despacho de sahida ás embarcaçoens, se não haverá por desembarcada toda a que não mostrar, que tem pago o imposto correspondente ao anno.

IX. A administração, e arrecadação do Imposto determinado no paragrafo quarto será igualmente feita pela Junta do Banco, no que pertence a esta Cidade, e Provincia do Rio de Janeiro; e pelas Juntas de Fazenda respectivas, no que pertencer as Capitánias.

X. A escrituração do rendimento de todos estes impostos, que forem arrecadados immediatamente pela Junta do Banco, será feita na sua respectiva Contadoria, com distincão de cada hum delles, e declaração das despesas da administração, a arrecadação; e no principio de cada hum anno, e quando muito tarde até ao fim de Fevereiro, deverá a Junta do Banco remetter ao Real Erario os Livros dos lançamentos feitos pelo seu Juiz privativo, a conta de toda a Receita e Despesa, que houve no anno antecedente, e da quantia liquida, que no seu Cofre fica pertencendo á Real Fazenda, como Accionista do mesmo Banco de igual quantia, não excedendo esta por anno a cem contos de reis; pois que todo o excesso annual da renda dos Impostos além dos ditos cem contos de reis, deverá ser pela mesma Junta do Banco remettida ao Real Erario, durante o prazo de dez annos, que para a administração, e arrecadação dos ditos Impostos lhe he concedido; assim como pelo Real Erario será remettida ao Cofre do Banco a quantia que annualmente, e por espaço de dez annos faltar para se completar huma entrada effectiva de cem contos de reis por anno, no caso de não chegar a este computo o recebimento, que tiver o Cofre do Banco, proveniente dos novos impostos desta Provincia do Rio de Janeiro, de que tem a administração, e arrecadação.

XI. Será Juiz privativo de todas as causas, e dependencias do Banco do Brasil hum Desembargador dos Extravagantes da Casa da Supplicação que Me for proposto pela Junta do Banco, o qual sendo por Mim approvado, exercerá toda a sua prida Jurisdicção e Authoridade, que segundo as Minhas Leis for necessaria, para por si, seus Delegados, e pelos Officiaes que lhe forem precisos, cuidar nos lançamentos, qua se devem fazer, proceder ás execuçoens, que lhe forem requeridas, e deferir a todas as representaçoens da

da Junta do Banco, assim de se incorporarem nelle os objectos, que pela Lei de sua Fundaçao lhe pertencerem, e de que ainda nao estiver de posse, por ser da Minha Real Intençao, que a dita Lei se cumpra inteiramente: O mesmo Juiz privativo dará aggravo de petição, e ordinario, para o Conselho da Minha Real Fazenda, e terá de ordenado annual quatrocentos mil reis pagos aos quarteis no Meu Real Erario pelo producto dos novos impostos.

E este se cumprirá tao inteiramente como nelle se contem. Pelo que, Mando ao Presidente do Meu Real Erario; Meza do Desembargo do Paço, e da Consciencia e Ordens; Conselho da Minha Real Fazenda; Regedor da Justiça; e a todos os mais Tribunaes, e Pessoas, a quem pertencer o conhecimento deste Alvará, o cumpraõ, e guardem, como nelle se contem. E valerá como Carta passada pela Chancellaria, posto que por ella nao ha de passar, e que o seu effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenaçao em contrario, Dado no Palacio do Rio de Janeiro em vinte de Outubro de mil oitocentos e doze.

PRINCIPE.

Conde de Aguiar.

Alvará com força de Lei, pelo qual Vossa Alteza Real Querendo auxiliar eficazmente o Banco do Brasil, e promover o concurso de novos Accionistas particulares, segurando-lhes vantajoços lucros dos seus cabedaes postos no Cofre do Banco, He Servido estabelecer os impostos no mesmo declarados.

DECRETO.

Havendo cessado com o triste acontecimento da morte do Meu Muito Amado e Presado Sobrinho, o Infante D. Pedro Carlos, o exercicio das funcões, e Authoridade do Posto de Almirante General da Marinha, que por Decreto de 13 de Maio de 1808 Fui Servido Crear para lhe ser especialmente conferido, annexando lhe todas as attribuiçoes que competiaõ aos Capitaens Generaes dos Galioens da Armada Real de Alto bordo do

Mar Oceano, e aos inspectores de Marinha: e sendo por tanto necessario pôr agora os Negocios, e Administração deste importante Ramo do Meu Real Serviço naquella marcha que convem; para que não soffra o seu expediente, mas antes prossiga com a devida regularidade, e boa ordem: hei por bem determinar que tudo volte ao estado em que os negocios desta repartição se achavaõ até ao momento em que pelo citado decreto fui servido dar-lhes aquella differente fôrma, ordenando que o competente ministro, e secretario d'Estado dos Negocios da Marinha, e dominios ultramarinos, haja daqui em diante de exercer todas as funcçoens, e authoridade proprias dos Inspectores de Marinha, as quaes em certo modo forão já praticadas pelo seu antecessor, em quanto não se creou o Posto de Almirante General, que ora se achã extinto pela expressa declaração com que foi creado. O Conde das Galvêas do Meu Conselho de Estado, Ministro, e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha, e Dominios Ultramarinos, o tenha assim entendido e o faça executar com as participaçõens necessarias. Palacio do Rio de Janeiro em 3 de Novembro de 1812.

Com a Rubrica do Principe Regente N. S.

DECRETO.

Por justos motivos convenientes ao Meu Real Serviço: Hei por bem, que nenhum Preso, dos que entraõ nas cadeas de ordem do Intendente Geral da Policia, possa ser selto por qualquer authoridade, por mandados, sentenças, ou assentos de visita, sem que antes o mesmo intendente seja sciente, e o de por corrente. O Chanceller de casa da supplicação, que serve de Regedor, o tenha assim entendido, e o execute, sem embargo de quaesquer leis, decretos, e ordens em contrario. Palacio do Rio de Janeiro em sete de Novembro de mil oitocentos e doze.

Com a Rubrica do Principe Regente N. S.

LIMA.

Extracto do que aconteceu em Lima, relativamente á conspiração premeditada para assassinar o Vice-Rey, chefes militares, muitos Europeos, e varios Limenhos, ás 9 horas da noite do dia 12 de Julho de 1812.

Havia em Lima suspeitas fundadas de que existião emisarios de Buenos Ayres, Quito, e Chile; igualmente as havia de muitos homens viciozos, e dissipadores, (são estes os que dezejaõ revoluçoens), e receava-se huma conspiração: tomavaõ-se porem oportunas, e efficazes providencias para manter a boa ordem; e com este objecto D. Joaquim de la Pezuela, Subinspector de artilharia, de acordo com o Vice-Rey, tinha formado hum parque, e trem de artilharia montada, capaz de inspirar o maior respeito. Isso não obstante, huma porção de individuos formaraõ huma junta que persuadio os negros a que assassinassem o Vice-Rey, Arcebispo e Chefes militares, debaixo do pretexto de que o Governo Hespanhol os tinha declarado livres, e que podessem estudar, e ordenar-se; porem que os ditos chefes occultavaõ a expressada ordem.

Os revolucionarios reduziraõ com estas imposturas os negros, e estes convieraõ com as perversas intençoens daquelles. Para verifica-las era preciso contar com o corpo de artilharia; e para o conseguir buscaoõ hum official daquelle corpo natural do Peru, que o participou ao seu Commandante Pezuela; e de acordo com este assistio a muitas juntas com o fim de descobrir os principaes complices, e maons poderozas que eraõ occultamente a mola principal da maquina. Determinada a revolução, e assassinatos para o dia 12, o dito official o participou a Pezuela, e este ao Vice-Rey; prenderaõ-se todos, escapando somente hum *clerigo e hum cirurgião mulato*.

LIMA.

21 de Julho, de 1812.

O Tenente Coronel Huici combateo a 19, e 20 de Maio com numerosos bandos de rebeldes commandados por Mendoza, e

Rebollo, cauçando lhes huma perda de 150 homens, alguns canhoens, armas, e muniçoens. A 22 do mesmo entrou em Sacaca o Coronel Lombera, dispersando varios corpos de rebeldes, capitaneados por Terrazas e Centeno, ficando este morto com mais 50 dos seus. Fizeraõ-se muitos prizioneiros, tomaraõ-se 8 peças, e muitas muniçoens. Goyeneche propunha se solicitar do Muito Reverendo Arcebispo de Charcas, que passasse em pessoa a vizitar a Provincia de Cochabamba, e reformasse o seu clero, *meio o mais conducente para segurar o tranquillidade.*

VERA CRUZ.

A 19 de Agosto entrou em S. Agostinho del Palmar o Capitao Lavaqui com 350 homens, e 3 peças de artilharia; mas pouco depois teve elle a má ventura de ser atacado por 4,000 rebeldes, que acometteraõ o povo por todos os lados, começando-se hum fogo horrorozo que durou, sem interrupção, 28 horas. Os rebeldes tomaraõ a povoação ficando mortos 150 dos leaes, e 200 prizioneiros, que foraõ conduzidos a Tehuacham. O valorozo Lavaqui morreo combatendo. Os rebeldes eraõ *commandados pelos Curas Motezuma, e Sanchez, que ultimamente se achavaõ em Tehuacam com o infame Cura Morelos e grande numero de clérigos, e frades, que saõ os officiaes do seu exercito, que sobe a 7,000 homens!* Nós não podemos deixar de repetir aqui o que ja dissemos em o No. III. do nosso Jornal pag. 572—“ hum grande numero de sacerdotes, de Ministros de hum Deos de paz, longe de empregarem a sua poderosa influencia para dirigir, e esclarecer os Povos; só della se tem servido para irritar suas paixoens, suas vinganças e seus odios. Elles tem-se nomeado a si proprios generalissimos; tem-se posto á frente dos povos que illudiraõ; tem-lhe permitido toda a casta de crimes, dando-lhe primeiro escandalozo exemplo; tem-os conduzido aos combates, e á carnagem; e em nome de huma religião suave, e santa tem corrido copiozos rios de sangue—

Santa Religião, tempos ditosos!

Ou tu não es a mesma, ou teos Ministros,

De pastores o nome não merecem!”

BUENOS AYRES.

OFFICIO

Do Governo revolucionario de Buenos Ayres ao Governo legitimo de Montevideo.

Excellentissimo Senhor—Huma serie de extraordinarios successos tem mantido a guerra entre dois Povos de huma mesma Nação; e seos estragos não podem recordar-se sem sentimento. Nosso territorio invadido por huma força estrangeira, os povos afflictos, as familias desoladas, os cidadãos perseguidos, desertos nossos campos, abandonados os officios, obstruido o commercio, suffocada a industria; taes tem sido os resultados da divergencia das opinioens* Vossa Excellencia conhece que a guerra civil ataca os interesses da Hespanha, bem como a felecidade deste precioso continente, e que suas fataes consequencias são incalculaveis, se os Depozitarios dos poderes dos povos não cortarem a tempo os males que os ameaçam, sacrificando ao bem geral os resentimentos particulares, e os respeitos da mesma authoridade. A divizão tem sido origem da guerra, e a unidade he o unico remedio que o estado das circunstancias offerece para precaver seos effeitos sanguinarios sem prejudicar os interesses da Nação: porque se a Hespanha succumbe á força do Conquistador, quaes são as vantagens que o povo Americano pode esperar desta funesta rivalidade? A morte, ou a escravidão. Constituidos em debelidade, esgotados todos os recursos com a guerra civil, seriamos a preza de hum conquistador estrangeiro. Mas se ella triunfa de seos crueis inimigos, quem será capaz de persuadir-se que as Provincias Ultramarinas hao de renunciar a gloria de constituir huma parte integrante de huma Nação Grande, e victoriosa? E ainda quando o intentassem, como poderiam resistir ao seu poder? Unão-se os Povos, e estabeleçam seu systema pro-

* Taes tem sido os amargos fructos da infame revolução que fizestes e que tarde, ou cedo hade ter o mesmo fim que a de Caracas.

vizorio, para serem da Hespanha, se Hespanha se salva; ou para salvar-se, se ella succumbe. Ninguem pode reprovar hum passo em que se affiança o interesse da Nação Hespanhola, e se consulta ó bem, e segurança deste continente, que he ao que pode aspirar hum Governo justo, e liberal.

Vossa Excellencia sabe quam perigoza he a situação actual da Peninsula, e quam difficil a reconquista das suas Provincias; e ja se vê que não estaria nos termos da prudencia, nem na ordem dos interesses politicos da Nação influir na destruição dos Povos Americanos, somente para sustentar a authoridade de hum Governo vacillante. A Nação Senhor General, não está vinculada á Regencia. Bem pode esta desaparecer, e realizar-se a conquista da Peninsula; e com tudo a Nação Hespanhola sempre existirá neste hemispherio, se os seos povos unidos reconhecerem hum mesmo soberano, e se governados por huma Constituição sabia, e justa, adquirirem força necessaria para rezistir ás vistas ambiciozas de seos inimigos; mas se a divizão continua, sua perda he inevitavel. Montevideo, e Vossa Excellencia tem ja feito quanto a honra, e a virtude exige. Desde nossa pacificação com a Corte do Brazil, ficou essa Praça abandonada aos seos unicos recursos; o exercito Portuguez marcha para seu territorio: a melhor harmonia com S. A. R. o Principe Regente de Portugal forma huma das bases de nosso systema: são mui poucos os reforços militares, que o Governo de Hespanha pode enviar no meio das suas necessidades, e atencões: as armas da Patria occupaõ ja a Banda Oriental do Uruguay e estão promptas a seguir sua marcha: porque se hade pois recuzar huma reconciliação justa, a unidade dos dois povos, unico arbitrio que pode livrar tantas famílias benemeritas dos horrores, e estragos de huma guerra civil? Inda quando o valor de Vossa Excellencia, e o enthusiasmo desses nobres habitantes, consigaõ rechassar o assalto de nossas tropas, nada mais se teria conseguido do que destruir-mos reciprocamente, prolongar os males da discordia, comprometter cada vez mais a segurança, e existencia destes paizes, e fazer mais funesto o rancor, que tem produzido a conjuração intentada por alguns Hespanhoes nesta capital. Tudo clama por huma perfeita unidade, e o governo se lizongea de que Vossa Excellencia, como tão interessado na felicidade desse Povo, não desprezara hum arbitrio justificado pelas Leis da necessidade, fundado sobre os principios da utilidade publica, e proposto nas justas condições, que acompanhaõ esta insinuação. Montevideo terá no Congresso a representação de huma Provincia; respeitar-se-hão os empregos, e as propriedades; sera inviolavel a segurança de seos cidadaons: e se a Hespanha triumphar de seos

inimigos, o governo protesta entrega-la no mesmo estado debaixo da garantia da Gra-Bretanha.

Digne-se Vossa Excellencia fixar a consideração sobre o futuro, e aceitar este arbitrio, que o Governo lhe propoem, como tao interessante a ambos os Povos, para cujo fim envia este prego com o capitao D. Joze Maria de Echauri; e no caso de ser admittido por Vossa Excellencia o governo mandara seos deputados, sufficientemente authorizados, para sancționarem a convenção de hum modo solemne. Se o resultado corresponder á boa fé de suas intenções, sera inexplicavel seu prazer: se Vossa Excellencia rejeitar a proposição, juntará este novo sacrificio de seos respeitos aos que ja tem feito pelo interesse da humanidade; e acreditará com este novo testemunho a moderação de seu character, a sinceridade de suas intenções beneficás, e a efficacia de seos dezejós pelo socego e felicidade dos habitantes da America do Sul.

Deos guarde a Vossa Excellencia muitos annos. Buenos Ayres. 28 de Agosto de 1812—Feliciano Antonio Chiclana—Juan Martin de Pueyrredon—Bernardino Ribadavia—Nicolas Herrera, Secretario—Excellentissimo Senhor D. Gaspar de Vigodet.

CONDIÇÕES

Que o Governo revolucionario de Buenos Ayres se obrigava a observar *inviolavelmente* * relativamente a Montevideo, e suas dependencias, no caso que esta Praça se unisse a Buenos Ayres, e reconhecesse sua authoridade, como alguns outros povos.

1. Lançar-se-ha hum veo sobre os assumptos passados, e nenhum individuo podera ser julgado, ou perseguido por sua anterior opposição ao systema das Provincias unidas, qualquer que tenha sido sua resistencia.

2. Todos os habitantes conservarão seos bens, e direitos em sua integridade.

3. Todos os habitantes daquella dependencia gozarão da liberdade civil, segurança individual, e mais vantagens, como os outros cidadaons do Estado.

* Como se houvesse coiza alguma inviolavel para revolucionarios e Os Redactores.

4. Os empregados civiz, políticos, militares, e ecclesiasticos, gozaraõ a posse tranquilla de seos empregos.

5. O commercio será livre para fazer seu giro com todas as Naçoens do mesmo modo que o da capital.

6. Respeitarse-haõ todas as propriedades daquelles habitantes, e se restituirão as que tiverem sido sequestradas por disposições anteriores deste governo.

7. Montevideo terá como Prvincia sua representação nacional no Congresso, na constituição, e no governo que se estabelecer.

8. Todos os Hespanhoes expatriados por motivo da revolução, e conjuraçoens, serao restituidos á posse, e dominio de seos bens, e direitos, ficando sem effeito as providencias de precaução, e segurança, que o governo medita relativamente aos que se oppoem á liberdade do paiz.

9. Todos os militares, incluzos os Chefes da Praça, e os empregados que nella se achao desocupados gozaraõ seos soldos por intéiro, ate que haja occasiao de os empregar; ficando a seu arbitrio permanecer no paiz, ou regressar para Hespanha, ou para qualquer outra parte, e neste cazo serao transportados á custa do Estado, e tratados com a dignidade, e decoro correspondente.

10. Os navios de guerra ficaraõ em Montevideo, se os seos officiaes quizerem continuar seos serviços, e irao para onde lhes convier.

11. A Praça tera hum governador militar, e huma guarnição de 1500 veteranos.

12. O governo se obriga do modo mais solemne a restituir a Praça de Montevideo no estado em que lhe for entregue, logo que a Hespanha chegue a triunfar dos inimigos, que occupao quasi todo o seu territorio.

13. O governo se obriga ao cumprimento de todos os artigos desta convenção debaixo da g rantia do Embaixador da Gra-Bretanha junto da Corte do Brazil, como representante daquella Nação.

RESPOSTA

Ao General D. Gaspar Vigodet, Governador de Monte-
video.

As horriveis calamidades a que Vossa Excellencia tem
condemnado os povos das Provincias do Rio da Prata ex-

citão meos sentimentos, e commovem a humanidade: em suas maons está pór termo aos desastres, e acabar a guerra civil, que o furor das paixoens teñ accendido. Os interesses dos povos assim o exigem: mas Vossa Excellencia não devia tornar-se mais criminozo propondo-me huma tal convenção.

Reprova a honra suas propoziçoens absurdas; a justiça as condemna, e as detesta o character Hespanhol, que não sabe, sem envillicer se, permittir que se lhe proponhão traiçoens a seu Rey e á sua Nação. Vossa Excellencia conhece a dignidade do heroico Montevideo; conhece seos recursos, e deve temer o resultado de seos esforços: e se Vossa Excellencia tem confessado, que tem feito quanto a honra e a virtude exigem, devia saber tambem que a virtude e a honra devem ser inseparaveis de mim, e conduzir-me ao triumpho sobre a deshonna, e o crime do systema, que se tem empenhado em sustentar, com o sacrificio das preciosas vidas de seos irmaons.

A felicidade destas Provincias he o primeiro objecto do character de que estou revestido: a Nação decretou sua liberdade, e independencia em ambos os mundos, e sanccionou sua prosperidade. Reflecta Vossa Excellencia sobre a responsabilidade, que tem contrahido com seos povos, e calcule sobre os immensos bens de que os priva a pertinacia desse governo.

A sabia, e benefica constituição da Monarquia Hespanhola de que remetto a Vossa Excellencia seis exemplares, o convencera da injustiça com que declama contra as deliberaçoens do Congresso, e Regencia do Reino. Se Vossa Excellencia entrasse em seos deveres, e meditasse sobre a origem funesta das desditas, que he preciso evitar, para ser justo, então me acharia prompto para estreitar a união entre ambos os povos, do mesmo modo, que Montevideo está unido com toda a Nação. Decida-se Vossa Excellencia jurar a Constituição da Monarquia, e decidira desse modo a liberdade, e independencia da America do Sul.

Ja não he tempo de alucinar os desgraçados povos dessas Provincias com a ficção da perda de Hespanha. Ha dois annos, e meio que esse governo a suppoz perdida para se constituir; fazendo crer aos povos que ella não existia senão dominada pelos Francezes Vossa Excellencia, ainda que o occulta, sabe que a Nação Hespanhola existe, pela maior parte, li re, e com gloria, e que existirá triunfante apezar de todos os seos inimigos. A fidelidade do valorozo Montevideo, que tenho a honra de commandar, permanecera tambem eternamente, e as ameaças de Vossa Excel-

lencia o fazem mais immortal. Eu seria invencivel, se na carreira de meos dias não tivesse de combater outros inimigos mais, doque as tropas que Vossa Excellencia tanto decanta no officio de 28 de Agosto proximo passado.

Em obsequio da sociedade tenho accrescentado mais esta prova de moderação respondendo ao referido officio para indicar tambem minhas intençoens, e meos dezejões pelo socego, e felicidade dos habitantes destas Provincias. Deos guarde a Vossa Excellencia muitos annos.—Montevideo 4 de Septembro de 1812.—Gaspar Vigodet—Ao Excellentissimo Governo de Buenos Ayres.

OFFICIO

Do Governo revolucionario de Buenos Ayres ao
Excellentissimo Cabildo de Montevideo.

Excellentissimo Senhor,

Com o importante objecto de evitar a continuação dos males da guerra civil entre os povos de huma mesma Nação e dezejando este governo dar huma prova de suas intençoens pacificas, determinou propor a Vossa Excellencia o arbitrio de unidade, e conciliação, que incluye o officio que em data de hoje remette ao Excellentissimo Senhor Capitaõ General dessa Praça, e de que envia copia para instrucção de Vossa Excellencia. Baste ja de rivalidade; e suffocados os resentimentos particulares, renasça a paz, e a tranquillidade entre os irmaõs. Vossa Excellencia como Pai desse benemerito Povo conhece quanto importa apagar o fogo da discordia, para cortar seos fataes effeitos; e que individuos de huma mesma Nação se não vejaõ repentinamente privados de suas propriedades, e n'hum estado de nullidade politica. Crea Vossa Excellencia que este passo he filho da moderação, e da humanidade; e que se este governo se acha hoje em circumstancias de o propor; talvez a manhã não estará em seu arbitrio o aceita-lo. Digne-se Vossa Excellencia volver os olhos de Pai para tantas familias, e para tantos habitantes benemeritos, que talvez poderaõ ser victimas innocentes do rigor de huma opposição, e que afflictos com o pezo de huma situa-

ção desventurada, culparaõ seos Magistrados, que desprezãrão a occasião de os fazer felices. Nas maõs de Vossa Excellencia e em seu poderozo influxo fica o decidir da sorte desses nobres habitantes; e o Governo se lizongea do hum exito feliz sobre os sentimentos beneficòs de Vossa Excellencia. Deos guarde a Vossa Excellencia muitos annos. Buenos Ayres, 28 de Agosto, de 1812. Feliciano Antonio Chiclana, Juan Martin de Pueyrredon, Bernardino de Ribadavia, Nicolas Herrera, Secrétario.—Ao Excellentissimo Cabildo da cidade de Montevideo.

RESPOSTA

Do Excellentissimo Cabildo de Montevideo.

Excellentissimo Senhor.—O papel que Vossa Excellencia enviou a este Cabildo com data de 28 d'Agosto ultimo, junto com as copias autorizadas do officio remettido ao digno Chefe Superior das Provincias unidas do Rio da Prata, e artigos propostos para hum novo accommodamento entre este e esse Governo, no cazo de ambos os povos se unirem; tem cauzado nos Membros deste Ajuntamento a maior commoção de animos, que se pode imaginar. A justa indignação se apoderou de todos elles; e impellidos pela honra, e nobre enthusiasmo, que caracteriza este valente, e generozo Povo, declamãrão unanimes contra os embustes, e seductoras frases, com que Vossa Excellencia pertende agora persuadir os vehementes dezejos, que tem de evitar os desastres, e desgraças da guerra civil; quando esse, e o anterior Governo, só tem dirigido suas deliberaçoens antipolíticas pelos detestaveis principios do rancor, da rivalidade, e do despotismo, sacrificando victimas innocentes ao prazer de seu furor, de suas paixoens, de seos interesses, e engrandecimentos particulares. São infinitos os exemplos, e os dezenganos que Vossa Excellencia tem dado ao universo, para que podesse agora ser considerado com ideas pacificas, e serio animo de reconciliação: das mesmas expressoens, com que Vossa Excellencia tem querido dourar o veneno de suas intempestivas, e irritantes proposiçoens, se conhece o systema de hum Governo, que aspira a propagar o devorador fogo da discordia, e a estender seu yacillante poder.

He verdade que são incalculaveis os males da guerra que Vossa Excellencia tem feito, e faz aos povos livres, que não querem sujeitar-se a seu capricho, e criminoso partido: he certo que os individuos de huma mesma familia podem ver-se privados de seus bens, e em estado de huma absoluta nullidade politica; he porem evidente, que Vossa Excellencia he o unico responsavel perante Deos, perante os homens, e a face da Lei, do sangue que se derrama, e dos infortunios, que affligem a humanidade destes formozos paizes, theatro da paz, e da concordia entre os Hespanhoes de ambos os mundos, em quanto não appareceo a venenosa hydra da rebelliao mais inaudita, e immoral, que os ingratos filhos da nossa Hespanha tem fomentado.

Se Vossa Excellencia realmente pretende que cessem os rigores da guerra civil, penetre-se da sagrada opiniao que segue, e obstinadamente seguira este povo ate reduzir-se a cinzas: conduza-se com a linguagem da pureza, e simplicidade, e não uze de artificios, e ameaças, que servem só para melhor conhecer o seu character, e para amedrontar espiritos debeis, differentes dos fortes que existem dentro dos muros desta Praça. Desangane-se Vossa Excellencia; saia de seu erro; e tenha entendido que este Cabildo, ainda que Pai amorozo, e terno dos benemeritos habitantes que Montevideo encerra, não hade influir, nem hade permittir de modo algum, que se manchem as glorias, que tem adquirido, as honras, e preeminencias com que se tem coroado para conter os esforços da actual revolucao.

Se Vossa Excellencia quer apartar de si a nota de pertinaz, e entrar no caminho de conciliar a quietacao, e prosperidade destas provincias; reconheça as authoridades legitimas, e soberanas da Nação; jure a Constituição politica da Monarquia, que ja esta sanccionada; e chame a seu seio o Chefe que deve reger, e governar o Reino: de outro modo são escuzadas contestaçoens, e reiterar propostas insultantes ao decoro deste Povo, e da Nação Hespanhola, que triunfante, e glorioza, quando Vossa Excellencia a denuncia, e pinta como agonizante e exanime, existe, e existira apesar, e despeito de seus cruéis inimigos.

A constancia, e fidelidade deste Povo não tem superior; e esta corporação, orgão de sua decidida vontade, e dos que a compoem, conclue dizendo a Vossa Excellencia que se compadece de seu estado, e que vê com total desprezo o tom insultante com que se tem portado. Deos guarde a Vossa Excellencia muitos annos. Sala Capitular de Montevideo, 4 de Setembro de 1812. Cristobal Salvanac—Francisco de las Carreras—Carlos Camuzo—Joze Manoel de

Ortega—Juan Vidal, y Batalla—Feliz Sacuz—Antonio Agello—Juan Antonio Fernandez de la Cierra—Ignacio Muxica—Manuel Vicente Gutierrez—Excellentissimo Governo de Buenos Ayres.

OFFICIO.

Do Excellentissimo Lord Straungford, ao Governo de Buenos Ayres.

Excellentissimo Senhor.—Posso distinctamente e em nome, e por ordem da minha Corte desmentir da maneira a mais authentica a correspondencia do Capitao Fleming do Navio Estandarte, que foi publicada na Gazeta de Buenos Ayres de 3 de Janeiro deste anno; assegurando a Vossa Excellencia que aquelle official nao tinha direito algum de fazer semelhantes declaraçoens, nem de entrar em taes materias, tendo unicamente sido mandado para a costa oriental desse Continente para levar á Europa os cabedaes, que se quizessem transmittir, tanto por conta do Governo, como dos particulares.

Lizongeando-me que Vossa Excellencia saberá apreçar a franqueza e candura que dicta esta communicação, aproveito esta opportunidade para renovar a Vossa Excellencia meos sentimentos da mais alta consideração, e respeito. Deos guarde a Vossa Excellencia muitos annos. Rio de Janeiro 13 de Septembro de 1812. Excellentissimo Senhor Straungford. Excellentissimo Senhor do Governo Superior das Provincias do Rio da Prata.

OFFICIO

Do General Belgrano ao Governo de Buenos Ayres.

Excellentissimo Senhor.—A Patria pode gloriar-se da completa victoria que obtiverão suas armas a 24 do Corrente, dia de N. Senhora das Mercês, debaixo de cujo pro-

tecção nos pozemos : 7 canhoens, 3 bandeiras, e hum estandarte, 50 officiaes, 4 capellaens, 2 curas, 600 prizioneiros, 400 mortos, as muniçoens de artilharia e de espingarda, todas as bagagens, e ainda a maior parte de suas equipagens, saõ o resultado desta victoria. Desde o ultimo individuo do exercito ate o de maior graduacão, se comportárao com a maior honra, e valor. Mandeí perseguir o inimigo, cujos restos vao em precipitada fugida: darei a Vossa Excellencia huma parte por miudo, logo que as circumstancias me permittão.

Deos guarde a Vossa Excellencia muitos annos. Tucuman
26 de Septembro, de 1812.

NOVA REVOLUÇÃO EM BUENOS AYRES.

No dia 8 de Outubro ultimo se juntároa na Sala Capital de Buenos Ayres os Membros do Cabildo, Justiça, e regimen municipal, e suspenderaõ a assemblea que tinha sido congregada a 6 do mesmo mez, ordenando que ficassem sem effeito suas resoluçoens, e que se procedesse á eleiçãõ de novos individuos que deviaõ constituir o Governo provizorio, a qual reachio nas pessoas do Dr. D. Juan Jose de Pasio, Dr. Nicolas de la Pena, e Dr. D. Antonio Alvarez de Ponte.* Eis aqui os motivos desta nova revoluçãõ.

“ Por quanto, tendo-se inteirado de huma representaçãõ
“ que a este Excellentissimo Cabildo tem feito huma grande
“ parte do Povo protegido por toda a força armada da Capital, na qual mostrando-se resentidas todas as classes do
“ estado das publicas infracçoens dos artigos do Estatuto
“ Provizional de 23 de Novembro de 1811, e do Regulamento
“ de 19 de Fevereiro de 1812, havendo-se procedido de hum
“ modo illegal, e escandalozo† as eleiçoens dos vogaes para
“ o Governo, excluindo os representantes de Salta e de
“ Jujui, e frustrando e suffragio do deputado Suprente de
“ Tucuman, dando por impedido sem cauza o de Mendoza,
“ uzando os governantes de seducçãõ, e d'intriga para ganhar os votos na Assembleia a favor da facçãõ, com outros

* Os quaes faraõ o mesmo que os seos antecessores, e teraõ em breve a mesma sorte, ou talvez peor.—Os Redactores.

† He marcha inalteravel de todos os revolucionarios.—Os Redactores.

“ factos de naõ menor gravidade, que se expressavaõ,
“ pedião todos os assignados, que immediatamente se sus-
“ pendesse a dita assemblea, e cessassem em suas funçoens
“ os individuos depositarios do poder executivo, reassumindo
“ o Ajuntamento a authority, que lhe delegou o Povo
“ congregado a 22 de Maio de 1810, e creando desde logo
“ hum Poder executivo das pessoas mais dignas do suffra-
“ gio publico, ligado precizamente á indispensavel convoca-
“ ção de huma Assembleia geral, que decida dos grandes
“ negocios, &c. &c. &c.”

EUROPA.

SUECIA.

Os nossos leitores se lembraraõ que nos fomos os primeiros Jornalistas em Inglaterra que em Janeiro de 1812 sustentamos, que o Principe Real de Suecia, Bernadotte, naõ estava nos interesses de Bonaparte. Felismente para a liberdade da Europa, tudo o que entaõ sustentamos, e predicemos depois, se tem verificado.

Parece indubitavel que está concluido o Tratado offensivo, e defensivo entre a Suecia e a Inglaterra, e que o General Hope foi a portador delle. Em quanto o naõ podemos apresentar aos nossos leitores, vamos transcrever as seguintes, e importantes peças officiaes: e talvez que ainda neste mesmo No. passamos annunciar o desembarque de huma divisãõ de 7000 homens do Exercito Sueco em Colberg.

PEÇAS OFFICIAES

Juntas á Conta dada a S. M. El Rey de Suecia por seu Ministro de Estado, e dos Negocios Estrangeiros a 7 de Janeiro de 1813, a qual transcrevemos em nosso No. XXI. pag. 80.

No. I.

Extracto de hum Despacho do Baraõ de Lagerbjelke, Ministro de Suecia em Paris, dirigido ao Rey com data de 26 de Outubro de 1810.

Apezar de todos os obsequios pessoas de que eu acabava de ser objecto, tinha-me sido facil prever que eu devia preparar-me para huma scena pouco agradavel. A natureza das minhas conferencias com o Duque de Cadore, a precipitada partida de M. de Czernincheff, a catastrophe de que a Suissa se tinha visto ameaçada por cauza de negocios commerciaes,

as vantagens obtidas em Portugal, das quaes indubitavelmente se queria aproveitar para abater os Inglezes em todos os pontos ao mesmo tempo—todas estas circumstancias juntas me tinham bastantemente feito prever qual seria o objecto da audiencia: confesso porem que eu não esperava huma explozão tao violenta. Eu nunca tinha visto o Imperador incolorizado; e desta vez elle o estava a tal ponto, que excede toda a imaginação.

Eu fui introduzido pouco depois das nove horas da manham. Achei o Duque de Cadore com o Imperador, e a presença deste terceiro me fez logo julgar, que era chamado para ouvir huma declaração official, cuja discussão porem, me não seria permittida. Com tudo nem por isso fiquei menos resolutos a responder todas as vezes que a occasião mo permittisse.

Não me he possivel dar conta a V. M. de tudo o que o Imperador disse durante tres quartos de hora pelo menos; porque sua agitação era tao forte, seu discurso tao inter-cortado, suas repetições tao frequentes, que era nimamente difficil classificar tudo na memoria. Eu comecei pela apresentação da Carta de V. M. Sabeis vos, disse o Imperador, qual he o objecto desta carta? Eu lho declarei, ajuntando hum cumprimento. O Imperador sem responder a isso continuou. (Cada prosequimento do discurso do Imperador fara sufficientemente conhecer a V. M. a natureza das curtas respostas, que eu procurei pôr nos intervallos) Ah! M! Barão quando se acabará de crer em Suecia que eu não sou mais do que hum estúpido? Julga se lá que eu posso acomodar-me com este estado mixto, ou mistico? Oh! nada de sentimentos! Effeitos he que servem de provas em Politica. Vejamos estes effeitos. Vos assignastes a paz comigo no principio do anno; obrigaste-vos a cortar toda a communicação com a Inglaterra: vos conservastes hum Ministro em Londres, hum agente Inglez em Suecia ate muito pelo verão adiante; vos não interrompestes a communicação ostensivel por Gothemburgo, senão mais tarde ainda; e que rezultou dahi? Que a correspondencia permaneceu a mesma, nem mais, nem menos activa.—Ah! não se trata de huma communicação estabelecida por a qui, e por ali; ella he regular, ella he mui consideravel. Vos tendes navios em todos os portos da Inglaterra.—Na verdade, sal, carrega-se sal no Tamisa? Navios de commercio Inglez cercao Gothemburgo. Que bella prova, dizer que elles não entrao ali! trocao-se as mercadorias em alto mar, ou perto das costas. Vossas pequenas ilhas serviraõ de armazens durante o inverno. Vossos navios transportaõ abertamente generos coloniaes para Allemanha, doze dos quaes fiz apprehender em Rostock. He possivel, que se possa affectar desta maneira que se não

entende o primeiro principio do systema continental?— Muito embora! Vos não approvais isso em vossa nota: não he della que eu me queixo, he do facto. Eu não dormi huma só hora esta nocte, por cauza dos vossos negocios; poder-se-hia deixar-me repozar em paz; eu tinha precisaõ della. Ainda mais: he conveniente essa restituicão dos prizioneiros Inglezes, que com tanta imprudencia tinhão attentado contra a dignidade do Rey, e violado seu territorio? Restituídos sem alguma satisfacão. Não he assim M. de Cadore? (O Ministro, todo tremulo, não deixou de responder affirmativamente, bem como a algumas outras perguntas semelhantes). Outra violacão do direito territorial; a captura de hum corsario Francez no interior do porto de Stralsund: mas nenhuma restituicão se me fez*; essas pequenas attentõens são só para seos amigos. Pois bem: ficai com os Inglezes! A julgar pelo mal que me tendes feito este anno, nunca vos fostes mais amigos dos Inglezes do que neste momento—Oh, oh, sois vos que o dizeis! sois vos que me asseguraes que a Suecia prefere ficar comigo; mas provas, torno a dizer-vos, provas!—Seja: vosso estado, ao sahir de huma guerra desastrada, reclamava contemplaçoens. Ora bem; eu as tive, á minha custa, como hum estúpido. Vos, vos mesmo, me tendes enganado. Vos tendes tido a destreza de ganhar a ma estacão; vos tendes tido tempo de arranjar vossos interesses com a Inglaterra; e se algum ainda existe contra á fé dos tratados he por ventura justo, que appena disso recaia sobre mim? Vos tendes tido tempo de vos pôr em estado de defenza; vos tendes ainda o inverno diante de vos. Logo, que arriscaes vos? — Sim, o commercio de exportacão, he o grande argumento: onde está pois essa bandeira neutra? Já não ha neutros: a Inglaterra não os reconhece; eu não posso pois reconhecer los — O Sal, sim o sal! acha-se meio de ter o que he necessario. Que fizestes vos quando em 1801 estaveis em aberta desavença com a Inglaterra?—Soffrer? Julgaes vos que eu mesmo não soffro? Que a França, que Bordeaux, que a Hollanda, que a Allemanha não soffrem? Mas eis ali precizamente a razã, porque he preciso acabar com isto. A paz maritima a todo o custo! (Aqui o Imperador animou-se terrivelmente). Sim a Suecia he a cauza unica da crise, que eu experimento. A Suecia tem-me feito maior mal, do que as cinco coalicoens juntas. Mas hoje restituída ás suas communicacoens com o resto da Europa, aproveita-se dellas para fazer o commercio da Inglaterra—Ah, Mr, tempo, sempre tempo; muito tenho eu

* O commercio de Stralsund pagou, por ordem do Rey o valor do Corsario, que foi tomado em consequencia da sua propria imprudencia.

perdido! Era-vos preciso tempo, dizeis vos para entrar em o novo systema, sem demasiados sacrificios; era-me tambem preciso tempo, acrescentais vos, para fazer bem á Suecia. Ora pois, não lhe tenho eu feito bem algum? Ouvi: quando vos escolhestes o Principe de Pontecorvo, não arrisquei eu coiza alguma, permittindo-lhe que aceitasse? Não estive eu a ponto de me desavir com a Russia? Não se julgou, e não se julga talvez ainda, que vos da vossa parte, os Saxoens, e os Polacos da outra, sustentados por mim, se armariaõ para reconquistar as provincias perdidas? Neste mesmo momento não se achaõ muito electrizadas as cabeças em Polonia? Que fiz eu entãõ? Deixei dizer, e pensar; deixei circular rumores que podiaõ desligar a Russia do meu systema: e somente agora, depois de desenganado de mais em mais da politica Sueca, he que julgei que devia tomar hum partido. Não vo-lo encobrirei; eu acabo de enviar Mr. de Czernicheff para a Russia: communiquei-lhe a declaração, que hoje vos faço: instei fortemente com o Imperador para que da sua parte fizesse o mesmo. Escolhei! Ou tiros de canhaõ sobre os Ingleses, que se aproximarem as vossas costas, e confiscação de suas mercadorias em Suecia, ou guerra com a França! Eu não posso fazer-vos grande mal: eu occuparei a Pomerania, do que pouco se vos dara: mas eu posso fazer vos attacar pelos Russos e pelos Dinamarquezes: eu posso confiscar todos os vossos navios no Continente; e eu o farei, se, em 15 dias, vos não pozerdes em estado de guerra com a Inglaterra.—Sim, vos tendes razaõ: he preciso contar a ida, e volta do correio, e alguma coiza mais. Pois bem; Mr. de Cadore ordeno-vos que façaes immediatamente partir hum correio: M. Baraõ fazei outro tanto. Se, cinco dias depois que Mr. Alquier apresentar a nota official, o Rey se não tiver decidido pela guerra contra a Inglaterra, Mr. Alquier, sabira immediatamente da Suecia; e a Suecia tera a guerra com a França, e com todos os seos alliados.—Sim he justo; eu não tenho positivamente exigido o estado de guerra antes deste momento: mas eu sou agora forçado a exigilo por todos os meios imaginaveis. A Suecia provou ja, que ella não pode permanecer n'hum estado mixto com a Inglaterra, sem fazer o maior mal ao Continente: as coizas tomaraõ depois hum desenvolvimento geral, que exige huma perfeita igualdade de medidas; ou entãõ hum aberto estado de hostilidades. Vede o que todas as mais Naçoens julgáraõ que deviaõ fazer. A Russia, mais forte que as outras, não obteve a paz comigo, sem a condiçãõ de declarar immediatamente a guerra á Inglaterra. A Austria, potencia da primeira ordem, se a França não existisse, tomou francamente seu par-

tido. Eu fui mui longo tempo illudido pela Prussia, bem como por vos. Ella acaba em fim de reconhecer pela catastrophe da Hollanda, que era preciso rezolver-se: ella adoptou francamente o estado de guerra. A Dinamarca, ha longo tempo que o fez. Mas com que titulo posso eu exigir deste paiz, o que eu não posso obter da Suecia? Ah! digo eu muitas vezes a mim mesmo; quem sabe, se estarei sempre bem com a Russia? Quem pode conhecer a serie dos acontecimentos? Não virá talvez hum dia em que seja para mim do maior interesse ter em o Norte huma Potencia amiga, forte pelos seus proprios meios, bem como com a minha alliança? Mas pensa-se actualmente em Suecia, que eu poderia, em favor do novo Principe Real, afroixar alguma coiza em meos principios invariaveis? Pelo contrario; a crise politica em que me tenho posto por amor della, me fornece hum titulo mais. Com tudo a Suecia deve huma grande obrigação á pessoa do Principe Real; porque sem esta escolha (de nenhuma sorte influida por mim), ha dois mezes, que eu teria dado o passo a que hoje me vejo forçado. Eu me arrependo agora da demora, que, vista a estação, vos tem sido tão proveitoza; não porque eu sinta, e lastime o bem que vos tem podido dahi rezultar, mas porque vos metendes nimiamente mal tratado. Ha longo tempo que o officio, que vos devia ser enviado, se acha prompto nas secretarias de M. Cadore (reverencia affirmativa do Ministro); mas eu queria esperar que o Principe Real, que está sciente do meu modo de pensar, chegasse a Suecia(*). Não foi possivel. Ja vos disse que eu estava a ponto de me desavir com a Russia; eu fazia pensar a toda a Europa, que neste momento decizivo meu systema podia ser susceptivel de modificaçoens. Por outra lado, chegavaõ-me novas queixas de todas as partes contra a Suecia:—Ah! eu sei o que tendes que dizer-me; eu li tudo o que escrevestes. Seja assim; he possível que tenha havido exageraçõens nas queixas; mas resta assim mesmo muita coiza verdadeira. Eu dezejaria que tivesséis huma cauza melhor para defender. Ah não! a situação do Principe Real não se tornará tão difficil: elle não tem o embaraço da *iniciativa*. Mas, tem-se pensado em Suecia que era possivel, sem resentimento da minha parte, servir a cauza da Inglaterra, porque eu amo, e estimo o Principe Real? Eu amo, e estimo o Rey de Hollanda; elle he meu irmaõ; e com tudo eu estou ainda em dissensão

* O Imperador tinha promettido ao Principe Real de nada exigir da Suecia antes do mes de Maio de 1811; e o Principe Real lhe assegurou, que passado aquelle prazo a Suecia desenvolveria sua politica, e seria francamente *pro ou contra* o systema continental, segundo seus interesses o exigissem.

com elle : eu tenho feito calar a voz do sangue para escutar a do interesse geral. Se vos estivesseis em minhas fronteiras, eu seria forçado, com pena, a praticar com vosco o que acabo de fazer para com a Suissa; eu fiz marchar tropas; o Governo confiscou as mercadorias Inglezas. Em summa. Arrange a Suecia as coizas como entender; eu conheço que não posso obriga-la. Siga francamente o partido da Inglaterra contra mim, e meos alliados, se vai nisso o seu interesse, alias que se una comigo contra a Inglaterra. Mas o tempo de duvidas acabou. Findos os cinco dias, Mr. Alquier parte, e eu vos darei os vossos passaportes. Vos tendes dito o que devais dizer: mas eu não posso deixar de vos fazer sahir de meos Estados. Guerra aberta, ou amizade constante: eis aqui as minhas ultimas palavras, a minha ultima declaração. A Deos. Estimarei tornar a vere vos de baixo de meliores auspicios.

O Imperador deixou-me, sem querer mais ouvir-me. Saindo donde o Imperador estava, não vi pessoa alguma no outro quarto, nem mesmo os officiaes do Serviço. Eu não sei o que tinha dado lugar a esta extraordinaria circumstancia, se era huma ordem, ou antes a espontanea descripção dos funcionarios; porque o Imperador tinha tao repetidas vezes alçado a voz com tal força, que era impossivel não o ouvir no quarto vizinho.

Eu tive depois huma conferencia com o Duque de Cadore, finda a qual parti para Paris. Ella não foi mais do que huma repetição do que se tinha passado na presença do Imperador, para que meu despacho para V. M., e o do Ministro para o Barão Alquier se ajustassem o mais possibile. Dito o essencial, eu testemunhei com tudo ao Duque de Cadore quanto era sensivel á maneira dura, e violenta que o Imperador tinha empregado em suas propostas. O Ministro fez valer o mais que pode a satisfação, que eu tinha tido (me dizia elle) de adoçar a vivacidade do Imperador, sobre tudo no fim, e realçou muito as passagens que exprimiao algum interesse; ou que davao algumas esperanças para o futuro. Deo-me hum passaporte de correio prompto com anticipação. Prometteo-me de não expedir seu correio de Fontainebleau senão no tempo em que eu, pouco mais ou menos, enviaria o meu do Paris, quer dizer, hoje de tarde, para que este podesse tomar alguma dianteira. Assegurou-me que Mr. Alquier teria dois dias para arranjar a sua nota, alem dos cinco que formavao o termo prescripto. Elle insistio muito no facto (que me rogou fizesse valer muito) que a eleição de *Monseigneur* o Principe Real, longe de ter provocado a conducta actual do Imperador, a tinha retardado alguns mezes; e por isso tinha dado á Suecia huma demora

duplicadamente importante por cauza da estação. Acrescentou mesmo, que a resolução do Imperador em dar este passo, durante que o Principe estava em viagem, em parte tinha por fim a attenção de o não *despopularizar* innocentemente.

No. II.

Nota do Ministro de França, Barão Alquier, ao Ministro de Estado, Barão de Engestrom, datada de Stockolmo, a 13 de Novembro de 1810.

SENHOR BARÃO.

Muitas vezes tenho predicto a Vossa Excellencia, que a interpretação evidentemente falsa, dada pela Suecia a seos ajustes com a França, havia de produzir algum acontecimento grave, e importante. Eu não perderei, Senhor Barão, em recordar explicaçoens de hoje em diante inuteis, o pouco tempo, que me he permittido para expôr as propoziçoens, que estou encarregado de fazer á vossa Corte.

Sua Magestade o Imperador, e Rey está informado, que em contravenção ao tratado de Pariz, continua a fazer-se o mais activo commercio entre a Suecia, e a Inglaterra: que existe huma correspondencia regular entre os dois paizes; que vão e vem regularmente paquetes de Inglaterra, e de Escossia para Gothemburgo; que partem dos portos Suecos, não alguns navios com hum destino fingido; mas immensos convoys dirigidos abertamente para Inglaterra. Indagaçoens incontestaveis tem provado que desde 20 ate 22 de Setembro, mais de 1,500 navios com carregaçoens Inglezas, destinadas para o Baltico, e mar do Norte, se achavao na bahia de Gothemburgo, e que o Ministerio Sueco, não se limitando a fechar os olhos a respeito deste estado de coizas, dava permissoens de commerciar directamente com a Inglaterra. S. M. o Imperador e Rey não somente se julga offendido por huma violação tao manifesta do tratado de Paris; mas vê nella, com hum profundo, e legitimo resentimento, huma das cauzas, que, embaraçando a conclusão da paz com a Inglaterra, agrava, e prolonga as desgraças da Europa.

Se o Governo Britanico não repouzasse com segurança sobre a funesta condescendencia da Suecia, os navios Inglezes, que neste anno tem penetrado em tao grande numero no Baltico, não teriao ali entrado, porque nenhum azilo se lhes teria aberto; mas elles estavao seguros de encontrar

nas praias Suecas hum acolhimento amigavel. Ali se lhes fornecia agua, viveres, madeira. Ali podião elles esperar, e aproveitar a propozito o momento de introduzir seos generos no Continente; e esta importação era por toda a parte favorecida. S. M. o Imperador deve á sua dignidade não soffrer por mais tempo huma infracção tao manifesta de hum tratado, no qual, escutando somente seos sentimentos de estima, e affeição para com o Rey, se tem mostrado tao generoso para com a Nação Sueca.

Hé constante, Senhor, que a Suecia por suas relações commerciaes com os Inglezes, torna inuteis os sacrificios, e esforços do Continente, que em sua pretendida neutralidade ella he a mais util alliada que o Governo Britanico jamais teve; e que desta sorte se constitue a inimiga das Potencias Continentaes, depois de ter adherido a seos principios. Mas quando a França, a Russia, a Austria, a Prussia, e todos os outros paizes da Allemanha, soffrem e se sujeitão a privações penozas para comprar a paz, não se deve esperar, nem consentir que a Suecia possa achar mais longo tempo, na violação de suas promessas o meio de assegurar tranquillamente sua prosperidade, e de adquirir immensas riquezas. S. M. o Imperador, e Rey meu Amo, dézejando mudar huma ordem de coizas tao opposta ao systema adoptado por quasi toda a Europa, me tem formalmente encarregado de fazer as mais vivas instancias a S. M. Sueca para que declare a guerra á Inglaterra, ordene a apreensão dos navios Inglezes em todos os seos portos, bem como o confisco dos generos, e mercadorias Inglezes, ou colonias em qualquer parte que se acharem, e debaixo de qualquer bandeira, que fossem importadas, contra o theor do tratado, e posterior declaração do Rey, que prohibio o commercio Inglez em seos Estados. Eu devo declarar mais a Vossa Excellencia, que S. M. I. e R. dá tal importancia ás propozicoens que eu acabo de enunciar, que ella me ordena expressamente, no cazo que o Rey não julgue a propozito de annuir a ellas plenamente e sem restricção, que me retire sem me despedir, cinco dias depois da data da nota, que tenho a honra de dirigir a Vossa Excellencia.

Eu vos peço, &c.

ALQUIER.

No. III.

Reposta do Ministro de Estado ao Barão Alquier datada de Stockolmo, a 18 de Novembro, de 1810.

Eu puz na presença do Rey a Carta que vos houvestes por bem dirigir-me em data de 13 deste mez; e por ordem expressa de S. M. he que eu tenho a honra de vos dar a resposta seguinte.

Que o Rey costumado a pre-encher com exactidão todas as obrigaçoens que tem contrahido, tem procedido para com a França com a sua lealdade ordinaria. Elle nao se permitio explicar o tratado de Paris: Elle quiz que fosse observado por seos vassallos segundo o seu theor literal. O tratado foi publicado para lhes servir de regra. Nao se deo permissao alguma especial, como parece que vos acreditaes.

O Governo Sueco fez cessar toda a communicacao com a Inglaterra. As secretarias de postas na Suecia nao recebem carta alguma vinda daquelle paiz, nem as expedem.

Nao entra Paquete algum nos portos de Suecia que se achem debaixo da sua vigilancia. He todavia mui possivel, que possaõ ter tido lugar algumas communicaoens por fraude, e consequentemente sem o Governo o saber. As costas da Suecia saõ de huma tao grande extensao, que impossivel he guarda-las. He preciso crer que outros paizes se achao no mesmo cazo; porque, nos vemos todos os dias nas gazetas noticias de Inglaterra vindas por França; e ja antes da paz de Paris chegarao a Suecia cartas Inglezas pela Allemanha.

Por certo que nao tem sahido de Suecia para Inglaterra immensos convoys. O que vos chamais ancoradoiro de Gothemburgo he apparentemente Vingo Sand, distante de Gothemburgo 8 leguas francezas, e 6 do continente de Suecia; e por consequente muito fora do alcance de canhao. Juntaõ se ali os convoys porque nao podem ali ser molestados. Os 1500 navios, e mais, que se devem ter achado em Vingo, para onde foraõ? Para os portos da Suecia seguramente nao. Se elles nao saõ confiscados pelos nossos vizinhos, he preciso acreditar como verdadeiras as relacoens, que annunciao, fraudes immensas commettidas mesmo por aquelles, que as attribuem a nos, com a intencao de nos prejudicar.

Basta lancar os olhos sobre a carta da Suecia para se persuadir da impossibilidade de guardar em todos os pontos costas tao vastas, cheias de portos, e guarnecidas de immensa quantidade de ilhas, proprias todas para desembarques. Se acazo se chega a pòr huma dellas em estado de

defensa, os Inglezes se apoderao de outra, e tudo o que se pode fazer he em pura perda nossa. O anno passado todo o poder do Imperio Russo nao pôde affastar os Inglezes de Nargon, ilha situada na entrada do porto de Revel, diante da qual huma parte da frota Ingleza estava estacionada. Nao tem havido condescendencia alguma da parte do Governo Sueco. Elle tem-se visto obrigado a soffrer o que lhe nao tem sido possivel impedir, e nao tendo os meios pecuniarios necessarios, nem as sufficientes forças navaes para repellir os Inglezes. Elles estavam senhores do mar. *Se dela esperavaõ e aproveitavaõ o momento de introduzir seos generos no Continente*, a Suecia nao podia embarca-los: e se esta importação era por toda aparte favorecida, nao he á Suecia, mas sem ás Potencias Continentaes, que se deve imputar a culpa.

Vos me fallaes, senhor, de immensas riquezas accumuladas em Suecia por meio do Commercio; e com tudo vos nao podeis ignorar, que a dinheiro de Suecia perde 80 por cento contra o de Hamburgo, e mais ainda contra o de França: e sendo o curso do cambio a unica escala pela qual se possa julgar do ganho que faz o Commercio de hum paiz, eu deixo a vos mesmo, senhor, o determinar as vantagens, que a Suecia tem tirado do seu.

S. M. o Imperador dos Francezes, e Rey de Italia tendo agora julgado a propozito fazer novas propozicoens, que dem maior extensao aos tratados existentes entre a Suecia, e a França; e nao escutando El Rey meu Amo nesta occaziao, outra coiza mais, doque seos invariaveis sentimentos de estima, e de amizade para com S. M. I. e R., decidio-se a dar huma nova garantia de suas intencoes, e dos principios que o dirigem.

S. M. ordenou-me em consequencia que vos annunciasse, Senhor, que ella declara guerra á Inglaterra: que ordena a apreheensao dos navios Inglezes, que se acharem, contra toda a esperanca, nos portos de Suecia: que para nao dar lugar a alguma imputacao ulterior relativamente a huma connivencia secreta com a Gran Bretanha, ou a huma introducção seguida, e fraudulenta de generos Coloniaes no Continente, o Rey fara renovar, da maneira a mais severa, a prohibicao ja existente contra a introducção em Suecia de generos, ou mercadorias Inglezas; prohibira sem restricção, toda a importação de generos, ou mercadorias coloniaes, qualquer que seja sua origem, ou bandeira debaixo de que tenhaõ sido importadas; e nao permittira mais, de hoje em diante, e sem a menor restricção, alguma exportação de Suecia para o Continente, de generos, ou mercadorias Inglezas, ou coloniaes. Demais; S. M. dara as necessarias ordens para que a totalidade dos generos, ou mercadorias Inglezas, ou Coloniaes,

importadas para Suecia, debaixo de qualquer bandeira que seja, posteriormente ao dia 24 de Abril do prezente anno, seja verificada por meio de exames, e posta á disposiçaõ legal do Rey.

Resolvendo-se a taes sacrificios, cuja grandeza a experiencia provará, o Rey tem principalmente em vista, assim sua amizade constante para com S. M. o Imperador dos Francezes, como seu dezejo de contribuir tambem, da sua parte, para o feliz resultado do grande principio, que se acaba de allegar contra a Suecia relativamente á paz maritima. Reunindo seos esforços aos do Continente, para accelear esta epoca tao bem fazeja para a humanidade, he somente que S. M. podera justificar em parte aos olhos de seos vassallos, as perdas immensas a que as circunstancias os vaõ expor, e provar á Europa que não tem dependido de S. M. o ver neste momento reinar a paz sobre os mares, e restitudo o commercio á sua independencia primitiva.

He com os Sentimentos, &c.

Barão de ENGSTRÖM.

Continuar-se-hao.

FRANCA.

CONTA

Sobre a situação do Imperio, apresentada ao corpo Legislativo na Sessão de 23 de Fevereiro de 1813, por Sua Excellencia o Conde de Montalivet, Ministro do Interior.

SENHORES,

Ordenou-me Sua Magestade que vos fizesse conhecer a situação interna do Imperio nos annos de 1811 e 1812.

Vos vereis com satisfação, que apesar dos grandes exercitos, que o estado de guerra maritima, e continental obriga a ter em pé, a *população continua a crescer*; que nossa industria tem feito novos progressos; que jamais as terras foraõ mais bem cultivadas, e as manufacturas mais florentes; que em nenhuma epoca da nossa historia tem a riqueza estado mais diffundida nas diversas classes da sociedade.*

O simples cultivador conhece hoje fruiçãoens, que ate o presente lhe eraõ estranhas: elle compra pelo mais alto preço as terras que lhe convem: seos vestidos são melhores, seu nutrimento he mais abundante, e mais substancial: elle reedifica suas cazas mais commodas e mais solidas.

Os novos processos na Agricultura, na industria, nas artes uteis, não são rejeitados, por isso mesmo que são novos. Fazem-se por toda a parte ensaios, e o que a experiencia demonstra ser preferivel, he utilmente substituido, as antigas rotinas. Tem-se multiplicado os prados artificiaes; abandona-se o systema de alqueivar, e novas culturas augmentaõ o producto de nossas terras; multiplicaõ-se os gados; melhoraõ se as raças; simpleses lavradores tem adquirido os meios de obter por altos preços carneiros de raça Hespanhola, e garanhoens de nossas melhores especies de cavallos: esclare-

* Não he possivel mentir com mais impudencia! Os nossos leitores nos dispensaraõ pois de fazer commentario algum sobre hum aggregado de imposturas taes, que nem o mais encarniçado amigo de Bonaparte pode acreditar.

cidos sobre seos verdadeiros interesses, não hesitaõ a fazer estas uteis compras: desta sorte as necessidades de nossas manufacturas, de nossa agricultura e de nossos exercitos, diariamente se acautelaõ, e seguraõ.

Este grão de prosperidade he devido ás leis liberaes que regem este grande Imperio, á suppressão do feudalismo, dos dizimos, das maons-mortas, das ordens monasticas, suppressão, que tem constituido, ou resgatado esse grande numero de propriedades particulares, hoje o patrimonio livre de huma multidaõ de familias n'outro tempo proletarias; elle he dividido a igualdade das partilhas, á clareza, e simplicidade das leis sobre a propriedade, e sobre as hypothecas: á promptidaõ com que são julgados os processos, cujo numero diariamente decresce; a estas mesmas cauzas, e á influencia da Vaccina he que se deve attribuir o augmento de população. E porque razaõ não diremos nos, *que a mesma conscripção, que annualmente faz passar para nossas bandeiras a flor de nossa mocidade, tem contribuido para este accrescimo multiplicando o numero dos matrimonios, favorecendo-os, porque elles fixaõ para sempre a sorte do joven Francez, que obedeceo a primeira vez á Lei?*

POPULAÇÃO.

A população da França em 1789 era de 26,000,000 de individuos: algumas pessoas reduziaõ mesmo seos calculos a 25,000,000. A população actual do imperio he de 42,700,000 almas, das quaes 28,700,000 pertencem aos antigos departamentos da antiga França. Esta população não he o resultado de simples conjecturas; mas de recenseamentos exactos; he hum augmento de 2,500,000, ou de quasi hum decimo, depois de 24 annos para ça.

CAPITULO PRIMEIRO.

DA AGRICULTURA.

A França pela extensaõ, e pela fertilidade de seu terreno deve ser considerada como hum estado essencialmente agricola.

Com tudo elle recorreo longo tempo a seos vizinhos para

supprir a muitas das suas principaes necessidades. Elle tem-se quasi inteiramente resgatado desta precizaõ.

O producto medio de huma colheita em França he de 270 milhoens de quintaes, dos quaes he preciso tirar 40,000,000 para as sementes.

A colheita em 1811, hum dos peiores annos conhecidos, entrou no calculo deste producto medio.

Os 230,000,000 de quintaes que restaõ para o consumo, teriaõ pelos preços actuaes, hum valor de quasi 5 mil milhoens; mas pelos preços reduzidos de 15 annos, este valor não he mais do que 2,300,000,000.

A populaçãõ do Imperio Francez he de 42 milhoens de individuos: consequentemente nossa colheita media dá 520 libras de graõ a cada hum; o que excede todas as necessidades, taes quaes se tem avaliado em diversas epocas.

Depois de longas indagaçoens feitas por ordem do antigo governo, tinha-se calculado esta necessidade em 470 libras; e tinha-se achado que a França produzia medianamente as quantidades necessarias para hum tal consumo.

Nossos productos cereaes tem pois augmentado hum decimo. Em 1789 a França tinha tirado dos paizes estrangeirõs em graõs o valor de 70 milhoens; e em 1812, anno em que a carestia devia ser muito mais sensivel, porque a colheita de 1811 tinha sido incomparavelmente peor, que a de 1789, nos somente importamos de fora 18 milhoens de graõs. Com tudo se a careza tem sido grande, a necessidade real sentio-se muito menos do que em 1789.

O Governo a nada se poupou para tornar menos penozas as conseqüencias da má colheita de 1811.

O objecto principal de seos cuidados foi facilitar, e operar mesmo o transporte dos excedentes que muitos departamentos tinhaõ, e approximalos áquelles, que tinhaõ maiores precizoens. Suas operaçoens tiveraõ em resultado—augmentar a mais de dois milhoens de quintaes de paõ as quantidades existentes nos departamentos, que provem Paris, a Normandia, Liaõ, e Marselha: ensinar ao commercio novos caminhos que elle tem seguido depois com successo; manter na capital o paõ por hum preço moderado e n'huma abundancia tal, que nella houve a mesma segurança e tranquillidade que nos annos mais productivos; accrescentar novos, e economicos meios alimentares aos que ja se uzavaõ; e neutralizar quasi inteiramente os effeitos de hum anno peor do que algum daquelles que se tem seguido a 1709.

As despezas destas operaçoens não excederaõ a 40,000,000 de francos, ametade dos quaes foi empregada em dar succorros individuaes em substancias á classe mais necessitada do Povo.

Depois dos trigos, a principal producção de nosso solo he o vinho.

A França produz, anno medio, 40 milhoens de *hectolitros* de vinho: 3,800,000 *hectolitros* são convertidos em aguas ardentes, que a 80 francos, formão huma renda annual de 52,000,000 de francos.

Os 36,200,000 *hectolitros*, que restaõ, tem hum valor de 749,500,000 francos, contando mesmo 12 milhoens no modico valor de 5 francos.

A colheita dos vinhos he pois para nos hum objecto de 800,000,000. Reconhece-se todos os progressos que este genero de cultura tem feito, quando se compara o anno medio das exportações antes da revolução, com as que se tem feito ha dez annos, e o consumo interior nestas duas epocas.

A exportação dos vinhos era de 13 milhoens; hoje he de 30 milhoens.

Em 1791, o consumo de vinho em toda a França era avaliado somente em 16,500,000 *hectolitros*; actualmente he o dobro, entretanto que as unições que se tem feito ao Imperio, formão, pouco mais ou menos, somente hum terço da população actual.

Oito milhoens de *Hectaros* em bosques, e florestas, alem de arvores espalhadas, asseguraõ á França meios de suprir as suas necessidades em combustivel, e em madeiras de construcção. Recenseamentos feitos com cuidado em todas nossas florestas, tem provado que nos temos a madeira necessaria para construir muitos mil navios de guerra. Hum milhaõ e oito centos mil *hectaros* destas madeiras pertencem a particulares; o resto pertence ao Estado, e ás municipalidades. A renda annual dos bosques he de 100,000,000.

Está restabelecida a ordem neste ramo de nossa agricultura; repovoão-se as florestas, e se conservaõ; estradas, e canaes tornaõ accessiveis aquellas que se não podião cortar; as numerosas construcções civiz, militares, e da marinha, estaõ abundantemente providas e nos não importamos do estrangeiro senão o valor de 5 milhoens em madeiras, por anno: antes de 1789 nos importávamos o valor de 11 milhoens.

Os linhos, e canhamos, como materias primeiras somente, daõ hum producto annual de 80 milhoens: 1,200,000 quintaes de canhamo entraõ por 48 milhoens neste producto: 500,000 quintaes de linho formão o seu complemento.

Estas quantidades seriaõ mais que sufficientes para nosso consumo interno: mas nos fabricamos tambem para o estrangeiro, e agora, como n'outro tempo, elle nos fornece em materias primeiras hum valor annual de 10 a 12 milhoens em canhamo, e linho.

O valor annual de nossos oleos vegetaes he de 250 milhoens. Ha 25 annos nos importávamos do estrangeiro o valor de 20 milhoens em oleos; hoje não só não importamos coiza alguma neste artigo; mas ate exportamos annualmente o valor 5 a 6 milhoens delle.

Esta situação he devida á introducção da cultura, em grande, de muitas plantas oleozas, principalmente do *Colzat*, e á acquisição d'algumas provincias ricas em olivaeas.

O tabaco não se cultivava, senão por excepção, e n'hum pequeno numero de nossas provincias: nos tirávamos quasi inteiramente do estrangeiro esta folha de hum uzo tão geral. Custava-nos annualmente 8 a 10 milhoens; mas esta importação estava reduzida a 5 milhoens pela re-exportação dos tabacos fabricados. Hoje 30 milhoens de libras de tabaco são o producto de 30,000 geiras de nossas terras destinadas para esta cultura: o valor medio de folha bruta he de 12 milhoens; e nos so recebemos do estrangeiro qualidades fracas necessarias para as misturas nos tabacos de qualidade.

Nos somos hoje mais ricos em forragens e em palhas do que n'outro tempo; os prados artificiaes, a redução dos alqueives, o augmento em o numero dos gados o provaõ; mas eu não examinarei o valor destes generos, posto que elles formem huma importante parte das producçoens de nosso terreno, e das transacçoens de nossos cultivadores; porque elle me parece comprehendido no producto dos gados com que faria dobrado emprego.

Depois de ter fallado de nossas producçoens vegetaes mais importantes, as sedas devem fixar immediatamente nossa attenção. Tudo nos pertence ou ao reino de Italia, nesta materia precioza, producção primeira, e fabrico; a França só, e a Italia possuem na Europa sedas em quantidade d'alguma importancia; e quanto á qualidade, ellas são preferiveis a todas as sedas conhecidas.

A materia primeira, os casulos, daõ para os dois Estados hum producto de 70,000,000 trinta dos quaes pertencem á França.

Nossa colheita mediana he de 22 milhoens de libras de casulos; a de Italia he de 30 milhoens de libras.

N'outro tempo nos importavamos o valor de 25 milhoens de sedas fiadas. O anno medio das importaçoens, ha quatro annos a esta parte, he de 10 milhoens; e com tudo nos exportamos em sedas o valor dobrado do que exportávamos antigamente.

Este melhoramento vem sobre tudo da uniaõ do Piemonte, e dos departamentos transalpinos á França. Elles entraõ por ametade na colheita total de nossas sedas. Mas elle depende

tambem do aperfeiçoamento da educação dos bichos de seda. O producto liquido dos carulos, na antiga França, era somente avaliado em 2,000,000.

Trinta e cinco milhoens de carneiros daõ-nos 120,000,000 de libras (de pezo) em lãs; nove milhoens dos quaes saõ de lã fina, ou aperfeiçoada. He hum producto bruto de 129 milhoens.

Estas lãs aperfeiçoadas saõ o resultado do melhoramento de 1,500,000 carneiros; melhoramento que vai sempre em augmento, e que, ha so hum pequeno numero de annos, se tem feito sensivel.

A execuçaõ do systema que, por toda a parte em que a industria particular naõ saberia obrar com bastante efficacia, poem ao alcance dos cultivadores meios faceis de aperfeiçoamento, prosegue-se com cuidado.

Desde este anno para çã 28 depozitos de carneiros merinos, estabelêcidos pelos cuidados da administraçaõ, têm melhorado a raça de 54,000 ovelhas.

O typo das bellas especies conserva-se em numerosos estabelecimentos formados por grandes proprietarios, e em dez apriscos pertencentes ao Estado.

Nos importamos ainda lãs de fora no valor de 31 milhoens, quasi todas superiores ás qualidades communs: os progressos do melhoramento começado, e tornado certo pelos resultados ja obtidos, nos livraraõ hum dia desta necessidade.

Os gados lanigeros fornecem para o consumo hum dos generos mais importantes, sobre tudo nos paizes meridionaes. O producto annual de 8 milhoens destes uteis animaes pode-se avaliar em 56 milhoens.

A França tem 5,500,000 cavallos. A reproducçaõ annual he de 280,000; 250,000 chegaõ a quatro annos, e daõ hum producto annual de 75 milhoens.

A educação dos cavallos tinha sido singularmente desprezada durante as nossas perturbaçoens; a administraçaõ tem-se occupado com successo no restabelecimento das raças mais uteis.

Garanhoens escolhidos assegurã todos os annos o melhoramento dos productos de 60 000 egoas; só os depozitos mantidos pelo Governo contem 400 garanhoens.

Brevemente ficaremos inteiramente livres da fraca importaçaõ de hum valor de 3,000,000 em cavallos.

A França tinha antigamente 1,700,000 de idade; que juntos com os pôtros, podiaõ fazer chegar a 2,300,000 o total dos cavallos. Depois do augmento territorial, as proporçoens ficaraõ, pouco mais ou menos as mesmas.

O gado cornigero naõ só tem hum valor, como instrumenta

de agricultura : elle fornece tambem a nossa subsistencia, a nossas alcaçarias, a diversos ramos de nossa industria, materias muito importantes.

Seu numero monta a 12,000,000.

Nos consumimos annualmente 1,250,000 de bois ou vacas, e 2,500,000 vitelas, cujo valor medio he, pelo menos, de 161 milhoens.

O numero dos animaes cornigeros está consideravelmente augmentado ; os cuidados que se lhes tem prestado, são mais bem entendidos. A duração media de sua existencia he mais longa. Ha vinte annos que as exportações, e importações eraõ iguaes ; hoje as exportações são o triplo das importações. Elles sobem ao valor de 10,000,000.

O leite, a manteiga, os queijos de 6,300,000 vacas daõ hum producto de 150 milhoens.

Noutro tempo nossas importações em manteiga, e queijos excediaõ muito nossas exportações ; hoje he o contrario ; em 1812 as exportações foraõ de 10,000,000.

As peles dos animaes lanigeros, que morrem annualmente, tem hum valor bruto de 36 milhoens. Este genero de producto nunca foi sufficiente para nossas precizoens.

4,900,000 de porcos, annualmente consumidos, tem hum valor de 274 milhoens.

As substancias mineraes tem hum lugar entre as ricas produccões de nosso terreno.

Nossas minas de ferro, que em 1789 forneciaõ 1,960,000 quintaes de ferro fondido, daõ hoje 2,860,000 quintaes desta primeira materia, e 400,000 quintaes da segunda ; he hum augmento de ametade mais. Com tudo nos recebemos ainda algum ferrõ do estrangeiro.

Só o valor primeiro de nosso mineral he de 50 milhoens. As minas de carvão daõ tambem hum producto de 50 milhoens que he cinco vezes o valor daquellas que a França minerava em 1790 ; mas a maior parte deste augmento provem das unioens do imperio.

A França consome annualmente 560 milhoens de libras de sal (em pezo), cujo valor bruto he de 28 milhoens. As salinas seriaõ bastantes para o triplo deste consumo.

Neste esbõço dos productos de nossa agricultura eu não tenho podido fallar senaõ d'alguns objectos principaes ; eu tenho necessariamente desprezado a grande numero daquelles, que, menos importantes, olhados separadamente, offerecem hum grande valor por sua reuniaõ, os legumes, os diversos graons, os fructos, os jumentos, os machos, as cabras, seu leite, e seu queijo, o das ovelhas, o sebo, galinhas, &c. as arvores espalhadas, os peixes, o mel, e a cera de nossas abelhas, os viveiros de plantas ; e todos estes objectos unidos entraõ em nossos consumos ao menos, no valor de 450 milhoens.

He pois hum valor de 5,031,000,000 que reproduz annualmente nosso bello terreno somente em materias brutas, e primeiras—

(Continuar-se-ha.)

DISCURSO

Do Imperador Napoleaõ passando por Varsovia a 15 de Dezembro ultimo, feito em prezença do Embaixador de França e dos Ministros Polacos.

“ Ninguem podia prever o desgraçado exito de huma campanha começada com tanta gloria. Eu commetti dois erros—ir a Moscow—e demorar-me ali taõ longo tempo. Talvez serei censurado; com tudo era huma medida audaciosa, e grande; mas he verdade que do sublime ao ridiculo ha hum curto espaço. A posteridade julgará. Eu não fui batido pelos Russos; mas eu não pude vencer os elementos. Não tive falta de provizoens; foi somente o frio excessivo que deo cauza aos meos dezastres. No espaço de poucos dias eu perdi 35 mil cavallos. O soldado Francez, e Allemaõ, bem como os cavallos não são feitos para hum tal clima; elles não resistem ao frio: passados 7 grãos, para nada prestaõ. Generaes, e officiaes, nunca mais achei alguem em seu posto.—Ate 6 de Novembro estava eu Senhor da Europa; ja o não estou. Eu estive 17 dias privado de toda a communicação. Sei que se intriga na Allemanha; e he preciso que eu va a Pariz para dali vigiar Berlin, e Vienna, e ver o que ali se passa. Meos soldados rogaraõ-me que deixasse o exercito, pois que minha prezença ja não era ali necessaria. O exercito não he actualmente taõ grande que meos generaes o não possaõ conduzir. Demorar-me-hei huma hora em Dresda para fallar ao Rey, e prosiguierei depois meu caminho para Pariz. Eu cahirei ali á meia noite como huma bomba; no dia seguinte todos ficaraõ taõ espantados com a minha volta, que se não fallará d’outra coiza na capital e em toda a França, e todos se esquecerãõ do que aconteceo. Falta-me dinheiro e braços; eu vou procura-los. Eu vou preparar hum exercito de 300,000, com a qual marcharei na primavera proxima e destruirei os Muscovitas. Eu estou extremamente satisfeito com as tropas Polacas; nenhuma as igualaõ em coragem, em perseverança, e boa disciplina. O exercito Francez ja não he o que foi: elle perdeo toda a disciplina; eu o desconheço. Vos podeis (voltando-se para os Ministros Polacos) estar seguros da minha protecção: eu nunca vos abandonarei.

PORTUGAL.

PORTARIA.

Havendo chegado á Real Presença do Principe Regente Nosso Senhor diversas representações de Negociantes vasallos de Sua Magestade Britanica, contendo queixas de que em algumas das Alfandegas deste reino se não procede nas avaliações dos artigos de manufactura, ou producção da Gra-Bretanha, e suas colonias, que antes do tratado de commercio de 19 de Fevereiro de 1810, se não achavaõ comprehendidos na Pauta, na forma do Artigo 16. do mesmo tratado, no qual foi determinado, que as avaliações de taes generos se fação, *ad valorem*, conforme as facturas devidamente apresentadas, e juradas pelos importadores: he Sua Alteza Real Servido ordenar, que em quanto se não fizer a Pauta annunciada no Artigo 15. do tratado, geral e imperterivelmente se observe nas ditas Alfandegas o methodo estabelecido no referido Artigo 16. para as avaliações de todos os generos, e artigos de Commercio Britanico, a que pelo tratado he concedida a entrada nestes reinos, e cujos valores se não achão fixados na Pauta, ou ordens, que lhe servem de supplemento, anteriores á época do dito tratado, devendo ser das importancias das mesmas avaliações, que hajaõ de deduzir-se os direitos precipuos, que pelo Artigo 15, e outros do tratado pertencem á real fazenda: e isto não obstante quaesquer praticas, ou opinioes em contrario, porque todas o mesmo Senhor Manda declarar abusivas, e reprova como erroneas, e oppostas ao sentido literal, e virtual da estipulação expressada no dito Artigo 16. o qual será executado em toda a sua extenção, e com as penas no mesmo comminadas: Manda outrosim Sua Alteza Real declarar, que por factura deve entender-se para o dito effeito a conta, não só do primeiro custo do genero, mas igualmente das despesas feitas até o lugar da descarga: ultimamente Manda Sua Alteza Real, que os juizes, e officiaes das Alfandegas sejaõ promptos, e diligentes na expedição dos despachos, e dependencias dos Negociantes, ficando sempre livre as partes queixosas o recurso para os Magistra-

dos, e Tribunal do Conselho da Fazenda, nos termos do § 3 do Alvará de 16 de Dezembro de 1774. O mesmo Conselho da Fazenda, superintendentes, e administradores geraes das Alfandegas deste reino, e do Algarve, juizes, e mais officiaes dellas, o tenhaõ assim entendido, e cumpraõ muito inviolavelmente. Palacio do Governo em 19 de Outubro de 1812.

Com cinco Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

Sendo presente ao Principe Regente Nosso Senhor a consulta da real junta do commercio, agricultura, fabricas, e navegaçãõ destes reinos sobre o requerimento das mulheres que pertendem vender por mindo, durante a guerra, as fazendas pertencentes aos mercadores das cinco classes, com damno irreparavel dos supplicados: manda Sua Alteza Real que as supplicantas possaõ vender interinamente, alem do que por lei lhes he permittido, as fazendas, e mais cousas em que convem os supplicados na fórma da petiçãõ, e relaçaõ assignadas por elles, e que se remettem com esta, com tanto que o façaõ com as licenças competentes, e em lojas, e não pelas ruas centra a ordem expedida da Corte do Rio de Janeiro, até á resoluçãõ de outra consulta sobre a representaçãõ do intendente, e deputados do meza do bem commum, que a real junta fará subir com a brevidade possivel, procedendo-se na conformidade das leis, não só contra as mulheres, mas tambem contra os homens, que igualmente andarem vendendo fazendas pelas ruas. A mesma real junta assim o tenha entendido, e o faça publico por editaes, e executar com os despachos necessarios. Palacio do Governo em 14 de Novembro de 1812.

Com as Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

Fazendas que as mulheres podem vender, como lhes he permittido pelos Estatutos dos Mercadores de Retalho.

Toalhas de Torres: Franjas brancas de linha: Coifas de linha, e de renda da terra: Ataduras de panno de linho: Assentos de ponhos: Flores de seda, e de pennas: Tijelas de

côr, e carmim : Pomadas : Linhas de toda a qualidade, feitas no Reino : Meias de linha : Luvas de linha : Rendas feitas no Reino : Fitas de linho, ou de nastro, feitas no Reino ; Botoes de linha.

Fazendas que os Mercadores de Retalho cedem ás mulheres para as poderem vender cumulativamente com as lojas das cinco classes, a fim de que tendo mais estes generos em que negociar, se abstenhaõ inteiramente de vender pelas ruas, e cazas aquellas fazendas que pertencem as mesmas classes ; ficando por tanto sugeitas, no cazo de reincidirem, ás penas que as leis lhes impoem.

Pannos de linho da terra : Estopas da terra : Talagarsas de linho de Guimaraes para vestidos, e folhos : Veos de linho de Guimaraes para Freira : Tapetes feitos em Arrayolos : Ataduras de linho adamascadas, vindas de fora : Assentos de punhos, vindos de fora : Fitas de linho, vindas de fora : Laminas : Nastros de linho, vindos de fora : Agulhas para coser : Alfinetes : Dedaes : Colchetes de arame, e ferro : Atacadores de linho : Atacadores de cadarso : Novelos de algodão, vindos de Inglaterra : Rendas de dito, vindas de Inglaterra : Pentes de osso : Pentes de marfim : Bonecas de seda : Bonecos de paõ : Vidrilhos : Veronicas : Barba de baleia : Bolsas de linho : Algibeiras de Mulher : Borlas de deitar pões : Borlas para botas : Trancelim para debruar botas, e capatos : Retrós partido, e não em meada : Berimbaos : Gaitas : Assobios : Tambores : Treçados : Machetes : Espingardas de paõ : Cachimbos de gesso : Agulheiros de paõ : Relogios de estanho : Pões de taco : Pennas de tartaruga para tocar : Figas de osso : Figas de madre-perola : Corações de madre-perola : Brincos de missanga : Brincos de pedras de massas : Brincos de arame com cabaças de vidro : Suspensorios : Fios de contas de pedras de côr : Almofadinhas de alfinetes : Indispensaveis de meninas : Registos, e estampas : Escapularios : Palmilhas de panno de linho : Palmilhas de meia : Manguitos de crianças : Meadinhas de algodão para torcidas : Giz branco : Giz de alfaiate : Pedras de ferir fogo : Pederneiras de espingarda : Arêa grossa : Arêa de escrever : Breves da marca : Evangelhos de S. Joaõ : Pucaras de graxa para botas : Barbante, e cordel de piaõ : Sevadinha : Tapioca, e Sagú.

Sendo repetidos os clamores dos habitantes, e viandantes da Comarca de Setubal, e mais terras da provincia do Alê-

Téjo, contra as diversas quadrilhas de Ladroes, que sem temor das leis divinas e humanas se tem atrevido a infestar, e saltar as estrôdas e caminhos publicos, montes, e algumas casas das ditas terras, e feito continuados roubos com escandalo geral, e damno publico e particular: E sendo indispensavel hum prompto e severo castigo, para restabelecer a segurança e tranquillidade publica, que nunca foraõ mais necessarias doque nas actuaes circumstancias, em que se devem remover todos os embaraços contra a defeza do reino, que he o nosso principal objecto: Manda o Principe Regente Nosso Senhor excitar a observancia do decreto de 5 de Novembro de 1755, e lei de 20 de Outubro de 1763; para que as pessoas, que houverem sido comprehendidas nos ditos roubos desde o primeiro do corrente anno, ou os commetterem daqui em diante, nas mesmas terras, sendo antuados em processos simplesmente verbaes, pelos quaes conste do mero factõ, que com effeito saõ reos delles, sejaõ remettidos com os mesmos processos, e suas perguntas ao desembargador Francisco Sabino Alves da Costa Pinto, o qual os levará immediatamente á relação para os sentenciar summaria e verbalmente, e de plano com os adjuntos, que lhe nomear o Chanceller, que serve de regedor, sendo ouvidos com embargos, e executada a sentença, como se pratica com os outros reos, que entraõ no oratorio, tudo sem embargo de quaesquer disposições em contrario, que agora devem ceder á causa publica. O Chanceller da casa da supplicação, que serve de regedor, o tenha assim entendido, e o faça executar. Palacio do Governo em 26 de Dezembro de 1812.

Com as Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

Manda o Principe Regente Nosso Senhor que dos sobejos das Sizas da Vila de Alcochete passe por emprestimo para o Cofre das Sizas de Abrantes a quantia de trez contos de reis, para serem despendidos nos Caminhos e Veredas, que devem fazer-se junto aos Saltos ou Cachoeiras do Tejo desde Abrantes até Villa Velha, a fim de poderem ser conduzidas á sirga as embarçaçoens nos mesmos Saltos ou Cachoeiras, devendo as Folhas da respectiva despeza ser assignadas pelo Engenheiro Director, e mandadas pagar por Despacho do Juiz de Fora da mesma Villa pelo proprio Thesoureiro com assistencia do seu escriptaõ; Manda outro